



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI- URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA- PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO- MPEDU

REBECCA PINHEIRO SEDRIM

**DA CAÇA ÀS BRUXAS À RESISTÊNCIA DA PARTERIA TRADICIONAL NO
CARIRI CEARENSE: PARTEJANDO MUNDOS DECOLONIAIS**

CRATO
2024

REBECCA PINHEIRO SEDRIM

DA CAÇA ÀS BRUXAS À RESISTÊNCIA DA PARTERIA TRADICIONAL NO CARIRI
CEARENSE: PARTEJANDO MUNDOS DECOLONIAIS

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Regional do Cariri, como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Práticas Educativas, Culturas e Diversidades

Orientadora: Prof. Dra. Francisca Laudeci Martins Souza

CRATO

2024

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Sedrim, Rebecca Pinheiro

S449pc DA CAÇA ÀS BRUXAS À RESISTÊNCIA DA PARTERIA
TRADICIONAL NO CARIRI CEARENSE: PARTEJANDO MUNDOS
DECOLONIAIS / Rebecca Pinheiro Sedrim. Crato-CE, 2024.

140p. il.

Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do
Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Francisca Laudeci Martins Souza

1.Bem Viver, 2.Decolonialidade, 3.Caça às bruxas, 4.Parteria tradicional;
I.Título.

CDD: 370.7

REBECCA PINHEIRO SEDRIM

DA CAÇA ÀS BRUXAS À RESISTÊNCIA DA PARTERIA TRADICIONAL NO CARIRI
CEARENSE: PARTEJANDO MUNDOS DECOLONIAIS

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Regional do Cariri, como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Práticas Educativas, Culturas e Diversidades

Aprovada em: 17/12/2024.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Francisca Laideci Martins Souza
Orientador(a) do MEPDU/URCA



Profª. Dra. Aline Viana Moura Brito
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)



Profª. Dra. Ina Maria de Araújo
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Ao meu começo, meio e começo.

Aos meus avós maternos, Maria e Aluísio.

Aos meus avós paternos, Luiza e Geraldo.

Aos meus pais, Lúgia e Geraldo.

Aos meus irmãos, Breno e Luiza.

Para o meu filho, Otto.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Lúgia e Geraldo, por nunca terem desistido de me fazer abraçar os estudos como maior legado, apesar das minhas tentativas contrárias, em tempos remotos.

Ao meu filho, Otto, que me ensina que nem tudo precisa ser sobre produtividade, e com isso me leva a apreciar o sentar no chão e brincar.

Agradeço e honro todas as Parteiras tradicionais que desde sempre assistem pessoas em transformação, especialmente às que auxiliaram minhas avós, como também Sueli Carvalho, Marcele Carvalho, Kelly Carvalho, Santô e Samara Simões.

Agradeço e honro todas as Doulas que auxiliam no processo físico e emocional do parto, em especial, Alana Moraes que me acompanhou durante meu parto e às Doulas da Luz de Candeia: Simone Rodrigues, Camyla Lavor, Helayne Cândido, Luzia Gomide e Ingrid Lidiane.

Ao meu amigo e colega de mestrado Marcelo Cavalieri Teixeira por ter me apontado o mestrado da URCA como caminho, pelo estudo conjunto para a seleção e pela trajetória compartilhada.

À Instituição Universidade Regional do Cariri - URCA, especialmente ao Programa do Mestrado Profissional em Educação - MPEDU, pela possibilidade da qualificação profissional.

À orientadora Profa. Dra. Francisca Laudeci Martins Souza, por me auxiliar na travessia da ponte.

Aos colegas da turma de mestrado, pela parceria, pelas merendas nos intervalos das aulas e pelos aprendizados mútuos.

Às minhas parceiras da sublinha IV - Educação popular e suas práticas: subjetividades e cultura, Ana Hirlene de Brito Correia Oliveira, Cibele Nunes Rodrigues e Terezinha Sousa dos Santos por remarmos juntas no mar revolto.

A turma dos F.R.I.E.N.D.S, Ana Hirlene de Brito Correia Oliveira, Fábio Santos Da Silva, Jefferson Aleff Bezerra Batista, João Batista Monte de Oliveira e Marcelo Cavalieri Teixeira, pela amizade, parceria e risadas.

Às minhas amigas, Amanda Priscila Souza e Silva e Emilia Suitberta de Oliveira Trigueiro, que se prontificaram a ler o referencial teórico e me trouxeram além de sugestões, energia para avançar na minha escrita.

Ao meu grupo de supervisão clínica, Ariane Brito, Bruna Barbosa, Diogo Boccardi, Gabriela Gibson, Mônica Melo e Rosilene Amorim, em que mais do que laços profissionais, criamos um espaço de amizade, viagens e memes que me ampararam na caminhada até aqui.

Aos jornalistas, Pâmela Queiroz e Tiago Coutinho Parente, que foram de suma importância na produção do roteiro do podcast. E ao Daniel Duarte Brandão Júnior pela edição do episódio do podcast.

Às professoras participantes da banca examinadora Profa. Dra. Aline Veras Moraes Brilhante e Profa. Dra. Iara Maria de Araújo pelo encorajamento e pelas valiosas colaborações.

“[...] sujeitas de uma história própria que produz saberes especializados, somos a estabilidade confiável do cotidiano, guardiãs de suas raízes, emblema da comunidade, responsáveis pela diversidade genética que ainda existe no planeta, especialistas na vida relacional e na gestão dos laços de intimidade, adeptas de práticas de vida não burocráticas, capazes de habitar o porto seguro do espaço doméstico ou de politizar, dotadas de uma imaginação marginal e não disciplinadas pela norma positiva, treinadas para sobreviver.” [tradução da autora] (Segato, 2016, p. 105).

RESUMO

O presente estudo versa acerca do movimento de caça às bruxas (Federici, 2017 e Ehrenreich e English, 1973) que destruiu e criminalizou saberes e práticas ancestrais do universo feminino, realizando um genocídio, um feminicídio e um epistemicídio, expropriando as mulheres do conhecimento sobre seus corpos, expulsando as Parteiras da cena de parto e passando-o para as mãos de homens médicos, partindo da medicalização e da institucionalização do parto (Foucault, 2019 e Vieira, 2002). Fazendo coro à afirmação do IPHAN (2021) de que as Parteiras tradicionais são agentes de decolonialidade, defendo que a proposta sulamericana do Bem Viver (Acosta, 2016 e Solón, 2019), os estudos decoloniais (Quijano, 2005; Mignolo, 2017 e Ballestrin, 2013) e mais especificamente o feminismo decolonial (Lugones, 2014/2020; Segato, 2016/2021 e Vergès, 2020), ajudaram a trilhar um caminho para compreender a continuidade das Parteiras até os dias atuais. Objetivou-se com essa pesquisa compreender como acontece o processo de resistência da parteria tradicional no Cariri cearense diante das atualizações do movimento de caça às bruxas. Para tanto foi necessário, inicialmente, discutir as interligações entre os estudos decoloniais, o movimento de caça às bruxas, a medicalização, a institucionalização do parto e a continuidade da parteria tradicional; posteriormente, apresentar o contexto do Cariri cearense e a parteria tradicional na região delimitada, para, por fim, investigar as formas de resistências, através dos seus saberes; elementos tradicionais próprios; modos de fazer e principais características do ofício de partejar. O caminho metodológico partiu de uma revisão de literatura do tipo narrativa e a pesquisa de campo foi instituída a partir do método cartográfico (Kastrup e Passos, 2013 e Barros e Kastrup, 2015) construída a partir de três pilares: imersão etnográfica (Mattos, 2011) através do acompanhamento da parteira, diário de campo para registro das experiências e entrevista narrativa autobiográfica (Köttig e Völter (2014)). A pesquisa foi realizada na Região Metropolitana do Cariri, a partir do mapeamento realizado no VIII Saberes da Caatinga - Encontro de Raizeiras(os), Meizinheiras, Rezadeiras(dores), Parteiras, Benzedeiras(os), Mestras(es) da Cultura e Práticas de Cura da Chapada do Araripe que acontece anualmente na cidade de Exú-PE, envolvendo três Estados circunvizinhos - PE, CE e PI, seguindo os critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, uma parteira foi instituída como participante da pesquisa e após aprovação da pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), foi contactada. Como produto educacional foi desenvolvido um roteiro de um podcast com episódio único discutindo os aspectos teóricos da pesquisa, articulando com a participação da Parteira entrevistada e teve como objetivo disponibilizar para os sujeitos da educação esse material de áudio registrando o movimento da parteria tradicional na Região Metropolitana do Cariri, tendo sua relevância inscrita a partir da celebração, bem como, na preservação e continuidade do ofício de partejar (acompanhar partos).

Palavras-chave: Bem viver e decolonialidade. Caça às bruxas. Parteira tradicional.

ABSTRACT

The present study addresses the witch-hunt movement (Federici, 2017 and Ehrenreich & English, 1973), which destroyed and criminalized ancestral knowledge and practices within the feminine universe, perpetrating a genocide, a feminicide, and an epistemicide, expropriating women from knowledge about their own bodies, expelling midwives from the birthing scene, and transferring childbirth into the hands of male doctors, with its origin in the medicalization and institutionalization of birth (Foucault, 2019 and Vieira, 2002). Echoing the statement by IPHAN (2021) that traditional midwives are agents of decoloniality, this research that the South American proposal of Buen Vivir (Acosta, 2016 and Solón, 2019), decolonial studies (Quijano, 2005; Mignolo, 2017 and Ballestrin, 2013), and, more specifically, decolonial feminism (Lugones, 2014/2020; Segato, 2016/2021 and Vergès, 2020) have helped pave the way to comprehend the continuity of the Midwives to the present day. This study aimed to understand how the process of resistance of traditional midwifery in the region of Cariri, Ceará, happens amid the ongoing updates of the witch-hunt movement. To this end, it was initially necessary to discuss the interconnections between decolonial studies, the witch-hunt movement, the medicalization and institutionalization of childbirth, and the continuity of traditional midwifery. Subsequently, the study presents the context of Cariri, Ceará, and traditional midwifery in the delimited region, as to finally investigate the forms of resistance carried out by these professionals, through their knowledge, unique traditional elements, ways of practice, and the main characteristics of the midwifery craft. The methodological path was based on a narrative literature review, in addition to a field study, established through the cartographic method (Kastrup & Passos, 2013 and Barros & Kastrup, 2015), structured around three pillars: ethnographic immersion (Mattos, 2011) by accompanying the midwife, a field diary to record experiences, and an autobiographical narrative interview (Köttig & Völter, 2014). The research was conducted in the Metropolitan Region of Cariri, based on a mapping carried out at the *VIII Knowledges of the Caatinga - Meeting of Root Workers, Healers, Prayer Healers, Midwives, Spiritual Healers, Masters of Culture and Healing Practices of the Chapada do Araripe* which takes place annually in the city of Exu, Pernambuco, including two neighboring states – Ceará and Piauí. Following the inclusion and exclusion criteria previously defined, a midwife was selected as a participant in the research and, after approval from the Research Ethics Committee (REC), she was contacted for an interview. As an educational product, a script for a single episode podcast was developed, in which the theoretical aspects of this study are discussed, alongside the participation of the interviewed midwife. The goal was to make this audio material available to the subjects of education, recording the movement of traditional midwifery in the Metropolitan Region of Cariri, with its relevance framed in the celebration, preservation, and continuity of the midwifery craft (attending births).

Keywords: Buen Vivir and decoloniality. Witch-hunt. Traditional midwife.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais	57
Figura 2	Mapa do Ceará	60
Figura 3	Nascimentos assistidos por parteiras no Ceará	62
Figura 4	Mapa da Região Metropolitana do Cariri do Sul do Ceará	63
Figura 5	Disciplina de Etnoconhecimento e Currículo escolar no Mestrado em Educação da URCA	71
Figura 6	Capa da matéria jornalística do site Badalo sobre a atuação do Coletivo Parir em Paz Cariri	73
Figura 7	Imersão da Formação de Doulas	74
Figura 8	Ensaio fotográfico da equipe de parto domiciliar Luz de candeia	75
Figura 9	Roda de famílias grávidas com o tema Cura com a mãe no Roda Semear	76
Figura 10	VI Saberes da Caatinga	77
Figura 11	VII Saberes da Caatinga - Parteira do século XXI com Samara Simões	78
Figura 12	VIII Saberes da Caatinga - Equipe Luz de Candeia	79
Figura 13	Parteira Samara Simões na frente da sua sala de atendimento no Roda Semear	84
Figura 14	As mãos da Parteira	90
Figura 15	Parto de Carol, nascimento de Matheus com a equipe de parto domiciliar Luz de candeia	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Estratégias de Inclusão e Exclusão de artigos	23
Quadro 2	Mapeamento das Parteiras tradicionais no VIII Saberes da Caatinga	25
Quadro 3	Estratégias de Inclusão e Exclusão das participantes da pesquisa	26
Quadro 4	Análise dos riscos e benefícios	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Alagoas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CE	Ceará
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CNES	Conselho Nacional de Estabelecimentos de Saúde
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
COREN	Conselho Regional de Enfermagem
CRAJUBAR	Crato, Juazeiro e Barbalha
DNV	Declaração de Nascido Vivo
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INAP	Instituto de Neuropsicologia Aplicada
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MPEDU	Mestrado Profissional em Educação
NASF	Núcleo de Apoio à Saúde da Família
ONG	Organização Não Governamental
OMS	Organização Mundial da Saúde
PB	Paraíba
PR	Paraná
PE	Pernambuco
PI	Piauí
SESC	Serviço Social do Comércio
SMS	Secretaria Municipal de Saúde
SSPDS	Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social
SUS	Sistema Único de Saúde
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNILEÃO	Centro Universitário Leão Sampaio

URCA	Universidade Regional do Cariri
USP	Universidade de São Paulo
VBAC	Vaginal Birth After Cesarean Delivery

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Partejando a necessidade da pesquisa.....	14
1.2 Entrelaçamentos científicos.....	18
1.3 Caminhos da pesquisa.....	22
1.3.1 <i>Revisão de literatura</i>	22
1.3.2 <i>Pesquisa de campo</i>	24
CAPÍTULO 1 - NAS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA.....	29
1.1 O Bem Viver: gestando outros mundos.....	29
1.2 Giro decolonial.....	31
1.2.1 <i>Feminismos decoloniais</i>	34
CAPÍTULO 2 - A INSTITUIÇÃO DOS CORPOS FEMININOS: MULHERES E BRUXAS.....	38
2.1 Sou uma mas não sou só: uma narrativa de uma historiografia feminina.....	38
2.2 Mexo, remexo na Inquisição: uma narrativa de uma historiografia das bruxas	40
CAPÍTULO 3 - INSTITUIÇÃO E DESINSTITUIÇÃO DAS PARTEIRAS.....	43
3.1 Medicalização e institucionalização do parto da Europa à América Latina....	46
3.1.1 <i>Colonialismos da medicina sobre os saberes da parteria tradicional</i>	50
CAPÍTULO 4 - CONHEÇA O MEU LUGAR.....	54
4.1 No Ceará tem disso sim!.....	58
4.2 Só deixo o meu Cariri no Último Pau-de-Arara.....	62
4.2.1 <i>A invenção da medicina no Cariri</i>	65
4.2.2 <i>Universidade Regional do Cariri - URCA</i>	68
4.2.3 <i>Equipe Luz de Candeia do Roda Semear</i>	71
4.2.4 <i>Saberes da Caatinga: Encontro de Raizeiras(os), Meizinheiras, Rezadeiras(dores), Parteiras, Benzedeiras(os), Mestras(es) da Cultura e Práticas de Cura da Chapada do Araripe</i>	76
CAPÍTULO 5 - CARTOGRAFANDO A CONTINUIDADE DE UMA PARTEIRA TRADICIONAL.....	81
5.1 Entre o sonho de ser artista e o desejo de construir uma patrulha salvadora	83
5.2 A profecia de Tio Marcos anunciando que vinha chegando Samarica Parteira	83
5.3 Nascer com o dom de ser parteira: nascendo e se assumindo Parteira.....	85
5.4 Tu foi a Parteira que recebeu: a revelação do Oráculo e o sonho confirmatório	87
5.5 O trabalho da parteira é a gente celebrar a vida com consciência: os partos da parteira.....	90
5.6 Eu já me senti perseguida várias vezes, a ponto de querer desistir mesmo: a caça às parteiras.....	93

5.7 Resistir é continuar: resistindo no Cariri.....	95
5.8 Parto em casa é bonança de lindas alegrias emanadas.....	99
5.9 Nascimento da placenta	104
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	110
APÊNDICE A – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	117
APÊNDICE B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	125
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	126
APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E ÁUDIO PARA ENTREVISTA.....	129
APÊNDICE E – PONTOS DA ENTREVISTA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA.....	130

1 INTRODUÇÃO

1.1 Partejando a necessidade da pesquisa

Compreendo que toda escolha pessoal é também política, por isso, decidi iniciar essa dissertação apresentando a mim o processo de emergência da temática da pesquisa.

Sou Rebecca, nasci numa noite de São João no ano de 1989, no Cariri cearense, por via cesariana. Minha mãe já sentia algumas contrações, mas prevaleceu a falsa ideia de que, *como o parto anterior tinha sido cesariana, optou-se novamente por essa via*. Filha de mãe professora aposentada e pai gerente comercial, também aposentado, sou a filha do meio de um total de três, sendo um irmão mais velho e uma irmã mais nova. Venho de uma família classe média e miscigenada, mãe branca e pai negro. Sempre estudei em escolas particulares e fiz faculdade numa instituição, também, privada.

Durante a graduação em Psicologia não me recordo de ter estudado sobre perinatalidade, termo que pode ser compreendido como o ciclo que pode ir desde a tentativa de engravidar, passando pela gravidez, o parto, até o puerpério (período não exato, mas que pode durar até dois anos após o parto). Após cinco anos de formada, atuando no Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF), acompanhando, dentre outros públicos, grupo com gestantes e puérperas, me descobri grávida. Ao passo que ia pesquisando e aprendendo sobre a gestação e o mundo que é a maternidade, fui compartilhando e aprendendo com outras gestantes, situadas em realidades diferentes, apesar da experiência em comum da gravidez.

Quando descobri a gestação, logo pensei em ser acompanhada pelo meu ginecologista, que já havia sido o obstetra de pessoas da família e choveram elogios de como ele era humano, atencioso e disponível. No início do pré-natal foi tudo ótimo, comprovei tudo o que havia sido dito sobre ele, agora como obstetra. Nesse início, não tinha nada definido sobre a via de parto e ele também não falava sobre o assunto. Conforme a gravidez foi avançando, cresceu também o meu desejo por um parto vaginal. O médico também me incentivou, dizendo que ele *faria* o parto (hoje compreendo o sinal de alerta que essa expressão denuncia, pois, o protagonismo do parto passa a ser dele quando afirma que o fará).

Tive uma gestação muito tranquila, o que é considerado pela medicina clássica como risco habitual. Mesmo assim, comecei a perceber que o médico estava se *excedendo nos cuidados* com a gestação e, depois de algum tempo, percebi que ele não estava cuidando de mim e do meu bebê, mas sim procurando uma desculpa para me indicar uma cesariana de *urgência, porém agendada conforme a disponibilidade dele*. Aos poucos, fui mudando minha percepção quanto à atenção e disponibilidade do obstetra. Nesse contexto: o mesmo, solicitou a realização de oito ultrassons em nove meses, fora o cardiotoco realizado com trinta e sete semanas; refiz exame de tolerância à glicose, pois a taxa estava elevada, segundo exame realizado, resultado dentro da normalidade; depois insistiu que minha pressão estava elevada, mas quando eu aferia em outro ambiente, que não o consultório, estava normal; assinou o plano de parto fazendo algumas solicitações notoriamente a contragosto, e dizendo que estava assinando, mas tudo aquilo era procedimento padrão (voltaremos ao plano de parto depois). No desenrolar desse conjunto de ações, a gota d'água para que eu entendesse o que estava acontecendo foi quando eu desabafei dizendo que estava muito ansiosa e ele respondeu: *se você quiser, acabamos com essa ansiedade amanhã mesmo*. Hoje percebo que, nesse momento, eu deveria ter desistido dele como obstetra, inclusive, cheguei a ligar para outra médica, porém não tive apoio emocional e financeiro suficiente para bancar essa opção.

Em quinze de julho de 2018, durante a noite, estava com trinta e nove semanas e sete dias (o dia que achava que Otto iria nascer) e, por volta das onze da noite, começaram as contrações (pródromos). Passei a madrugada sentindo-as. A dor não era forte, conseguia dormir nos intervalos. Pela manhã as contrações continuaram até umas dez horas da manhã, depois sumiram, como se nunca tivessem existido. Avisei ao médico, que disse algo do tipo: preciso lhe examinar já que você não permitiu um exame de toque na consulta de rotina (queria fazer um exame de toque numa consulta de rotina, sem que eu estivesse em trabalho de parto). No turno da tarde, fiz o primeiro de muitos exames de toque que estavam por vir e estava com dois centímetros de dilatação, mas seguia sem sentir dores nem desconfortos físicos.

No início da noite, as contrações voltaram, mais fortes e mais ritmadas. Lembro de estar na mesa para jantar e o ato de ficar sentada já era desconfortável. Então comecei a colocar compressa quente, ficar no chuveiro, sentar na bola de

pilates, ficar em quatro apoios. A dor estava cada vez mais forte e as contrações com intervalo de quatro minutos, em média. Avisei ao médico que indicou a minha ida para o hospital, momento no qual também informei para a Doula. Fomos, eu, o pai do bebê e os pais dele (além do médico, foram duas pessoas que fizeram com que eu fosse precocemente para o hospital, pois não estava me sentindo confortável nem na minha própria casa), lembro ainda que sentir as contrações durante o trajeto de carro foi horrível.

Chegamos ao hospital por volta das dez da noite, passei por outro exame de toque com a médica plantonista (senti muito incômodo dessa vez) e estava com quatro centímetros de dilatação. Fomos para o quarto, fiquei em um quarto regular, algum tempo depois fomos para o quarto do dito *parto humanizado*, sempre acompanhada pelo pai da criança e pela Doula. Eu continuava fazendo os exercícios com a bola, ficava agachada, quando vinha a contração só queria agachar e fazer força com as mãos puxando algo. A banheira com água quente é ótima, relaxa muito mesmo, tanto que comecei a cochilar. A Doula me acordava, colocava essência de alecrim, me tirava da banheira, mas o sono era intenso, pois já era madrugada de segunda para terça e, desde o domingo, não tinha dormido direito.

A dor já era muito forte, não conseguia conversar. Se já sou introspectiva, nesse momento já não falava nada. Não lembro bem quantos exames de toque foram feitos, mas a cada um realizado, ia ficando mais desconfortável. Em determinado momento dessa madrugada quis desistir, comecei a falar repetidamente: não vou conseguir, não aguento mais. Nessa hora precisamos de pessoas que nos lembrem da nossa força e do nosso desejo, no qual o pai da criança foi essencial. Ainda que ele tivesse receio quanto ao parto normal, foi um super parceiro e seguiu me incentivando, fazendo massagem, colocando água quente. Minha doula, com quem me conectei tão rapidamente, a conheci quando estava com trinta e sete semanas, duas semanas antes do parto, tivemos quatro encontros e parecia que a conhecia há muito tempo, também não teria chegado tão longe sem ela. Então, tenham uma Doula!

Quando era umas quatro horas da terça, o exame de toque indicou sete centímetros, aproximadamente, às sete horas foi realizado novo exame de toque e estava com oito centímetros. Perguntei sobre analgesia, mas voltei atrás, pois sabia que estava perto e que poderia tornar mais lento o trabalho de parto. O médico disse que dentro de duas horas voltaria, pois seria o tempo de chegar aos dez centímetros

e iniciar o expulsivo. Dito isto, encontrei força e energia não sei aonde para continuar, foi quando saiu o tampão mucoso.

Às 10h ocorreu o último exame de toque e eu continuava com oito centímetros de dilatação. Não acreditava, queria chorar, na verdade já estava chorando. A indicação do médico foi realizar a cesariana, momento em que me falou que eu tinha sido muito ativa durante todo o trabalho de parto, que ele não tinha me negado o direito de tentar, já que tinha passado a madrugada no hospital ao meu dispor (Sim! Ele jogou isso na minha cara e se justificou como se soubesse que estava agindo errado). Na hora, apesar da frustração, concordei e senti um pouco de alívio, finalmente iria conhecer meu filho.

Ao chegar na sala de cirurgia, ainda em trabalho de parto obviamente, pois não é porque o médico decide pela cesariana que o trabalho de parto cessa, me percebi desacompanhada. O obstetra e a médica auxiliar estavam sentados no chão, onde lá ficaram, o pai da criança e a Doula se vestiam para entrarem na sala, nunca me senti tão sozinha e desamparada. A única coisa que lembro dele falar para a colega foi: “ela está sentindo dores muito fortes há muito tempo”, não sei se ele estava justificando os meus gemidos, o meu choro ou o porquê de eu estar numa maca, prestes a ser anestesiada e cortada, mesmo sem real indicação.

Otto nasceu às onze e sete da manhã. Passei a cirurgia inteira chorando, por frustração, medo, cansaço, alívio e ansiedade, conjuntamente, passava tanta coisa na minha cabeça e ao mesmo tempo nada. Lembro que ter que ficar parada para tomar uma anestesia sentindo contrações, foi difícil. É muito brusca a mudança de um parto vaginal para uma cesariana. Sentia que era mais uma, não protagonizava mais o processo junto ao meu filho naquele momento. Por fim, senti o peso de ter entregue meu parto nas mãos erradas. A equipe, sem compreender e sem saber lidar com minhas emoções, manifestas no choro, conseguiu piorar ainda mais a situação quando a médica auxiliar disse: “chora não, daqui a cinco anos tu tenta ter outro parto normal”.

Finalizada a cirurgia, meu filho foi levado de mim, momento em que o pai da criança foi junto, segurando-o, enquanto eu fiquei com a minha Doula, sendo costurada. O médico chegou ao meu lado e disse: “estou indo para o consultório, se precisar de alguma coisa é só ligar”. É isso mesmo, fui a última em que ele fez cesariana e ele estava indo embora. A única necessidade para essa cirurgia foi

manter a agenda dele, mas eu ainda tive que agradecer por ele ter passado a noite no hospital.

Aqui regressamos ao plano de parto, em que nada do que solicitei foi feito. As luzes não foram diminuídas, o ar-condicionado não foi desligado, o pai da criança não cortou o cordão umbilical, não tiramos foto da placenta e o meu filho não ficou comigo em sua primeira hora de vida.

Apesar de ter sido realizada a cirurgia, não me arrependo de forma alguma por ter passado pelo trabalho de parto. Pelo contrário, foi uma experiência maravilhosa. Testei vários limites e não desisti. Fui até onde pude para respeitar o tempo do meu filho, o meu e lutar contra o sistema, com o que via de possibilidade. Ao considerar o aprendizado com esta experiência, faria algumas mudanças, como: hoje minha primeira opção seria parir em casa com uma Parteira tradicional. Sou muito grata por ter entrado em trabalho de parto, pois, para mim, era muito importante saber que era o momento do meu filho, que ele estava pronto. Sabia da probabilidade da cesariana e trabalhei isso nos encontros com a Doula. Hoje consigo tomar consciência do que necessito aprender com essa história do parto. Por exemplo, a tomar para mim a responsabilidade das minhas escolhas, mas sabendo que algumas situações não estão sob o meu controle, tanto quanto acreditar em mim e em uma força que nem eu sabia que tinha, bem como pedir ajuda quando necessário.

Aquilo que acontece conosco precisa, em alguma medida, fazer laço social, pois, mais importante do que o que fizeram comigo, é o que eu vou fazer a partir disso. Portanto, ter feito parte do Coletivo Parir em Paz Cariri que luta contra a violência obstétrica na região; realizar a Formação em Psicologia Perinatal do INAP; a Formação em Psicanálise, Perinatalidade e Parentalidade do Instituto Gerar; realizar a minha formação de Doula na tradição; entrar para a equipe de parto domiciliar da Luz de candeia, e, agora, realizar o mestrado pesquisando sobre parteria tradicional são passos de uma luta múltipla, pelos direitos das parturientes à partos respeitosos, da continuidade da parteria tradicional, e a reelaboração das violências sofridas.

1.2 Entrelaçamentos científicos

“Fogo!... Queimaram Palmares,
 Nasceu Canudos.
 Fogo!... Queimaram Canudos,
 Nasceu Caldeirões.
 Fogo!... Queimaram Caldeirões,
 Nasceu Pau de Colher.
 Fogo!... Queimaram Pau de Colher...
 E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem
 queimando.
 Porque mesmo que queimem a escrita
 Não queimarão a oralidade.
 Mesmo que queimem os símbolos,
 Não queimarão os significados.
 Mesmo queimando o nosso povo,
 Não queimarão a ancestralidade.”
Nêgo Bispo

Depois da experiência relatada anteriormente, passei a questionar o que aconteceu socialmente para que as minhas avós tivessem tido vinte e dois partos vaginais, a maioria em casa com assistência de Parteiras, ocorrendo algumas transferências para hospitais por alguma complicação. Enquanto que a minha mãe passou por três cesarianas *por opção* e, em contrapartida, eu ter desejado um parto vaginal hospitalar e ter tido uma cesariana intraparto¹ *por indicação do médico*. Quais as mudanças sociais que explicam esse fenômeno ter acontecido não somente em minha família, mas em tantas outras gerações de mulheres?

Durante a pandemia, no ano de 2020, me divorciei e senti na pele as injustiças acerca da invisibilidade do trabalho doméstico e do impacto da maternidade na minha vida profissional. Neste momento, foi quando tais peças ganharam uma cola teórica ao ler *O ponto zero da revolução*, da Silvia Federici (2019). Comecei por esse livro e logo depois cheguei no *Calibã e a Bruxa*, no qual boa parte da presente proposta de pesquisa se ancora.

Federici (2017) realiza o convite a um retorno ao sistema feudal para compreender esse processo histórico, pois, por mais que o campesinato europeu trabalhasse nas terras dos senhores feudais, eles tinham acesso às terras comuns, em que podiam plantar e colher os frutos de sua subsistência. Porém, para garantir a imposição do trabalho assalariado forçado, base do novo sistema econômico capitalista, houve a expropriação do campesinato europeu de suas terras e, concomitante, com o processo de propriedade privada, levou ao cercamento das terras, antes comuns.

¹ Uma cirurgia cesariana após o início do trabalho de parto.

Segundo a mesma autora, esses cercamentos foram ainda mais prejudiciais para as mulheres, pois, o trabalho comunal dava certa autonomia. Além do mais, era no contato com as mulheres da comunidade que havia construção e troca de conhecimento sobre ervas, poções, controle reprodutivo, parto, entre outros saberes do universo feminino, mas a privatização das terras e das vidas dificultou, e posteriormente até criminalizou, o convívio com outras mulheres. Sendo elas as que mais resistiram às mudanças citadas, pois foram as que mais perderam, ao passarem a ser alvo de ataque, sendo acusadas e caçadas sob alegação de bruxaria.

Del Priore (2004) também corrobora com essa perspectiva, quando afirma que a ciência médica perseguiu mulheres que possuíam saberes sobre como tratar do próprio corpo. Entretanto, a autora defende tal perseguição a partir da religião católica, atrelada ao conhecimento científico, não necessariamente fazendo o percurso histórico da Silvia Federici sobre o capitalismo, porém nos valemos daquela autora, uma vez que tem um percurso de pesquisa a respeito da condição da mulher no Brasil, e acrescenta à pesquisa a partir do viés latino acerca do tema. O movimento de caça às bruxas, que é aqui proposta sua discussão, teve como objetivo retirar das mulheres o controle reprodutivo, tanto quanto o uso de supositórios vaginais para impedir a gravidez ou realizar o aborto, como também quanto à autonomia na cena de parto.

Os processos de colonização, que garantiu, a partir de muitas mortes e violências, uma larga mão de obra para a expansão econômica, juntamente com a expropriação do campesinato europeu de suas terras e o movimento de caça às bruxas, anteriormente citados, foram responsáveis pelo desenvolvimento do capitalismo. Tal cenário se inicia a partir da percepção de que as crianças precisavam ser cuidadas para que, no futuro, pudessem servir como mão de obra do capitalismo, o que deu à infância uma importância ainda não vista em outras épocas. Por isso, diante das acusações da prática de abortos e infanticídio que recaíram sobre as mulheres, incluindo a figura das Parteiras, ocorreu a sua expulsão da cena de parto, dando lugar a figura do homem médico (Federici, 2017).

Para além da expulsão das Parteiras da cena de parto, de acordo com Vieira (2002), também é compreendido que o discurso de autoridade médica é construído a partir de intervenções no corpo feminino, com o argumento de tentar compreender a tal *natureza feminina*, que amplia a ideia do corpo defeituoso e que deve ser

consertado, fundamentando assim a medicalização. Se antes existia uma variedade ao pensar na *arte de curar*, com o capitalismo, o saber científico, e mais precisamente, a medicina, vai se constituindo como a única e verdadeira forma de pensar a saúde das pessoas, o que se consolida no século XIX.

Importante frisar que, por Parteiras tradicionais são compreendidas pessoas, em sua maioria mulheres, que aprenderam através da oralidade, saberes e práticas de como acompanhar gestação, partos domiciliares e puerpério. Assimila-se que existem outros profissionais formados e habilitados para prestar assistência, mas o foco da pesquisa é a partir de quem exerce esse ofício, sem um saber dito formal como base, que de acordo com o IPHAN (2021) é um ofício ritualístico acerca do parto e nascimento.

Parto da premissa que o movimento de caça às bruxas, literalmente, queimou mulheres que detinham saberes ancestrais no tocante ao universo feminino, criminalizando conhecimentos e práticas. Além de realizar um genocídio, podendo analisar a partir do conceito de necropolítica do Mbembe (2018, p. 7) que define como a “[...] capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” constituindo esses como os limites da soberania, o controle sobre a morte e a vida. Como também um epistemicídio, além do que aponta o IPHAN (2021, p. 165) as parteiras são “[...] agentes da decolonialidade, ocupando um lugar contra-hegemônico” na assistência ao ciclo perinatal. Portanto, defendo que a proposta sulamericana do Bem Viver (Acosta, 2016 e Solón, 2019), os estudos decoloniais (Quijano, 2005; Mignolo, 2017 e Ballestrin, 2013) e mais, especificamente, o feminismo decolonial (Lugones, 2014/2020; Segato, 2016/2021 e Vergès, 2020), ajudaram a trilhar um caminho para compreender as formas de resistência das Parteiras até os dias atuais. Com base na ideia de Mignolo (2017, p. 2) de que “não há modernidade sem colonialidade” é possível inferir que o saber moderno e científico, baseado em evidências, que se constrói a respeito do parto, deixa à margem os saberes populares construídos há milênios.

Solón (2019) afirma que o primeiro passo para o Bem Viver é recuperar nossas raízes, nossas histórias, para redimir o futuro. Por conseguinte, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como acontece o processo de resistência da parteria tradicional, no Cariri cearense, diante das atualizações do movimento de caça às bruxas. Para tanto, foi necessário, inicialmente, discutir as interligações entre os estudos decoloniais, o movimento de caça às bruxas, a medicalização e

institucionalização do parto e a continuidade da parteria tradicional. Para então, posteriormente, apresentar o contexto da Região Metropolitana do Cariri e a atuação da parteria tradicional na região delimitada. E por fim, investigar as formas de resistências da parteria tradicional no Cariri, através dos seus saberes; elementos tradicionais próprios; modos de fazer e repassar as principais características do ofício de partejar, tendo como perspectiva a seguinte pergunta norteadora: *Como acontece o processo de resistência das Parteiras Tradicionais do Cariri cearense diante das atualizações do movimento de caça às bruxas?*

A relevância dessa pesquisa está inscrita na necessidade de investigação e produção de dados quanto ao trabalho de continuidade da parteria tradicional no território delimitado e sua relação com o movimento de caça às bruxas, na observância sobre a preservação e a continuidade de saberes ancestrais da prática de acompanhar o processo gestacional, bem como o parto e o pós-parto, observando a produção de um modo de pensar no que se refere ao parto e ao nascimento, relacionando o fenômeno com pressupostos teóricos do Bem Viver e dos estudos decoloniais.

No capítulo 1 discuto as interligações entre o Bem Viver e os estudos decoloniais; no capítulo 2, apresento uma historiografia das mulheres e o movimento de caça às bruxas; no capítulo 3, retrato a expulsão das parteiras tradicionais da cena de parto, a medicalização e institucionalização do parto, trazendo com base nos autores selecionados como o capitalismo afasta as mulheres da convivência comunal e os impactos da hiper exploração da mão de obra como base para o controle dos corpos femininos; no capítulo 4, apresento o contexto em que a pesquisa se insere, a invenção do Nordeste, as narrativas criadas sobre o Ceará e como se constrói e se reinventa a produção das tradições nordestinas, incluindo no escopo de análise as parteiras. Por fim, no capítulo 5, apresento a pesquisa de campo com a narrativa autobiográfica da parteira tradicional caririense Samara Simões, sua história de vida, sua descoberta como parteira, e os elementos tradicionais desse ofício, bem como os rituais, percalços, celebrações e resistências.

1.3 Caminhos da pesquisa

Após a elaboração da pergunta de partida qual seja: *Como acontece o processo de resistência das Parteiras Tradicionais do Cariri cearense diante das*

atualizações do movimento de caça às bruxas?, foram definidas as seguintes palavras-chave como descritores conceituais: Bem Viver, decolonialidade; Caça às bruxas e Parteiras tradicionais.

1.3.1 Revisão de literatura

De acordo com a UNESP (2015), a revisão de literatura do tipo narrativa se faz importante para o levantamento da produção científica sobre a temática em questão e abre a possibilidade de articular conceitos e conhecimentos de diversas fontes, para que assim possa construir a rede de saberes pretendida.

Portanto, nessa pesquisa as etapas trilhadas para construção desta imersão de natureza bibliográfica foram: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem na literatura; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/categorização dos estudos e avaliação dos estudos incluídos na revisão de literatura.

Os critérios de inclusão dos artigos mapeados: artigos escritos em português; artigos com metodologia qualitativa; artigos que o público alvo fossem Parteiras tradicionais no Brasil. Os critérios de exclusão foram: pesquisa com temáticas transversais; artigos repetidos e em idiomas estrangeiros.

QUADRO 1 – Estratégias de Inclusão e Exclusão de artigos

Métodos de Inclusão	Métodos de Exclusão
Artigos em português, com metodologia qualitativa; artigos que o público alvo fossem Parteiras tradicionais no Brasil.	Pesquisa com temáticas transversais, artigos repetidos e em idiomas estrangeiros.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Definidos os critérios de inclusão/exclusão, o próximo passo foi, então, buscar cada palavra-chave separadamente no *campo assunto* dos periódicos da CAPES. A procura realizada a partir das palavras-chave aconteceu da seguinte forma: na busca com a palavra-chave *bem viver e decolonialidade* foi obtido um contingente de 26 artigos, dos quais 6 foram selecionados e 20 excluídos por tratarem de: Artigos em idioma estrangeiro; contexto Ribeirinho, extensão universitária, povos indígenas, educação matemática, multiletramento, entre outras temáticas transversais; a partir da palavra-chave *caça às bruxas* encontrou-se 48 artigos como resultado inicial, dos

quais 8 foram selecionados e 40 excluídos pelos motivos a seguir: discussão de gênero não compatível com a presente pesquisa, feminicídio, aborto, trabalho doméstico, masculinidades, Santo Graal; resenhas e artigos repetidos, e por fim, *parteiras tradicionais* resultou em 70 artigos, cujo 13 foram selecionados para compor a revisão de literatura e 57 foram excluídos pelos seguintes motivos: Artigos repetidos; artigos incompletos, em idioma estrangeiro, óbitos infantis, enfermagem obstétrica e mortalidade materna. Essa etapa foi finalizada com 32 artigos selecionados para a leitura e produção da revisão de literatura, conforme organizado no Apêndice A.

Desses 32 artigos designados para compor a revisão de literatura, analisei que os 11 artigos selecionados sobre Bem Viver e decolonialidade auxiliam na relação com o tempo, que se relaciona com a temática do parto, pois o tempo de uma cesariana é diferente do tempo de um parto vaginal (artigo 1). Na perspectiva dos saberes ancestrais e as resistências dos povos originários (artigo 2), discussão sobre de gênero e decolonização (artigos 3, 5 e 6), indicadores do Bem Viver no campo da saúde e como modo de vida ecocêntrico (artigo 4 e 9), educação popular e decolonialidade (artigo 7), racismo e sexismo (artigo 8) e, por fim, alternativas à lógica desenvolvimentista e feminismo decolonial (artigo 10 e 11); acerca da temática da caça às bruxas pode-se compreender através dos 8 artigos selecionados: o movimento de caça às bruxas para além da Europa (artigos 12, 14, 16 e 18), as bruxas como figuras de poder e o patriarcado (artigos 13 e 15), as bruxas e a gênese do capitalismo e a relação com a medicina tradicional (artigos 17 e 19); por fim, verificou-se que os 13 artigos selecionados sobre as Parteiras Tradicionais auxiliam na compreensão a respeito: da institucionalização e medicalização do parto (artigos 21 e 25), as experiências de cuidado no parto domiciliar (artigos 20, 22, 29 e 32), em diferentes regiões do Brasil (artigos 22, 23, 25, 26, 27 e 28), a disputa de atuação com a enfermagem (artigo 24), parteiras indígenas (artigo 27), as representações sociais (artigo 30) e a inclusão das mesmas nos dispositivos do SUS (artigo 31).

1.3.2 Pesquisa de campo

A pesquisa de campo seguiu os preceitos da resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e da resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 que versam sobre a ética das pesquisas que envolvem seres humanos.

O mapeamento das parteiras tradicionais foi realizado a partir do VIII Saberes da Caatinga - Encontro de Raizeiras(os), Meizinheiras, Rezadeiras(dores), Parteiras, Benzedeiras(os), Mestras(es) da Cultura e Práticas de Cura da Chapada do Araripe que acontece anualmente na cidade de Exú-PE, envolvendo três Estados circunvizinhos - PE, CE e PI. A última edição aconteceu de 21 de janeiro a 28 de janeiro de 2024, onde estive presente no sábado (27), na Roda das Protagonistas que contou com a presença de onze Parteiras, conforme disposição do Quadro 2.

Para definição do escopo da pesquisa foi instituída a parteira tradicional em atuação na Região Metropolitana do Cariri, situada no sul do Ceará, mais especificamente no município de Juazeiro do Norte, buscando os elementos tradicionais próprios e os modos de fazer da parteria tradicional da cidade supracitada. Importante ressaltar que os dados abaixo foram colhidos a partir da apresentação de cada uma das participantes na roda das parteiras, não tendo nenhuma pergunta direta para as mesmas.

QUADRO 2 – Mapeamento das Parteiras tradicionais no VIII Saberes da Caatinga 2024

Quantidade de Parteiras	3	3	1	1	1	1	1	Total 11
Localidade	Pankararus PE	PE	AL	Juazeiro do Norte-CE	Curitiba - PR	Aprendiz de Parteira indígena - PB	Paulista residente no CE, porém não está em atuação	

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Por conta da baixa participação de Parteiras que estão exercendo o ofício na região delimitada para a pesquisa, a estratégia pensada inicialmente foi utilizar da técnica da *bola de neve*, porém após a entrevista com a primeira parteira percebi que além da problemática de pesquisa ser atendida, a história construída de amizade e acompanhamento tornam a escrita mais próxima e afetiva. Justifica-se a permanência da pesquisa no território previamente selecionado por conta da localização da Universidade em que o Mestrado está sendo desenvolvido, bem como o objetivo de produzir dados próprios desse recorte geográfico.

QUADRO 3 – Estratégias de Inclusão e exclusão das participantes da pesquisa

<i>Métodos de Inclusão</i>	<i>Métodos de Exclusão</i>
Parteiras tradicionais, em atuação, que residam na Região Metropolitana do Cariri.	Profissionais que atendem partos domiciliares, mas que não sejam Parteiras formadas na tradição, ou seja, cuja atuação seja de base universitária.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Os instrumentos da coleta de dados foram qualitativos e documentais. Por meio da entrevista narrativa autobiográfica gravadas com áudio e transcritas para produção dos dados, bem como, diário de campo das observações realizadas pela pesquisadora e da imersão etnográfica.

Com a finalidade de facilitar a compreensão dos eventuais riscos e das formas de minimização, assim como dos benefícios da pesquisa, o Quadro 4 foi estruturado, condensando e organizando as estratégias que foram utilizadas.

Quadro 4 - Análise dos riscos e benefícios

Ordem	Procedimentos de coleta de dados	Objetivo	Riscos	Nível do risco	Minimização dos riscos	Benefícios
1	Imersão etnográfica	Experiências com as participantes da pesquisa	Constrangimento; invasão de privacidade; cansaço	Moderado	Ambiente acolhedor; ambiente privativo; estar atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto	Investigação e produção de dados sobre o ofício das Parteiras tradicionais em atuação no Cariri cearense, na observância acerca da preservação e continuidade de saberes ancestrais da prática de acompanhar o processo gestacional, bem como o parto e o pós-parto, observando a produção de um modo de pensar acerca do parto e do nascimento e um posicionamento de resistência ao
2	Diário de campo	Registro das experiências e observações percebidas	Quebra de sigilo e confidencialidade; quebra de anonimato;	Baixo	Cuidado e guarda segura do material coletado	

3	Entrevista semiestruturada	Coleta de dados acerca da história de vida e atuação das participantes da pesquisa	Evocação de memórias; exposição a situação vexatória; exposição de terceiros; imprecisão na divulgação dos resultados.	Elevado	Possibilidade de recusa a responder a qualquer pergunta, bem como exclusão de alguma resposta já fornecida; utilização de nomes fictícios de terceiros; pausas durante a entrevista e Termo de cessão após a produção parcial das análises e do podcast	Movimento de Caça às bruxas.
---	-------------------------------	--	--	---------	---	------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A pesquisa seguiu uma base cartográfica, fundamentada por Deleuze e Guattari (2011)², em que, segundo Kastrup e Passos (2013), se estabelece uma pesquisa-intervenção. Uma vez que não se mantém a tradicional oposição entre pesquisador e pesquisado, e sim um plano comum, que garante o protagonismo dos sujeitos sobre a produção de conhecimento através do *estar com*, como bem resume Barros e Kastrup (2015, p. 53) “[...] a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos”.

O método cartográfico não delimita de forma tão rígida as compreensões sobre a coleta e a análise de dados, porém, foram estabelecidas aqui, três etapas: Produção dos dados, Análise dos dados e Escrita do texto, processos que aconteceram quase que simultaneamente, pois a participação da vivência propicia o ato de escrever e analisar a produção dos dados.

A produção de dados foi realizada a partir de: imersão etnográfica através do acompanhamento da parteira selecionada, que de acordo com Mattos (2011) implica no cuidado com uma análise integral da cultura, na participação ativa dos atores sociais e na observação quanto às relações estabelecidas; diário de campo para registro das experiências, a fim de manter uma descrição elaborada sobre o que for vivido e uma entrevista narrativa autobiográfica, criada pelo sociólogo Fritz Schütze que segundo Köttig e Völter (2014) inicia com um estímulo narrativo amplo. Para essa pesquisa foi utilizado o seguinte disparador: *Gostaria de lhe pedir que você me*

² Deleuze, G.; Guattari, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Editora 34, 2011.

contasse um pouco a respeito de você mesmo e de sua história como Parteira tradicional, tudo que lhe ocorrer e depois vou fazer algumas perguntas a partir do que você disse.

Decidi realizar a entrevista no espaço de atendimento, na comunidade da parteira, portanto, combinei com ela para que reservasse um turno para esse momento, levei chá de hortelã e biscoito de especiarias para acompanhar a entrevista, esses elementos foram importantes para que ela pudesse ficar o mais confortável possível.

Posteriormente a pergunta ampla, na segunda fase da entrevista, foram realizadas as perguntas³ pontuais sobre pontos anteriormente definidos e para tirar dúvidas sobre alguma fala, como também, algumas perguntas interpretativas sobre a fala da participante. A entrevista durou em média três horas, cerca de dez minutos para a leitura dos documentos TCLE e Autorização de imagem e som, a narrativa espontânea durou cerca de duas horas e, em média, quarenta e cinco minutos de perguntas pontuais seguindo o roteiro. A entrevista foi transcrita a partir do site *clipto*⁴ em sua versão paga, li toda a transcrição acompanhando os áudios e fiz alguns ajustes que não tinham sido captados pela inteligência artificial, enviei para que a entrevistada pudesse ler e dar o seu *de acordo*.

Para a análise de dados, li novamente a transcrição buscando destacar as passagens que mais me chamaram atenção sobre a história narrada, baseada nos tópicos centrais das experiências de vida e com a parteria tradicional. A escolha de escrever a produção de dados utilizando trechos longos da entrevista é partindo da defesa de que a parteira possa se narrar e que eu ocupe o lugar de interlocutora, transgredindo o modo acadêmico tradicional em que eu seria a figura central da narrativa.

³ O roteiro com as perguntas está no Apêndice E.

⁴ <https://www.clipto.com/pt/apps/transcription>

CAPÍTULO 1 - NAS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA

"A história é um profeta com o olhar voltado para trás: pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será".

Eduardo Galeano (2010)

Solón, ativista ambiental e político boliviano, lançou em 2019 o livro *Alternativas Sistêmicas*, cujo título reflete as variadas propostas que juntas formam um todo articulado. Tal como o Bem Viver (Acosta, 2016 e Solón, 2019), o decrescimento (Demaria, 2021 e Latouche, 2021), o ecofeminismo (Terreblanche, 2021), o feminismo decolonial (Lugones, 2014, 2020; Segato, 2021 e Vergès, 2020), a economia solidária (Díaz, 2021), entre outras que venham a surgir, são necessárias para construir outros mundos possíveis. Ao reconhecer esse todo articulado, compreendi que o Bem Viver e o Feminismo decolonial são alicerces importantes para sustentar a pesquisa sobre parteria tradicional, uma vez que para pensar outros mundos possíveis precisamos partir da compreensão de que “[...] a colonialidade permeia todos os aspectos da vida social e permite o surgimento de novas identidades geoculturais e sociais” (Lugones, 2020, p. 55).

Importante registrar inicialmente, o que a historiadora brasileira Del Priore (2009) escreve a respeito da construção da sociedade brasileira, a partir da herança das mulheres indígenas, das mulheres brancas europeias e das mulheres africanas, pois tal entrelaçamento também invade o momento do parto, portanto, a atuação das parteiras tradicionais brasileiras é formada a partir dessa tessitura e sincretismo⁵ cultural e religioso.

1.1 O Bem Viver: gestando outros mundos

O Bem Viver, *Buen Vivir* ou *Vivir Bien* é um conceito em construção e que surge a partir dos conceitos *suma qamaña*, dos Aimará, e *sumak kawsay*, dos Quéchua, que expressam “[...] um conjunto de ideias centradas nos sistemas de conhecimento, prática e organização dos povos andinos” (Solón, 2019, p. 19). O autor afirma que, com as medidas neoliberais, como privatizações e mercantilização

⁵ Valente (1955) define sincretismo como o desfecho de um conflito cultural, “uma intermistura de elementos culturais” (p. 42) que acaba por criar uma nova configuração cultural, com associações e combinações.

dos bens comuns, e mais especificamente, da demissão de milhares de trabalhadores, houve uma mudança estrutural econômica nos países andinos, o que fez com que os povos indígenas e camponeses passassem a cobrar visibilidade. A partir dessa notoriedade, a luta indígena despertou interesse de setores da esquerda e de intelectuais progressistas carentes de uma nova utopia para seguir caminhando.

De acordo com o economista e político equatoriano Acosta (2016), é possível pensar o Bem Viver como um versão decolonial em contraposição ao conceito eurocêntrico de bem-estar, além das contribuições indígenas (andinas e amazônicas), e dos aprendizados que possamos ter com os povos que sempre conviveram harmonicamente com a natureza. Existem movimentos em sintonia com essa visão, as ecofeministas, as marxistas, as humanistas, entre outros.

O Bem Viver é um conceito simples de ser vivido e complexo de ser definido, mas para facilitar a compreensão, o autor Solón (2019) elenca 5 (cinco) elementos centrais para uma maior aproximação com sua essência:

1. Visão do todo ou da Pacha, ou seja, a compreensão de que tudo está interconectado, que não há como separar o espaço e tempo, pensando a dinâmica temporal de uma forma não linear, em que o passado, o presente e, o futuro se relacionam de maneira dinâmica. Como agraciado pelo ambientalista e filósofo brasileiro Krenak (2022) no título do seu último livro, *Futuro Ancestral* que rompe com a separação ilusória do tempo. Solón (2019) ainda afirma que nesse primeiro elemento central se faz necessário aprender a “[...] comer bem, dançar bem, dormir bem, beber bem [...]” (p. 26).
2. A convivência na multipolaridade, “[...] indivíduo e comunidade são pólos de uma mesma unidade” (Solón, 2019, p. 26), pois, o humano não existe independente, há na verdade, interconexão, intersubjetividade.
3. A busca por equilíbrio, compreendendo que é um processo dinâmico, cíclico e que vai contra a noção de desenvolvimento que existe atrelada ao consumo, porque busca um equilíbrio em oposição ao crescimento, pensa a partir da interação entre os seres humanos e destes com a Natureza e, como afirma Acosta (2016), porque questiona a própria noção de desenvolvimento, diferente do modelo convencional, que compreende esse conceito através de indicadores de progresso de forma linear, crescimento econômico e bem-estar como aponta o economista português Amaro (2016).

4. A complementaridade da diversidade, ou seja, “O equilíbrio entre contrários que habitam um todo só é possível através da complementaridade, sem anular o outro” (Solón, 2019, p. 30). O que vai contra a lógica capitalista da competitividade, pois almeja a combinação de forças, o trabalho coletivo.
5. E, por último, a descolonização⁶, encerrar com os conceitos falsos e estrangeiros e voltar os olhos para o início, as origens, as raízes, como é advertido por Solón (2019). Isto pode incluir olhar para o parto e o nascimento como continuidade desses ciclos, fazendo parte desse todo integrado, na busca constante por equilíbrio. De acordo com Solón (2019), assim como o patriarcado objetifica a mulher, o antropocentrismo considera que a natureza pode ser explorada e transformada em benefício humano, que se coloca numa posição de superioridade. Tal ideia também é ratificada pela feminista boliviana Beltrán (2019, p. 115), explicando que apesar das diferenças, as várias vertentes do ecofeminismo se ancoram na ideia basilar de que “[...] a opressão das mulheres - e dos homens - e a superexploração da natureza são parte de um mesmo fenômeno”.⁷

A socióloga alemã Werlhof (2021, p. 436) diz que o significado do termo *matriarcado* é “no início da vida existe uma mãe”, e desde o início dos tempos existem outras mulheres para auxiliar nesse processo de parir e nascer, e é nesse ponto que se ancorou a presente pesquisa. O conceito que se falseia é no tocante do parto ser visto como um evento hospitalar e médico, não mais como um evento social, familiar e fisiológico. O filósofo, poeta e ativista político brasileiro Nêgo Bispo (2023, p. 46), abordando sobre a relação entre a alimentação no quilombo de forma comunitária e na cidade que é no restaurante, afirma que isso só se faz necessário à medida que as pessoas [...] tem medo de receber pessoas em suas casas, eles têm medo de gente! Os humanos têm medo de si. Isso é cosmofobia”. O parto em casa, no território em que se reside, é por si só contracolonial.

⁶ Segundo Castro (2020) apesar de ambos os termos (descolonial e decolonial) estarem corretos, em sua pesquisa percebeu que na Argentina se tem preferência pelo primeiro termo e na maioria dos demais países pelo segundo, por compreender que não é possível se desfazer da colonialidade, e sim construir alternativas. Na presente pesquisa seguimos por essa rota colocada pela autora, porém ressaltando que alguns dos autores utilizados como Solón (2019) e Mignolo (2017) fazem uso do primeiro termo.

⁷ O filme *Mother* retrata uma personagem principal que ser compreendida como a mãe Natureza que nutre, provê, organiza e cuida, enquanto os visitantes destroem tudo, uma forma de interpretar o filme é que, assim como as mulheres, a Mãe Natureza também é explorada por seus hóspedes.

1.2 Giro decolonial

*“Onde estão as brechas que fissuram e
desestabilizam a malha da colonialidade do poder hoje,
e como podemos falar sobre elas?”
Rita Segato (2021)*

Na breve genealogia do pós-colonialismo desenvolvido pela socióloga brasileira Ballestrin (2013), é apontado que apesar de haver questionamento sobre literatura clássica, os estudos da tríade francesa de Césaire, Fanon e Memmi tem um papel importante, talvez por terem sido desenvolvidos de forma quase que simultânea. O primeiro nascido na Tunísia e os dois últimos nascidos na Martinica. Soma-se a esses autores: Said e, paralelamente, o Grupo Sul-asiático dos Estudos Subalternos.

Pelos anos 1990 o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos tem como marco de sua origem o texto de Aníbal Quijano *Colonialidad y modernidad-racionalidad*, colocando a América Latina no debate pós-colonial. Porém um outro nome importante desse grupo, Mignolo, questiona o espelhamento dos estudos latinos nos estudos indianos, rompendo e inaugurando o Grupo Modernidade/Colonialidade – M/C. Nos anos 2000, outro importante estudo foi publicado *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. O grupo M/C funciona como uma investigação sobre os conceitos a partir da criação de um vocabulário próprio que ventila os estudos latino-americanos do século XXI.

Nasci no mesmo ano da conceituação de colonialidade do poder, segundo Ballestrin (2013), tal conceito foi inaugurado pelo sociólogo peruano Quijano em 1989, que de forma resumida compreende que as relações coloniais perduram mesmo após a destruição do colonialismo. Mignolo (2017), semiólogo argentino, amplia o conceito e defende que a colonialidade é uma Matriz Colonial de Poder (MCP), um *bicho de quatro cabeças e duas pernas* entrelaçados por: economia, autoridade, gênero e sexualidade, e conhecimento e subjetividade (há a possibilidade de inserir a natureza como uma *quinta cabeça* ou de entendê-la como pertinente ao humano) esses domínios de matriz colonial estão sustentados por *duas pernas* que são os fundamentos raciais e patriarcais.

Europeu, português, índio, antes o que eram demarcadores geográficos, a partir das relações de dominação, passam a ser associados com identidades

hierárquicas. Segundo Quijano (2005), a identidade racial passa a ser utilizada como forma de classificação social, ou seja, a criação do sujeito Outro como o diferente. O exótico é uma ideia colonial, como bem informa a psicóloga, escritora e artista portuguesa Kilomba (2020). Com a imposição do capitalismo, as novas identidades históricas com base em raça foram associadas com a divisão social do trabalho, que apesar de serem categorias independentes, se articulam inaugurando a divisão racial do trabalho. Em resumo, o que antes era sinalização geográfica, passou a ser uma distribuição racista do trabalho que durou por todo o período colonial e até hoje temos marcas como se fosse uma *associação natural*.

Quijano (2005) descreve o processo de constituição de diferentes imposições do capitalismo frente ao trabalho, desde a escravidão, servidão e o trabalho assalariado, definindo quais populações eram preteridas para cada tipo, quando afirma que: “a inferioridade racial dos colonizados implicada que não eram dignos do pagamento de salário” (Quijano, 2005, p. 220). Este é um ponto que persiste no ofício popular das Parteiras tradicionais, pois o pagamento pelo serviço é visto como dispensável, por ser um saber popular. Quanto pagamos para uma rezadeira, quanto pagamos para um psiquiatra? O valor pago denuncia a hierarquia atribuída a cada um dos saberes.

Quijano (2005) expõe que diante de tal construção do novo padrão de poder mundial houve, concomitantemente, uma nova intersubjetividade que atribui ao europeu o valor de produção de conhecimento, de cultura, de subjetividade. Tal colonização se deu em três passos: expropriação das populações colonizadas, repressão do universo simbólico dos colonizados e, por fim, imposição das crenças dos colonizadores, como por exemplo, o cristianismo. Isto é, um colonialismo do poder, do saber e do ser. Portanto, o giro decolonial proposto por Maldonado-Torres (2003) precisa ser epistêmico, teórico e político.

Por isso, quando o líder indígena e filósofo brasileiro, Krenak (2019), fala sobre a montanha rochosa da sua aldeia, em que as pessoas olham pela manhã e o dia será vivido conforme ela se apresenta, soa uma estranheza. Ao passo que olhar a previsão dos meteorologistas no celular remete a algo comum. Esse é um pequeno recorte para exemplificar o grau de colonialidade que temos na sociedade vigente, ao que Quijano (2005) explica: “Essa perspectiva binária, dualista, de conhecimento, peculiar ao eurocentrismo, impôs-se como mundialmente

hegemônica no mesmo fluxo da expansão do domínio colonial da Europa sobre o mundo” (p. 122).

Outro importante aspecto apontado por Quijano (2005) é sobre a modernização ser vendida como sinônimo da ocidentalização das sociedades, juntamente com o capitalismo e o eurocentrismo. A ciência médica possui equipamentos, protocolos e técnicas que possuem essas três premissas: moderna/colonial, capitalista e eurocentrada, mas as parteiras do século XXI também não são as mesmas do sistema feudal, o milenar e o moderno coexistem nessa perspectiva. Como bem diz Quijano (2005, p. 125), “todo conceito de modernidade é necessariamente ambíguo e contraditório”.

Quijano (2005) afirma que sem a objetificação do corpo como natureza, não existiria a distinção de certas raças como inferiores, objetos de estudo mais próximos da *natureza*, especialmente das mulheres negras. A médica cearense Brilhante (2021) nos informa das condições de exploração e violência para que o *pai da ginecologia* pudesse emergir. Anarcha, Betsy e Lucy, mulheres escravizadas e compradas por J. Marion Sims foram submetidas a diversas cirurgias para desenvolvimento de técnicas cirúrgicas, muitas vezes sem anestesia, apesar do seu uso já ser conhecido. A autora nos conta ainda que até 2018 existia uma estátua exaltando Sims no Central Park, em Nova York.

A filósofa feminista Federici (2017; 2019) diz que a caça institucionalizada às bruxas serviu para dominar a autonomia reprodutiva das mulheres, pois é a partir da perseguição aos saberes adquiridos empiricamente sobre ervas e remédios curativos que as mulheres curandeiras sofrem com uma nova forma de expropriação. Assim sendo, foram forçadas a abrir espaço para a medicina profissional que, apesar da aplicabilidade, criou uma distância entre o conhecimento e as pessoas que são atendidas. Portanto, para haver o giro decolonial, epistêmico, teórico e político é preciso retomar os saberes populares, e garantir a sua continuidade.

1.2.1 Feminismos decoloniais

Minha prece

*“Com fé no que sei e no que não sei,
no que sou e no que serei,
sigo hoje forte, mais do que ontem*

*Minha resistência é voz
e se for preciso,
eu aprendo a ser feroz”.*
Dandara Manoela

Ao pensar mais especificamente através dos feminismos decoloniais surgidos no texto da socióloga argentina María Lugones, *Colonialidade e gênero*, amplia-se o conceito da *colonialidade do poder* do Quijano, para a noção de *sistema moderno-colonial de gênero*. Isto ocorre por compreender que o autor não se dedica a incorporar no seu quadro de análise a compreensão das mulheres colonizadas e não brancas na discussão de gênero. É possível assimilar que, dentre as inúmeras marcas da escravidão e da colonização no território latino-americano, existe a colonialidade do saber, do poder e do ser. Portanto, o que faz com que esses povos continuem subordinados a um determinado modelo de poder, que hierarquiza saberes, marginalizando os saberes populares.

Certa vez estava assistindo aula numa formação em perinatalidade e parentalidade⁸, a professora, médica e branca, falava sobre o movimento do parto humanizado com base em evidências científicas, e fez referências às Parteiras como pertencentes a uma época pré-profissional. Aquela invalidação do saber popular me incomodou bastante e, ao ler o artigo da Lugones (2014), me chamou a atenção a referência dada a Aparício e Blaser (2008)⁹ quanto ao uso da expressão *não moderno* pois, nomeá-las como pré-profissionais, significa partir da compreensão de que elas são assim categorizadas com base em uma perspectiva que as separa do que é moderno, logo correto. Uma exemplificação da complexidade dessa categorização é colocada de forma cômica pela quadrinista sueca Strömquist (2018), ao relatar que a parteira inglesa Jane Sharp escreveu em um manual, no século XVII que: “o clitóris é o pênis da mulher” (p. 64) e em 1960 a descoberta do orgasmo feminino ser clitoriano foi recebido como algo revolucionário no campo da ciência.

A antropóloga argentina Segato (2021) viabilizou a problematização do parto humanizado enquanto moderno. Quando estava a discutir a Lei Maria da Penha¹⁰ com as mulheres indígenas do Xingu, ela escuta de umas das mediadoras que “[...]”

⁸Giordano, J. Parto e Nascimento no Brasil. Formação em Psicanálise, Perinatalidade e Parentalidade do Instituto Gerar, em 25 de março de 2023.

⁹APARICIO, Juan Ricardo; BLASER, Mario. “The ‘Lettered City’ and the Insurrection of Subjugated Knowledges in Latin America”. *Anthropological Quarterly*, v. 81, n. 1, 2008. p. 59-94.

¹⁰Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 - Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher.

o Estado oferece com uma mão o que já roubou com a outra em seu percurso rumo à ordem colonial-moderna da cidadania individual” (posição 1546). Ou seja, *entrega* o Movimento do Parto Humanizado como moderno, após ter perseguido o parto domiciliar e relegá-lo a um lugar de perigo.

Cabe uma ressalva epistemológica antes de continuar a discutir acerca do que é proposto por Segato (2021), que é o desencontro teórico a respeito da existência ou não de patriarcado antes do processo de colonização. Para Lugones (2020), o patriarcado é uma invenção colonial, enquanto para Segato (2021), há o patriarcado de baixo impacto ou baixa intensidade que ocorria antes da colonização e de alto impacto ou alta intensidade na modernidade. Compreendo que essa última perspectiva é mais coerente e conversa melhor com a perspectiva da Federici que, ao comparar a Idade Média com as mudanças infligidas às mulheres a partir do capitalismo, já existia uma divisão sexual de trabalho. Contudo, ressalta que antes do capitalismo o trabalho reprodutivo não era desvalorizado como é hoje. Portanto, a decisão de manter a perspectiva teórica de Lugones se refere a importância do seu pioneirismo ao ampliar o conceito de gênero a partir da decolonialidade.

Importante deixar registrado aqui que apesar do recorte de gênero sinalizar algumas desigualdades, não é suficiente para tal, pois numa perspectiva interseccional precisamos incluir a questão racial e de classe, que faz com que mulheres brancas de classe média e alta não estejam de forma homogênea no mesmo grupo que mulheres negras de classe baixa (Biroli, 2016).

Vergès (2020) também é uma autora fundamental nesse entrelaçamento teórico para a criação de uma ponte de discussão entre a França e a América Latina. Tanto por ela ter nascido no berço histórico no que se refere às parteiras e ao nascimento da obstetrícia, quanto por ser uma mulher formada em ciências políticas e pesquisadora dos estudos decoloniais. Em decorrência, Vergès (2020) provoca reflexões valiosas relativas ao sul global, se propondo a pensar um feminismo que ouça diferentes vozes. Ao denunciar o feminismo civilizatório de muitas feministas francesas, a autora vai contra essa corrente para abordar a interseccionalidade sobre a política de controle de natalidade no Brasil em que, desde a ditadura militar, mulheres pretas foram submetidas à esterilização forçada.

De acordo com Vergès (2020), o feminismo decolonial é o ato de estudar como todas as relações de dominação são permeadas pelo capitalismo, racismo, sexismo e etnicismo. Ainda mais, quando, atrelado ao Bem Viver, é reconhecer o

caráter intercultural, sem hierarquia de saberes e que respeita as diferenças culturais. O que o saber médico, comumente voltado para uma lógica capitalista, não possui como premissa.

Conforme Boerma *et al* (2018) e Brilhante (2021), na América Latina, em 2015, a cesariana foi utilizada em 44,3% dos nascimentos, sendo a região com maior quantidade em que esse procedimento foi realizado. A FIOCRUZ (2014) afirma que no Brasil, em instituições públicas a cesariana acontece em 52% dos partos e que no setor privado chega a 88%, o que nos remete a importância de frisar que a recomendação da OMS é de 15%. Ao retomar a análise de Brilhante (2021), a autora faz uma analogia interessante sobre as posições do Brasil em ranking, tanto em termos de partos por via cirúrgica, em que ocupa o segundo lugar, quanto pelo número de feminicídios, em que ocupa o quinto lugar.

Diante desses dados, relembro o clássico e potente livro da escritora nigeriana Adichie (2019). Ela conta sobre os perigos das histórias únicas, no qual a autora narra que, se não tivesse nascido na Nigéria e fosse informada no que é referido quanto ao continente africano pelas mesmas fontes de notícias que a maioria das pessoas tem acesso, ela também construiria as mesmas ideias pré concebidas. Aqui me dou a *licença acadêmica* e afirmo que, enquanto nossas informações sobre o parto domiciliar forem descritas como partos inseguros e irresponsáveis, os partos vaginais hospitalares forem permeados apenas por histórias de violências, dor e sofrimento, a cesariana entrará como o herói branco que salva vidas que não estavam em perigo.

Para decolonizar o parto, ou seja, para libertar as teorias e as práticas da colonialidade, se faz necessário compreender inicialmente como se deu o processo de expropriação das mulheres da cena de parto.

CAPÍTULO 2 - A INSTITUIÇÃO DOS CORPOS FEMININOS: MULHERES E BRUXAS

2.1 *Sou uma mas não sou só*: Uma narrativa de uma historiografia feminina

Povoada
“Povoada
Quem falou que eu ando só?
Nessa terra, nesse chão de meu Deus
Sou uma mas não sou só”
Sued Nunes

A psicanalista brasileira Iaconelli (2015) desenvolve uma perspectiva histórica sobre a história de gênero através das culturas, em que, nas sociedades estáveis¹¹, apresenta que o papel da mulher é a procriação. Uma vez que seu status diz respeito ao seu papel reprodutivo, sendo a única forma de conquistar um lugar no grupo. A autora afirma ainda que, apesar da expectativa do sucesso reprodutivo também recair sobre os homens, apenas a mulher pode ser acusada por não realizá-lo. O grau de importância sobre a fertilidade também pode ser evidenciado a partir da identificação da menarca como rito de passagem, marcando a transição da infância para a puberdade, enquanto que a menopausa é acompanhada de uma desvalorização dessa mulher no contexto social, por perder a capacidade reprodutiva.

Já na antiguidade, as mulheres da nobreza tinham por obrigação reproduzir a classe de nobres, uma vez atingido o número de filhos almejado, essas mulheres eram encorajadas a optar pela abstinência sexual por conta das altas taxas de mortalidade feminina ligada ao parto e seus possíveis desdobramentos. Para a continuidade da satisfação sexual masculina a figura da concubina, prostituta e escrava era até incentivada pela nobreza, dessa forma as mulheres de *segunda classe* correriam “[...] os riscos do parto, do aborto, do abandono ou da criação de bastardos” (Iaconelli, 2015, p. 53).

Na Europa, durante a Idade Média, tendo como base o sistema feudal, os servos tinham acesso às terras comunais. Apesar da relação de servidão, o cultivo comunal em terras possibilitaram para todos uma agricultura de subsistência.

¹¹ Anteriormente determinadas como primitivas ou arcaicas (Iaconelli, 2015, p. 41).

Especificamente para as mulheres, as terras comunais eram espaços de cultivo de ervas medicinais e de trocas de informações. Por exemplo, a palavra *gossip* em inglês fazia alusão a uma amiga próxima marcando a solidariedade entre mulheres, porém, o termo foi sendo modificado e passou a significar *fofoca*, conversa fútil, uma forma de violência de gênero para enfraquecer o laço social entre mulheres que, por considerar as mulheres perigosas, era melhor separá-las (Federici, 2019).

Com a imposição do trabalho assalariado forçado e o cercamento das terras comunais, concomitante ao processo de propriedade privada, todos perderam essa base de sociabilidade que atingiu principalmente as mulheres. Visto que o trabalho comunal lhes propiciava certa autonomia. Além do mais, era no contato com as mulheres da comunidade que ocorriam a construção e a troca de conhecimentos sobre ervas, poções, controle reprodutivo, parto, entre outros saberes do universo feminino. Entretanto, a privatização das terras e das vidas dificultou, e posteriormente até criminalizou, o convívio entre mulheres.

Na modernidade há um jogo de forças que contribui para o entendimento do lugar da mulher, visto que o número de crianças abandonadas cria um ônus para o Estado. Este por sua vez constata que para essas crianças poderem vir a ser massa de trabalho manipulável e que defendem a pátria, precisavam sobreviver à infância. A questão primordial para que isso aconteça é a alimentação, mais precisamente o leite materno, uma vez que não havia um substituto digno na época. Nesse contexto temos escravas como amas de leite ou mulheres livres que podiam comercializar seu leite. Sendo os bebês muitas vezes entregues para aleitamento logo após o seu nascimento, é que a filósofa francesa Batinder (1985) refuta a ideia de haver um instinto materno. Sabendo-se dos maus tratos conferidos a esses bebês, passa-se a necessitar proteger os filhos da nobreza e vigiar os pobres que o cuidavam. Todo esse contexto corrobora para que a maternidade passe a ser vista como uma missão, já que protege as crianças e reafirma o lugar de “[...] idealização do papel de salvadora da mãe burguesa” (Iaconelli, 2015, p. 62).

Com a maternidade santificada que a igreja pregou durante a Idade Média, da inviolabilidade de Maria, mãe de Jesus, a importância dada à sobrevivência e criação dos bebês e a importância dada ao papel da mãe, são com esses pilares que “[...] na passagem do século XVIII para o XIX que a infância e a maternidade vão sendo envoltas numa aura de amor natural entre mãe e filhos” (Iaconelli, 2015, p. 62), culminando na prerrogativa de que o desejo de ter um filho e zelar pela

família é inerente a toda mulher e equivalem à natureza benevolente da mesma, e que não desejar é além de uma “ofensa à natureza feminina” (Iaconelli, 2015, p. 62) uma patologia.

Para finalizar essa breve historiografia das mulheres destaco aqui um trecho em que a Segato (2016, p. 105) afirma que “As mulheres (aqui representando a posição feminina), sujeitas de uma história própria que produz saberes especializados, somos a estabilidade confiável do cotidiano, guardiãs de suas raízes, emblema da comunidade, responsáveis pela diversidade genética que ainda existe no planeta, especialistas na vida relacional e na gestão dos laços de intimidade, adeptos de práticas de vida não burocráticas, capazes de habitar o porto seguro do espaço doméstico ou de politizar, dotados de uma imaginação marginal e não disciplinados pela norma positiva, treinados para sobreviver” [tradução da autora].

Acima, a autora explica o porquê da sociabilidade feminina ser tão importante para a constituição subjetiva e para a sociedade. Este ponto será retomado a partir da Federici no tópico sobre a história das Parteiras¹².

Como anteriormente mencionado, as mulheres foram as que mais resistiram às mudanças da passagem forçada entre o sistema feudal e o capitalismo, pois foram as que mais perderam e, por isso, passaram a alvo de ataque sendo acusadas e caçadas sob alegação de bruxaria (Federici, 2017). Portanto, seguirá no próximo tópico a discussão sobre esse ponto específico na história das mulheres.

2.2 Mexo, remexo na Inquisição: uma narrativa de uma historiografia das bruxas

*“Até os leões contarem suas histórias,
os contos glorificarão o caçador”.*
Provérbio africano

De acordo com as escritoras americanas Ehrenreich e English (1973), o movimento de caça às bruxas se iniciou na Alemanha no século XIV e depois expandiu para a Inglaterra tendo “fim” quatro séculos depois (XVII), durando da Idade Média até a Idade da Razão. E, apesar de possuir características próprias em cada região, tem como ponto em comum a perseguição da “população camponesa

¹² Página 46

do sexo feminino” (p. 10) orquestrada pela Igreja, pelo Estado e pela Ciência. Interessante observar essa definição do perfil perigoso, pois se assemelha também ao imaginário das Parteiras brasileiras, mulheres idosas da zona rural em sua maioria, apesar de não se limitar a esse perfil, pois as Parteiras jovens precisam ser também reconhecidas em seu pacto de continuidade, como bem coloca o IPHAN (2021).

Ehrenreich e English (1973) citam que vários autores estipulam que foram milhões de vítimas do movimento de caça às bruxas, e que as mulheres contabilizavam 85% das condenações, incluindo crianças, jovens e idosas. Federici (2017) complementa essa informação ao mencionar que os homens não eram condenados por atuarem como magos, mas os que foram condenados, assim o foram por auxiliarem as bruxas.

No Novo Mundo¹³, o movimento de caça às bruxas se deu com os povos nativos colonizados e os povos africanos escravizados, a partir de acusações de adoração ao demônio e da representação do diabo como um homem negro, numa tentativa de justificar os atos criminosos de violências, estupros, assassinatos e escravização dessas pessoas. A associação dos povos originários, negros e mulheres com seres mais próximos à natureza, e como consequência com uma potência sexual anormal, e desejo sexual insaciável, impondo uma marca diabólica como característica para essas pessoas. Tentaram destruir as crenças e o culto aos deuses locais e impor o cristianismo, a monogamia, a violência de gênero, o autoritarismo e as práticas violentas na criação dos filhos (Federici, 2017). Sobre a imposição do cristianismo, Lugones (2020, p. 67) fala que impor um Deus masculino foi “[...] crucial para a submissão das tribos”.

De acordo com a artista plástica e pesquisadora brasileira Zordan (2005), no ensaio que discute sobre o poder das Bruxas, é afirmado que o corpo jovem é considerado o ideal de beleza, e que os corpos velhos e disformes são associados à iconografia do Inferno. Ao passo que as Bruxas comumente são descritas como mulheres velhas e camponesas, ao que Federici (2017) explica através da imposição do capitalismo, como muitos jovens trabalhadores foram obrigados a se deslocarem para cidades grandes para vender sua mão-de-obra, o que acabou por condenar os idosos que precisaram permanecer nas zonas rurais, com dificuldades para se manter economicamente.

¹³Por Novo Mundo podemos compreender continentes colonizados, como as Américas e a Oceania.

Federici (2017) dedica boa parte dos seus escritos a denunciar o movimento de caça às bruxas no contexto europeu, porém também investiga como isso reflete nos países colonizados. Inicialmente ela equipara a caça às bruxas às acusações de adoração ao demônio como uma *justificativa* para o mundo da colonização e da escravização dos povos africanos. Posteriormente, a autora nos informa que após a significativa diminuição geográfica, por conta das mortes ocasionadas por doenças, trabalho escravo e inúmeras violências, igualmente “[...] a segurança política e econômica da estrutura de poder colonial” (Federici, 2017, p. 413) deram *fim* a perseguição direta, já que não representavam mais um perigo que poderia colocar em risco o domínio colonial, sendo reduzida à práticas de pessoas ignorantes.

Mas por que ainda falar em caça às bruxas? Porque novas formas de violações vão se atualizando, de acordo com Federici (2019), a escalada da violência contra mulheres, o aumento vertiginoso de feminicídios, a criminalização do aborto, a violência obstétrica continuam a acontecer por conta do processo político de recolonização que precisa atacar as mulheres para entregar ao capital o controle sobre “a riqueza do mundo natural e o trabalho humano” (p. 94). Ao que Segato (2021) ratifica que, a guerra contra as mulheres aumenta, ao passo que se expande a modernidade e o mercado. Segato (2021) vai além quando afirma categoricamente que “[...] a violência contra as mulheres tem deixado de ser um efeito colateral da guerra e tem se transformado em um objetivo estratégico deste novo cenário bélico” (Segato, 2016, p. 57) [tradução da autora]¹⁴, a autora exemplifica esta afirmação a partir da agressão sexual, destruição corporal, como também do tráfico e comercialização de órgãos.

Quando se fala em bruxas, é da história de mulheres que foram guardiãs de saberes ancestrais, e há um grupo específico ao qual esta pesquisa se debruça a fim de compreendê-lo em toda sua complexidade, que são as Parteiras tradicionais, o que será abordado no próximo tópico.

¹⁴ “[...] la violencia contra las mujeres ha dejado de ser un efecto colateral de la guerra y se ha transformado en un objetivo estratégico de este nuevo escenario bélico” (Segato, 2016, p. 57)

CAPÍTULO 3 - INSTITUIÇÃO E DESINSTITUIÇÃO DAS PARTEIRAS

Samarica Parteira

“Lula!

Pronto, patrão

Monte na bestinha melada e risque

Vá ligeiro buscar Samarica parteira

Que Juvita já tá com dor de menino

Ah, menino!”

Luiz Gonzaga

Ehrenreich e English (1973) afirmam que as mulheres sempre foram médicas sem diplomas, excluídas dos saberes formais, mas aprendendo na prática, umas com as outras, sobre o uso de ervas medicinais, compartilhando entre si os segredos dos seus usos, mulheres sábias para alguns, bruxas para outros. Segundo Federici (2017), historicamente as bruxas eram as curandeiras, as parteiras, as feiticeiras, detentoras de conhecimento acerca do controle reprodutivo feminino. Até o século XVI, o parto era considerado um evento feminino, porém numa tentativa de criminalizar o controle de natalidade, por conta do valor social que os indivíduos passaram a ter, a figura da Parteira passou a sofrer perseguição sob acusação de bruxaria, aborto e infanticídio, o que levou à sua expulsão da cena de parto e a entrada dos médicos homens.

Recorro novamente a Adichie (2019, p. 11) quando ela afirma como se cria uma história única: “[...] mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. As mulheres se tornaram bruxas a partir de uma campanha encabeçada pelo Estado, pela Ciência e pela Igreja, os quais utilizaram do seu poder para transformar essa narrativa numa história única.

Como já mencionado, as mulheres na Idade Média detinham conhecimentos sobre seus ciclos reprodutivos, sabendo transformar ervas em supositórios vaginais que poderiam provocar um aborto, por exemplo. Entretanto, com a criminalização da contracepção, as mulheres foram obrigadas a reproduzir pessoas “degradando a maternidade à condição de trabalho forçado” (Federici, 2017, p. 102), para produzir trabalhadores e trabalhadoras para o Estado, reduzindo a função social feminina ao trabalho reprodutivo em âmbito doméstico. A impossibilidade de que as mulheres trabalhassem de forma remunerada aumentou sua dependência no casamento, fazendo com que as solteiras ou as viúvas fossem condenadas à prostituição ou bruxaria.

Aqui, é válido mais uma vez fazer uso das contribuições de Segato (2021, posição 1731) para pensar o binarismo moderno que concede ao homem o espaço público e político, privatizando e despolitizando o espaço doméstico que é imposto às mulheres. Deste modo, o trabalho de cuidado, o trabalho doméstico e o parto são vistos como escolhas e possibilidades individuais que não cabe discussão no espaço público, esquecendo (propositalmente para enfraquecimento da luta coletiva das mulheres) que quem pariu, pariu alguém, que quem cuida, cuida de alguém, ou seja, o tema abrange todas as pessoas da sociedade.

Além da disputa política entre os sexos, há a luta de classes, conforme apresentam Ehrenreich e English (1973). Pois, historicamente o trabalho das curandeiras está a serviço da comunidade, enquanto que o trabalho dos médicos está a serviço de determinadas classes sociais com maior poder aquisitivo. Portanto, registrar a resistência das Parteiras nos dias atuais é, além de pôr em questão o *status quo* desses saberes dominantes, uma forma de reencantar o mundo como nos diz Federici (2022). É interessante conectar essa perspectiva com a de Segato (2021, posição 370) que, ao falar sobre as feministas árabes, descreve todo o laço comunal de “[...] proteção mútua que emanam de saberes próprios compartilhados e atividades rituais e estéticas produtivas e lúdicas realizadas em associação, coletivamente”. Ou seja, a forma de reencantar o mundo é comunalizando, e para isso, precisamos manter as mulheres unidas.

Tive a oportunidade de ouvir a Federici, ao vivo, na Conferência em comemoração aos vinte anos de publicação do Calibã e a Bruxa, evento promovido pelo SESC da Avenida Paulista e a Editora Elefante, no dia primeiro de dezembro de 2023. Nessa ocasião única, fiz a seguinte pergunta: A expulsão das Parteiras da cena de parto e a hegemonia da ciência médica são formas de continuação da caça às bruxas. Como podemos contribuir na luta pela resistência dos saberes populares?¹⁵ . Ao que a autora respondeu: “Sim, há toda uma história muito importante, em qualquer país, da história da parteira, que o desenvolvimento da profissão médica se foi feita com a expulsão e a criminalização da parteira. Muitas mulheres acusadas de bruxaria na caça às bruxas eram parteiras, porque a parteira era suspeita, ela conhecia como, por exemplo, o aborto, ela conhecia ervas para o aborto, anticoncepcionais, muitas eram parteiras e sabemos que a história da

¹⁵Poderia ter elaborado melhor a pergunta, mas diante da euforia de estar diante dessa autora que é base da minha pesquisa, isso foi o melhor que pude.

profissão médica foi uma história que sempre excluiu as parteiras, até o presente, ou se controla as parteiras, em vários países as parteiras foram organizadas pelo Estado com grande controle disciplinar, para garantir que não pudessem ajudar as mulheres a abortar. E a ciência médica, hoje por exemplo nos Estados Unidos, sobretudo as mulheres afrodescendentes, decidem não ir sozinhas aos hospitais para parir, porque sabem que na ciência médica e nos institutos médicos, nas clínicas, hospitais há muito racismo, seguem vivendo muito racismo, assim vão com outras mulheres, com a Doula, se foi criada essa figura social, que é a Doula é uma mulher que não tem conhecimento médico, mas tem vocação, [som inaudível] para permitir para parir em paz, para permitir parir sem medo de ser humilhada ou que não te escutem quando diz que sente algo, quando diz que está mal, de ser escutada e de poder celebrar e viver esse momento tão importante da tua vida, que para muitas mulheres se converte num pesadelo, de poder parir sem ter dor, sem se sentir em um lugar inimigo [...] o capitalismo é preocupado que as mulheres lutem para controlar seus corpos [...] que queremos decidir sobre os nossos corpos [...] Eu escrevi que o corpo da mulher é a última fronteira que o capitalismo deve conquistar” [tradução do espanhol e transcrição da autora] (Silvia Federici, Conferência em comemoração aos 20 anos de publicação do *Calibã e a Bruxa*, com mediação de Vanessa Oliveira, 01 de dezembro de 2023).

Aqui se faz importante realizar algumas considerações sobre a fala da autora, antes de seguir para a segunda parte da resposta: primeiramente, a palavra Doula, tem origem grega e significa “mulher que serve”. A função social dessa mulher que serve outras mulheres, dando suporte físico e emocional, tanto durante o parto, como no decorrer da gravidez e no pós-parto, existe desde a antiguidade, encontrada na figura da mãe, da irmã, da amiga ou da vizinha. Todavia, a nomeação e profissionalização dessa atividade é uma invenção social que data da década de 70, nascendo junto ao movimento da humanização do parto (Fadynha, 2011); (Souza e Dias, 2010).

Em segundo lugar, é interessante observar que ainda que possa parecer sutil para algumas pessoas, o discurso no que diz respeito a parteira é histórico. No sentido de que no passado foi assim, mas quando se fala da hegemonia médica no presente, a cena de parto é limitada ao hospital e à medicina. E, por fim, num trecho não transcrito, mas que está disponível no link mencionado nas referências, a fala

de Silvia envereda pelo tema da gravidez por substituição, o qual ela define como uma prática racista e colonial. Dito isto, não cabem muitos apontamentos aqui, por não possuir relação direta com o tema de pesquisa, porém para a leitora e leitor que desejam ampliar essa discussão, podem ler o *Além da pele*¹⁶ e como contraponto o livro *Útero e fronteiras*¹⁷.

Retornando para a resposta da autora, ela finaliza falando sobre como podemos contribuir na luta pela continuidade dos saberes populares: “As formas de luta e da organização das lutas que vamos enfrentar devem ser formas que nos nutrem e que combatem o desespero, esta visão individual da vida que nos consome, porque quando você se sente só diante desse mundo tão feio, você vai se desesperar, por isso, que falamos em fazer coisas juntas, lutar, passar tempo, cozinhar juntas, comer juntas, dançar, cantar, cantar é muito importante [risos], um movimento sem canção não é um movimento que tenha valor. Eu digo que cantar é a emoção de algo que sentimos coletivamente, por isso, que todos os movimentos importantes produziram muitas canções, canção é emoção, é reunir, é sentir parte de algo maior do que nós, também é importante compreender a importância de reconectar a memória histórica, e declarar nossa solidariedade com os que vieram antes de nós, que lutaram antes de nós, dos mortos, que nós somos sua voz, que devemos ser sua voz, devemos ser seus olhos, devemos ser os que seguem realizando o que tentavam fazer, assim que não são mortos, assim que quando dizemos presentes é verdadeiramente presente, porque vivemos sua experiência, vivemos seu desejo, vivemos sua luta” [tradução do espanhol e transcrição da autora] (Silvia Federici, Conferência em comemoração aos 20 anos de publicação do *Calibã e a Bruxa*, com mediação de Vanessa Oliveira, 01 de dezembro de 2023).

Dois aspectos fundamentais estão presentes nesse recorte e precisam de destaque: as relações comunais defendidas pela autora, e citadas anteriormente pela Segato (2016), os movimentos de luta; como também a continuidade de uma trajetória que é anterior a nós, mas que precisa ser continuamente travada. Aqui interpreto a fala da autora a partir do recorte prévio da pesquisa, pensando a história das mulheres, das bruxas e das parteiras.

¹⁶Federici, S. *Além da pele: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Elefante, 2023.

¹⁷Graziuso, B. K. *Úteros e Fronteiras: Gestação de substituição no Brasil e Estados Unidos: um estudo comparado*. São Paulo: Tirant Lo Blanch Brasil, 2018.

Com o fundamento na compreensão da narrativa que essas autoras apresentam sobre quem são as bruxas e como elas foram assim denominadas, e do porquê as Parteiras foram expulsas da cena de parto, é possível agora tratar de forma mais específica o processo de medicalização e institucionalização do parto.

3.1 Medicalização e institucionalização do parto da Europa à América Latina

O filósofo e historiador francês Foucault (2019) considera que o nascimento do hospital como espaço de cura data do final do século XVIII. Até então a instituição hospitalar não estava associada à medicina, e sim como um lugar de assistência aos pobres que estavam morrendo, a quem um médico, normalmente o que não conseguia destaque na atuação liberal, visitava esporadicamente. Somente a partir de algumas mudanças sociais, como o preço atribuído ao indivíduo e a necessidade de evitar epidemias, foi que passou a haver mecanismos disciplinares (espacialidade, controle sobre o desenvolvimento, vigilância e registros constantes) no espaço hospitalar que confere a medicalização. Portanto, o hospital renasce como espaço de cura e de formação de outros médicos, a partir do conhecimento prático aprendido.

Foucault (2019, p. 302) define que a importância da medicina no século XVIII tem origem a partir do “[...] cruzamento de uma nova economia ‘analítica’ da assistência com a emergência de uma ‘polícia’ geral da saúde”. O autor não se debruça no que se refere ao parto como evento médico, mas nos traz elementos interessantes para pensar a institucionalização desse fenômeno social. Como por exemplo, que as características biológicas das pessoas se tornam elementos para aumentar sua utilidade, não apenas a fim de sujeitar à população a tal dispositivo. Tal perspectiva fomenta o que é trazido por autores e autoras como Ariès (2019), Badinter (1985), Federici (2017) da inseparável relação entre o sentimento de infância e o controle sobre os corpos femininos.

Ao passo que as autoras supracitadas, apesar de suas divergências teóricas, têm como ponto em comum olhar para a condição das outras mulheres. O mesmo não é realizado pelos dois autores homens, mas que ainda assim, tanto Foucault (2019) como Ariès (2019) nos trazem compreensões importantes, discutindo precisamente o movimento de cercar as crianças com cuidados médicos. Foucault

(2019) destaca o poder do qual o médico se beneficia desde o século XVIII passando a ser a referência no que tange “[...] observar, corrigir, melhorar o ‘corpo’ social e mantê-lo em um permanente estado de saúde” (p. 310), função declaradamente higienista. Ariès (2019) como já citado, elabora a narrativa sobre o surgimento do sentimento da infância.

A socióloga brasileira Brenes (2005) apresenta que os modelos tradicionais da formação de parteiras como da auto-experiência, da passagem entre uma geração e outra, ou do acompanhamento de uma parteira mais experiente, foi se modificando na França a partir da obrigatoriedade que fossem submetidas a exames que pudessem comprovar sua instrução. Em seguida, esse cenário foi novamente modificado por conta da criação dos cursos, iniciando uma disputa entre a formação de Parteiras de primeira e segunda categoria, data dos anos de 1822 e 1823. No primeiro ano foi inaugurada a primeira formação de parteiras na Escola de Partos de Paris com duração de dois anos, porém após a morte da principal articuladora o futuro profissional se torna incerto, o que se intensifica após o início da Formação de Parteiras na Faculdade de Medicina de Paris em 1823, com duração de três meses. A quem interessava que essa formação tivesse o tempo reduzido?

De pessoas importantes e bem quistas socialmente, as parteiras passaram a ser vistas com desconfiança caso não se submetessem aos preceitos da ciência, “[...] a cada passo dado na transformação da arte em ciência” (Brenes, 2005, p. 72). Brenes (2005) nos narra sobre como as ideias iluministas foram invadindo a cena de parto e os corpos das mulheres, pois até então a ciência tinha como premissa o conhecimento a partir do acompanhamento dos fenômenos naturais. No entanto, a partir das ideias de Francis Bacon¹⁸ o objetivo era extrair a verdade da natureza, nem que fosse preciso usar de tortura. Esse pensamento na cena de parto tem influência sobre o controle e a violência utilizada, pois, como Brilhante (2021) comunica, o iluminismo perpetua a estrutura hierárquica da racionalidade.

Segundo Iaconelli (2023), ao passo que substituímos Deus pela ciência, transferimos o ônus e o bônus para a medicina e aos médicos cabe garantir e controlar que tudo que acontece seja explicado. Conjuntamente com o protagonismo médico na cena de parto, vivemos um fenômeno nomeado como violência obstétrica que une o que há de mais perverso “Repetição traumática, racismo, misoginia,

¹⁸Capra, F. O ponto de mutação, a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: cultrix, 1988.

medicalização e a política de controle dos corpos” (Iaconelli, 2023, p. 155-156) em nossa sociedade em um dos momentos que deveriam ser mais protegidos. A autora em questão finaliza sua etnografia sobre o parto, registrando o fracasso da cena de parto quanto a ser um “[...] evento fisiológico tratado como patológico com a finalidade de permitir o máximo de controle sobre o corpo dos envolvidos” (Iaconelli, 2023, p. 166).

De acordo com a médica e professora brasileira Diniz et al (2015), pode-se compreender violência obstétrica como formas diversas de violências no contexto da assistência ao pré-natal, parto, pós-parto e em abortamentos, isto significa dizer que, em qualquer momento da experiência perinatal. Quanto às formas podem ser: física, psicológica, verbal e negligência. Iaconelli (2023) afirma que o médico Rogelio Pérez D’Gregório foi quem primeiro falou sobre violência obstétrica e a compreende, não somente como ações violentas específicas, mas como uma crítica ao modelo hegemônico de parto, bem como na defesa dos direitos reprodutivos femininos. Inclusive, a Venezuela, país de origem do médico supracitado, é pioneira acerca da tipificação da violência obstétrica, trazendo nuances importantes para serem analisadas, falando em *apropriação do corpo e dos processos reprodutivos*, *patologização dos processos naturais* e o impacto negativo na vida das mulheres (Diniz, 2015, et al); (República Bolivariana da Venezuela, 2007).

Outro ponto abordado por Federici (2023) ao dizer que o corpo feminino é a última fronteira que o capitalismo deve conquistar, pode ser atrelado à institucionalização do parto pelo assepsia da cena de parto. O que é evidenciado, quando Iaconelli (2023) reafirma a nossa dificuldade social de associar parto e nascimento à sexualidade. Uma cirurgia sob anestesia realizada em um hospital, *limpa* a cena, deserotiza e inverte o protagonismo, pois é o médico que faz o parto. Ao que Brilhante (2021) também discute afirmando que o corpo da gestante passa a ser visto como um ambiente inóspito e que cabe ao médico controlar e diminuir os riscos envolvidos, o que corrobora para a institucionalização do parto. Se algo é tão perigoso e a medicina se afirma e resguarda como a única que pode solucionar, a mulher agora fragilizada e docilizada, expropriada dos saberes ancestrais, irá se submeter aos *cuidados do herói* (medicina).

Levam a crer que as mulheres têm apenas duas opções que disputam em violência. De um lado, partos vaginais hospitalares em que precisam ficar deitadas, frequentemente sozinhas, com privação de comida e água, na iminência de sofrer

Manobra de Kristeller (empurrar a barriga da parturiente para baixo), episiotomia (corte feito entre a vagina e o ânus - região do períneo) - (Kämpf e Dias, 2018). Ambos os procedimentos são realizados para supostamente facilitar o nascimento, porém os estudos provam que, além de não facilitar a passagem do bebê, prejudicam a parturiente, sendo consideradas violências obstétricas (Katz et al, 2020); ou se submeter a uma cirurgia eletiva que, apesar dos avanços tecnológicos, continua tendo mais riscos do que um parto vaginal (Brilhante, 2021). O Movimento de Humanização do Parto foi iniciado na década de 1970 e se consolidou no Brasil com a fundação da Rede pela Humanização do Parto e do Nascimento, em 1993, e, apesar da sua importância, não excluiu a continuidade dos partos domiciliares acompanhados por Parteiras.

3.1.1 Colonialismos da medicina sobre os saberes da parteria tradicional

Conforme a historiadora e escritora brasileira Del Priore (2004), no início da colonização acreditava-se que a doença era uma advertência de Deus para que as pessoas pudessem salvar suas almas se redimindo dos pecados. A doença era o castigo e a cura, a oportunidade de não pecar mais. A autora defende que o corpo feminino era visto como campo de disputa na relação entre doença e culpa, o corpo divino e o diabólico. *Parirás com dor*¹⁹ representa esse castigo divino diante do pecado original atribuído à mulher e demarca também a crença de que o tema da reprodução sexual era um assunto divino, como apontado por Del Priore (2004).

A autora ainda menciona dados de que países como França, Inglaterra e Holanda deram passos importantes quanto ao saber médico, mas que Portugal, e em decorrência a colônia, ficaram atrasadas por conta da Inquisição que barrava ideias progressistas, permanecendo presos no obscurantismo e dogmatismo religioso. Interessante observar que a base da medicina brasileira venha de um passado apoiado na “[...] alquimia medieval, na astrologia e no empirismo” (posição 1593), mas que, juntamente com a Igreja e o capitalismo (posição destacada anteriormente pela Federici, 2017; 2019), persegue as mulheres que também acreditavam na relação da doença com forças sobrenaturais. Além dessa base médica religiosa que olha para o corpo feminino de forma inferior ao do homem, a

¹⁹ “Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua concepção; com dor darás à luz filhos” Gênesis 3:16.

medicina passou a perseguir mulheres que detinham conhecimentos empíricos e ancestrais sobre seus corpos: o saber popular, passado entre gerações de mulheres que era essencial para a sociabilidade feminina, bem como a preservação e continuidade de seus costumes.

Del Priore (2004) corrobora o que já foi discutido em outros tópicos da presente pesquisa através das produções de Federici (2017). Ainda assim, é importante citá-la novamente, por ser uma autora brasileira que relata processos com alegação de feitiçaria no Brasil, como por exemplo o caso contra Maria, mulher escravizada em Itu, no Estado de São Paulo. No século XVIII, mulheres utilizavam dos seus conhecimentos de ervas e raízes para assistência dos enfermos em localidades onde a medicina se mostrava ausente em quantidade de profissionais e em nível de conhecimento. Porém, essas mulheres sofreram duplamente neste cenário, pois, tanto seus corpos, como seus conhecimentos, eram alvos da perseguição perpetrada pela medicina e pela religião.

A falta de conhecimento sobre os eventos anatomofisiológicos do corpo com útero, acabaram por contribuir para a construção de uma médica pautada no saber masculino e desconfiado sobre o *segundo sexo*²⁰. Para onde a mulher fosse, o discurso sobre ela era carregado de misoginia. A autoridade do pai, do marido, do médico, à mulher restava procriar, de preferência outro homem. Por isso, recorrer a saberes populares e informais era perpetrar uma subversão, negar o saber médico e procurar o saber e o cuidado de outras mulheres. Cabe-se ponderar que não existe aqui, como objetivo, a intenção de invalidar as contribuições positivas da ciência e da medicina. Como a Doula e educadora perinatal Fadyinha (2011) demarca que mulheres morreram no parto, pois ainda não era difundida a necessidade de lavar as mãos. O que se argumenta na presente pesquisa são os efeitos de esterilizar todo o ambiente, evitando que outras pessoas estejam no parto, o que acaba “[...] distanciando a mulher da família e dos amigos” (p. 17), além de começar a intervir desnecessariamente na cena, como por exemplo, na posição de parir.

Del Priore (2004) fala como o funcionamento natural do ciclo reprodutivo demonstrava de forma, mais ou menos, discreta o momento da fertilidade, da maternidade ou não, da menopausa e que essas fases inscreviam a mulher no calendário da natureza (posição 1800). A farmácia doméstica se encontrava no quintal de casa, a autora fala que além das ervas plantadas e colhidas, as mulheres

²⁰ Menção à obra da Simone de Beauvoir.

após limparem as roupas sujas com o sangue menstrual jogavam as águas nesse espaço sagrado para a cultura feminina, construído a partir de “[...] empirismo, oralidade e memória gestual” (posição 1884).

A autora se detém a descrever a indicação de sangria para várias situações, incluindo o sangramento pós parto, e inclusive a eclâmpsia, até então desconhecida pelos médicos. Assim como o sangue da menstruação também detinha várias associações de um lado diabólico atribuído às mulheres, isso ocorreu até a segunda metade do século XVIII e o medo em relação às mulheres passou a ser colocado como um cuidado, uma forma até mais eficiente de controle. Conforme destaca Del Priore (2004), é justamente nesse período que a ciência médica passava “[...] a adquirir a imagem de um saber devotado e infalível [...] assumindo, por fim, uma função de vigilância social e moral” (posição 2068).

Segundo Badinter (1985), no século XVII a mulher era identificada como a serpente do Gênesis, um ser diabólico que precisa de lei para subordiná-la. Contudo, na passagem para o século XVIII, a mulher passou a ser descrita como um ser doce, frágil e ingênuo que precisa de cuidado. Como a autora resume: “Eva cede lugar, docemente, a Maria” (p. 176). Conjuntamente com essa mudança da forma que a mulher é vista e retratada na sociedade após a segunda metade do século XVIII, os médicos passam a atribuir características como: frágil, de menor capacidade intelectual, falta de musculatura, entre outros atributos que docilizavam as mulheres.

Para além da expulsão das Parteiras da cena de parto, como referido pelas autoras já citadas, de acordo com a médica e pesquisadora brasileira Vieira (2002), há também a problematização a respeito de que o discurso de autoridade médica é construído a partir de intervenções no corpo feminino, com o argumento de tentar compreender a tal *natureza feminina*, que amplia a ideia do corpo defeituoso e que deve ser consertado, fundamentando assim a medicalização. Segundo Miles (1991 apud²¹ Vieira, 2002, p. 19), medicalizar quer dizer intervir com base na ciência médica em eventos comuns à vida humana. Se antes existia uma variedade ao pensar na *arte de curar*, com o capitalismo, o saber científico, e mais precisamente,

²¹Optou-se por manter a citação no modo apud pelo texto citado não ter sido encontrado e pela precisão da afirmação. MILES, A. Women, Health and Medicine. Philadelphia: Open University Press, Milton Keynes, 1991.

a medicina, esta última vai se constituindo como a única e verdadeira forma de pensar a saúde das pessoas, o que se consolida no século XIX (Vieira, 2002).

De acordo com Maciel e Pinheiro (2021), ao mesmo tempo que os saberes populares, que as mulheres foram acumulando ao longo dos séculos, se constitui como única alternativa para a comunidade ao redor, também foi relegado à prática de bruxaria, pelo entendimento que isso seria interferir nas leis da natureza. As autoras apresentam que no Brasil, as mulheres adquiriram a prática da medicina tradicional a partir dos povos indígenas, dos negros africanos e também do mundo medieval, que remetem aos rituais das bruxas. Nêgo Bispo (2023, p. 36) fala sobre o movimento de contracolônização afirmando que: “Os indígenas viviam no Brasil em um sistema de cosmologia politeísta. Viviam integrados cosmologicamente, não viviam humanisticamente. Chegaram então os portugueses com as suas humanidades e tentaram aplicá-las às cosmologias dos nossos povos. Não funcionou. Surgiu assim o contracolonialismo. O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo”.

Como nos conta Vieira (2002), até o século XIX, no Brasil, a assistência ao parto era realizada somente por parteiras, o saber médico entrava quando existiam casos de risco. Entretanto, com a instalação da Corte portuguesa no Brasil, em 1808, algumas parteiras estrangeiras passaram a residir no país, e esse foi um primeiro passo para o processo de regulamentar, ou melhor, institucionalizar a prática de partejar. Contudo, não sem resistência também das parturientes que se recusaram a “[...] usar hospitais e enfrentar o olhar masculino” segundo Vieira (2002, p. 54), como também por parte dos próprios médicos que por misoginia julgavam não digno atuar na área obstétrica. Del Priore (2009) informa que a figura da Parteira estava presente nos registros médicos durante o período colonial, atuando de forma independente, porém essa parceria foi sendo desfeita. É cabível aqui o questionamento de se a dissolução da parceria ocorreu após os conhecimentos serem repassados.

Segundo Iaconelli (2015), o paradoxo da medicina no tocante ao controle sobre o ciclo reprodutivo é que, ao invés de fomentar a emancipação feminina, na verdade, reforça a ideia de imperfeição e necessidade de medicar e corrigir o corpo feminino, além de gerar uma dependência ao consumo de biotecnologia. Ao que Del

Priore (2004), de forma certa, resume na afirmativa: “A medicalização da mulher era também a sua demonização” (posição 1635).

Osawa, Riesco e Tsunechiro (2006) ao contar sobre a história do parto no Brasil, explicam, a partir da criação das maternidades no Rio de Janeiro e na Bahia, as parteiras diplomadas foram convidadas a compor os grupos de assistência ao parto com os médicos, desde que nessas instituições. No final do século XIX os médicos passaram a defender que as parteiras possuísem formação como enfermeiras, para evitar sua atuação de forma independente e manter o poder hierárquico sobre as mesmas, no contexto hospitalar, o que é possível compreender, conforme Federici (2019), enquanto uma atualização do movimento de caça às bruxas.

Encerro a revisão teórica novamente apoiada na Adichie (2019), quando ela afirma que não existe uma história única sobre nenhum lugar, sendo este um projeto-pesquisa-convite para que seja possível ajudar a contar a história da parteria tradicional do Cariri, não apenas das suas cicatrizes, como diz Emicida (2019) em AmarElo, senão de histórias múltiplas, incluindo a magia e as celebrações deste ofício.

CAPÍTULO 4 - CONHEÇA O MEU LUGAR

*“Nordeste é uma ficção
Nordeste nunca houve
Não, eu não sou do lugar
Dos esquecidos
Não sou da nação
Dos condenados
Não sou do sertão
Dos ofendidos
Você sabe bem
Conheço o meu lugar
Conheço o meu lugar
Conheço o meu lugar
Conheço o meu lugar”*
Belchior - Conheço o meu lugar

Neste capítulo apresento o contexto geográfico, cultural e experiencial em que a pesquisa é produzida. Foi na busca de material para apresentar o contexto em que a pesquisa se insere, me deparei com um livro que visa destrinchar como, porquê e por quais agentes a região Nordeste foi criada, nessa perspectiva é que o livro *A invenção do Nordeste e outras artes* (1994) de Durval Albuquerque, historiador e professor paraibano, se fez imprescindível para iniciar e dar base para a discussão, e me relembra que o cantor cearense Belchior (1978) já dizia à plenos pulmões *Nordeste é uma ficção. Nordeste nunca houve*. A cantora natalense Juliana Linhares no seu álbum *Nordeste ficção* (2021) retoma a provocação e diz que o *Nordeste é uma invenção política*.

Assim como exposto por Quijano (2005) e referido no capítulo 1, o que antes eram demarcadores geográficos, a partir das relações de dominação, passam a ser associados com identidades hierárquicas e deixam marcas como se fosse uma *associação natural*. A invenção do Nordeste remete à construção histórica e cultural de uma região marcada por uma riqueza complexa de tradições, identidades e desafios sociais, sendo inventada tanto por processos históricos quanto por narrativas sociais que a caracterizam de maneira específica ao longo do tempo. Mais do que uma delimitação geográfica, sua definição e representação foram construídas e reconstruídas ao longo da história. Desde o período colonial, o Nordeste brasileiro foi palco de uma multiplicidade de experiências e dinâmicas culturais, econômicas e políticas que contribuíram para sua singularidade.

Quando Albuquerque Júnior (2021, posição 143) relata que o Nordeste foi inventado a partir de “discursos que lhe atribuíram determinadas características físicas e que o investiram de inúmeros atributos morais, culturais, simbólicos, sexualizantes, às vezes, enervantes” fico pensando em como a imagem da Parteira tradicional Nordestina também foi inventada e coincide com a ideia transmitida de nordestino e de parteira a partir dos pontos de precariedade, ruralidade e analfabetismo, por exemplo.

Isso fica evidente na *Lei de Doulas para o Brasil - As Doulas e o cenário obstétrico no Brasil* em que a narrativa apresentada para as Parteiras tradicionais é a seguinte: “As parteiras tradicionais normalmente atendem mulheres em regiões carentes onde o acesso ao hospital é difícil, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país” (2017, p. 7). Importante ressaltar três pontos: primeiro que esse documento contou com a participação de duas Doulas cearenses que perpetuam essa narrativa única e estereotipada; segundo que como bem vimos no capítulo 1, a função da Doula nasce junto com a atuação da parteira tradicional, mas o cenário da humanização absorve essa profissional e a desvincula da sua origem, e por fim, essa junção regiões carentes e dificuldade de acesso ao hospital perpetua a ideia de que a parteira só pode atuar na ausência da medicina.

Com o reconhecimento da Parteira tradicional como patrimônio cultural *nacional*, aprovado pelo IPHAN em 2024, apesar da não regionalização, as Parteiras ainda estão associadas ao Norte e Nordeste, porque estão associadas à precariedade, a exercer sua função quando não há a ciência, mais precisamente a medicina, sempre atuando na falta de, e não apesar de, ou em parceria com, gostaria de incluir aqui para breve análise a capa do Programa do Ministério da Saúde intitulado *Parto e nascimento domiciliar assistidos por Parteiras Tradicionais*. Duas parteiras provavelmente ribeirinhas, e que *na falta de acesso à saúde formal* vão atender pessoas gestantes em lugares de difícil acesso.

Figura 1 - Parto e nascimento domiciliar assistidos por Parteiras Tradicionais



Fonte: Ministério da Saúde

Um documento do Ministério da Saúde intitulado *Diretrizes Nacionais de Assistências ao Parto* (2017) e que ao longo de 50 páginas não faz nenhuma referência às Parteiras é outro importante exemplo de como essas profissionais são vistas, marcando a contradição de abordagem, como patrimônio cultural sim, no museu sim, no passado sim, mas como profissional de assistência ao ciclo gravídico puerperal habilitada para atuar no presente e no futuro não. Ficando evidente essa exclusão quando vão citar os profissionais diretamente envolvidos no parto: “médicos obstetras, pediatras, neonatologistas, anesthesiologistas, generalistas, enfermeiras obstétricas, obstetrizes, enfermeiras assistenciais, técnicos de enfermagem, etc” (p. 10). Será que as Parteiras entram no etc.? Levando em consideração que os membros do grupo que elaborou o documento são majoritariamente médicos, contando com uma enfermeira obstétrica, talvez nem no etc as parteiras possam estar presentes.

Jessier Quirino (2004) reconhecido poeta nordestino diz no seu poema *Matuto no cinema* que o dito matuto *era analfabeto de pai, mãe e Parteira*. Esse discurso ao mesmo tempo que descreve um Nordeste, também o inventa perpetuando um discurso sobre o mesmo, com marcadores de atraso, criando uma estereotipização. Ou seja, a invenção do Nordeste está intimamente ligada às relações de poder e dominação que caracterizaram a história do Brasil. Durante o período colonial, a região foi explorada intensamente através da monocultura da cana-de-açúcar e da escravidão. Essa exploração econômica deixou marcas profundas na estrutura social e econômica do Nordeste, contribuindo para a persistência de desigualdades regionais até os dias de hoje.

Um dos aspectos fundamentais na invenção do Nordeste é a sua representação imagética e simbólica. Ao longo dos séculos, o Nordeste foi retratado de diferentes maneiras pela literatura, cinema, música e mídia em geral. Essas representações, muitas vezes estereotipadas e simplificadas, contribuíram para a criação de uma imagem "folclórica" da região, associada a aspectos como a seca, o cangaço, o forró e as festas juninas. Esses estereótipos, embora possuam elementos de verdade, não capturam a diversidade e a complexidade da vida nordestina.

Albuquerque Júnior (2021) discute no que se refere às imagens das figuras ditas nordestinas, a exemplo do cangaceiro, do vaqueiro, do coronel, incluo aqui a figura da parteira, todos têm em comum, que a depender da narrativa que se queira apresentar podem ser narrados como "vítimas da sociedade burguesa" (posição 4216) ou como "símbolos de forças sociais em atuação na sociedade" (posição 4285) reforçando a identificação com os mitos formadores. A proposta da pesquisa de campo com as parteiras é a de possibilitar que elas se narrem, com suas histórias, chamados, incoerências e potências, evitando cair nos polos.

Acho simbólico que o único curso de Obstetriz do Brasil tenha sido criado na USP, em 2005, evidenciando a disputa de espaço no cenário de assistência ao parto no Brasil, entre o Nordeste e o Sudeste. As autoras Osawa, Riesco e Tsunehiro (2006) acabam ratificando durante todo o texto a equivalência que dão as Obstetrizes como Parteiras, o que vindo de três enfermeiras obstétricas, parece uma tentativa de diferenciação com a enfermagem. O título do artigo em questão é "Parteiras-enfermeiras e Enfermeiras-parteiras", por essa questão que na presente

pesquisa utilizamos da palavra-chave Parteiras tradicionais, por demarcar o lugar tradicional do ofício, não do saber formal.

A partir do encontro com o livro de Albuquerque Júnior (2021) comecei a questionar como essa construção do tradicional foi sendo construída? Como o tradicional virou tradição? Se até Luiz Gonzaga, símbolo do nordeste e do povo nordestino, foi uma construção que deu certo a partir do que se esperava de narrativa e representação dessa região. Se o reconhecimento do trabalho artesanal de Espedito Seleiro foi construído a partir do encantamento de Alemberg Quindins com a peça recebida a partir de uma encomenda, aumentada pelo fascínio de Violeta Arraes e divulgação do trabalho do mestre pela Europa, além do aparecimento no filme de Guel Arraes, *O auto da compadecida*, ou no São Paulo Fashion Week, em 2005, o trabalho artesanal e representante de uma cultura foi sendo inventado como cultura a partir da leitura de pessoas outras que projetaram como cultura nordestina (Alves, 2023). O que me leva a inferir, a partir do mergulho no livro de Albuquerque Júnior (2021) que a Parteira tradicional também é uma criação.

4.1 No Ceará tem disso sim!

*“Eu sou a nata do lixo
Sou do luxo da aldeia
Sou do Ceará”
Ednardo, Amelinha e Belchior - Terral*

Figura 2 - Mapa do Ceará



Fonte: Google imagens

Siará primeiro estado a extinguir a escravidão²², destaque em aprovações no ITA, em média de 40% das vagas são de cearenses, tanto que a segunda sede será construída em Fortaleza²³, o Ceará, terra do humor²⁴ como patrimônio cultural do Brasil, o segundo Estado que mais mata mulheres em território brasileiro, o Ceará da seca, da fome, da exclusão? Quais as formas que se narram o Ceará?

Pensando esse campo de disputa no nordeste brasileiro, Santos et al. (2007), afirma que a partir da criação da primeira maternidade do Estado do Ceará, no ano de 1915, em Fortaleza, em que foi formulado um curso para as Parteiras, marca a institucionalização do ofício popular e tradicional das mesmas, como apontado por uma participante da pesquisa que não se considera “parteira de verdade” por não ter um curso, diferente das outras que tinham um diploma (p. 28). Outra ressalva importante é que o curso, que tinha um ano de duração, exigia como pré-requisito, saber ler e escrever, dados os altos índices de analfabetismo no Ceará, excluindo parte significativa das mulheres interessadas.

Além disso, não somente as Parteiras poderiam se beneficiar dos conhecimentos acadêmicos, como os médicos para a consolidação da prática

²² Como o Ceará se tornou o primeiro lugar do Brasil a abolir a escravidão, quatro anos antes da Lei Áurea.

²³ Ceará fica com 40% das vagas do ITA; primeiro vestibular no Estado deve ser em 2024.

²⁴ Lei determina que o Ceará é a Terra do Humor

clínica, “que ainda nesse período saíam das faculdades de medicina sem a devida prática do ofício, o que incluía a realização de procedimentos obstétricos considerados arriscados” (Medeiros, 2013, p. 971). Mas a história não é narrada como uma troca mútua, entre conhecimentos técnicos e saberes práticos, mas colocando a parteira num lugar menor, de adequação ao médico.

Segundo os pesquisadores Gomes, Brito e Silva et al (2021) nos anos 70 e 80, no Brasil, com o avanço do movimento feminista há a institucionalização do parto, contraditoriamente, uma vez que reduz o protagonismo feminino, passando a ser do médico. Apesar dos autores diferenciarem as parteiras rurais, das urbanas, em termos de organização enquanto categoria dessas, como também da não cobrança pela assistência daquelas, defendem que a importância das Parteiras é maior nas áreas em que o saber formal não tem alcance, o que pode ser justificado pelo argumento citado de que reduz os índices de mortalidade materno-infantil, porém novamente ratifica o lugar de que o saber popular só é útil enquanto o saber científico não se consolida na localidade.

Um ponto contraditório entre as diretrizes e a vivência das parteiras está, por exemplo, no acesso à Declaração de Nascidos Vivos (DNV). Segundo a Portaria nº 116, de 11 de fevereiro de 2009 que regulamenta a coleta de dados e fluxo de informações sobre óbitos e nascidos vivos, afirma que as Secretarias de saúde devem disponibilizar e controlar a utilização dos formulários, e que dentre os notificadores habilitados segundo o parágrafo oitavo, inciso dois estão: “Médicos e enfermeiros, *parteiras tradicionais reconhecidas e vinculadas a unidades de saúde, que atuem em partos domiciliares, cadastrados pelas Secretarias Municipais de Saúde*”.

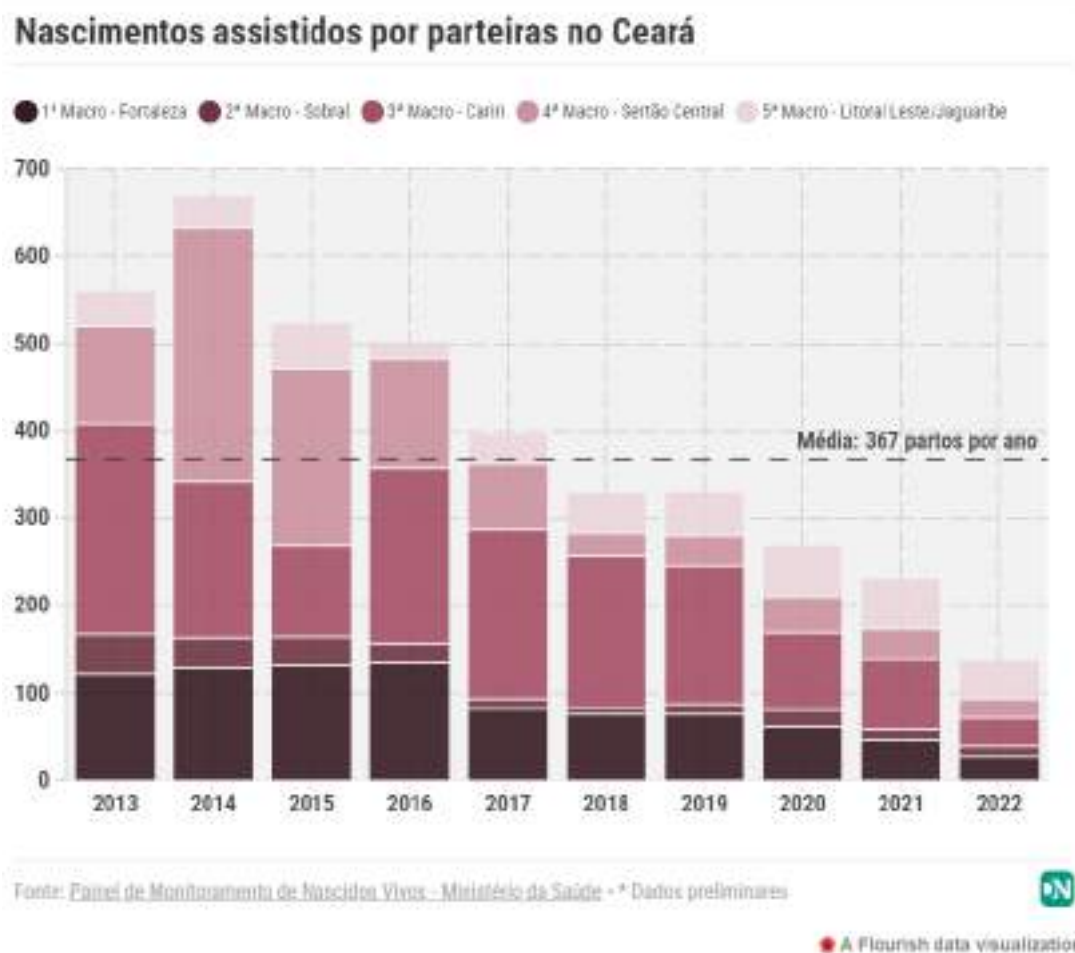
Porém, em matéria divulgada pelo Diário do Nordeste²⁵ (na qual tive a honra de contribuir, a partir da pesquisa do mestrado) a assessora técnica da saúde da mulher da Secretaria Municipal da Saúde de Fortaleza (SMS), Lea Dias, coloca como condição para acesso das Parteiras ao DNV, registro no Conselho Regional de Enfermagem (COREN) ou através do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES). É para além da institucionalização do parto, uma nova forma de institucionalização da atuação das parteiras, uma atualização da caça às bruxas já abordada no capítulo 1. E mesmo que esse fosse o caminho, a resolução do

²⁵ Custódio, G. Parteiras tradicionais e sistema de saúde: desafios e diferenças entre elas e outros profissionais, 2024.

COFEN nº 737 de 02 de fevereiro de 2024 que normatiza a atuação em parto domiciliar planejado, não inclui a atuação das parteiras, apenas do Enfermeiro obstétrico e da Obstetriz²⁶.

O discurso de inclusão e de exclusão das Parteiras pelos documentos técnicos se misturam e me lembra a peregrinação de muitas pessoas gestantes na procura de um lugar de assistência, sendo relegado a um não-lugar. A pesquisa Nacer no Brasil (2019)²⁷ afirma que o índice de peregrinação em maternidades públicas é maior na região Nordeste (33,1%) aumentando a chance de cesariana, de complicações para o bebê, entre outras consequências.

Figura 3 - Nascimentos assistidos por Parteiras no Ceará



Fonte: Painel de Monitoramento de Nascidos Vivos - Ministério da Saúde

De acordo com o Painel de Monitoramento de Nascidos Vivos do Ministério de Saúde, entre os anos de 2013 a 2023 (dados preliminares) mais de 4 mil crianças

²⁶ RESOLUÇÃO COFEN Nº 737 DE 02 DE FEVEREIRO DE 2024

²⁷ <https://nascernobrasil.ensp.fiocruz.br/>

nasceram pelas mãos de parteiras no Ceará, porém esse número pode sofrer subnotificação por conta da dificuldade de acesso ao DNV, como discutido no parágrafo anterior. No Ceará tem destaque a região do Cariri, em que a cada 3 partos 1 foi assistido por parteiras, de acordo com Custódio (2024). Vamos, então, conhecer essa região?

4.2 Só deixo o meu Cariri no Último Pau-de-Arara

*“A vida aqui só é ruim
Quando não chove no chão
Mas se chover dá de tudo
Fartura tem de porção”*
Fagner - Último Pau de Arara

Figura 4 - Mapa da Região Metropolitana do Cariri do Sul do Ceará



Fonte: Google imagens

Levando em consideração que José Palmeira Guimarães, autor da música Último Pau de Arara, é paraibano, muito provavelmente a música faz referência ao Cariri da Paraíba, não o do Ceará, mas nós cearenses nos apropriamos da música e do discurso de que ela fala sobre o nosso vale.

De acordo com Pinheiro (2009) o povo indígena Kariri chegou ao Sul do Ceará por volta do século IX e X. Diante dos efeitos da colonização conseguiram se

rebelar no movimento que ficou conhecido na história como Confederação dos Cariris.

O Cariri Cearense, localizado no sul do estado, é composto por 32 municípios, como Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Santana do Cariri, Missão Velha, Jardim e Nova Olinda, todos na microrregião do Cariri, atualmente, região metropolitana do Cariri e é conhecido por sua riqueza cultural, religiosa e paisagística. A partir de dados do último censo do IBGE (2021) a população do CRAJUBAR (Crato, Juazeiro e Barbalha) chega a 492.203,000 de habitantes.

Reconhecido como um oásis no meio do sertão, a região é marcada por formações rochosas impressionantes. De acordo com Batista e Batista (2020) o Geoparque Araripe é formado a partir de nove sítios naturais e abrange os municípios de Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri, com imenso patrimônio biológico, geológico e paleontológico. A UNESCO reconheceu como patrimônio geológico e paleontológico, estando integrado à rede mundial de geoparques desde 2006, visando à proteção e à preservação do acervo geológico, paleontológico e paisagens naturais.

O Cariri é berço de manifestações culturais riquíssimas, como o tradicional Reisado, o Pau-de-Arara, o Cordel e o artesanato em barro, que retratam a criatividade e o talento do povo caririense e as formas de preservação das tradições locais. Inclusive, no início de junho de 2024, o projeto Ciclo de Saberes dos Mestres e Mestras da Cultura da Chapada do Araripe foi lançado no Cariri, uma parceria da UFCA com o Ministério da Cultura. O objetivo do projeto é “promover as artes e ofícios desses mestres e mestras da cultura, por meio de diálogos, cursos, oficinas, aulas e espetáculos em ambientes universitários, escolas da região e nos espaços próprios dos mestres” (Ministério da Cultura, 2024). O edital foi lançado no dia 19 de junho e a parteria tradicional não foi contemplada como um saber popular, talvez podendo ser contemplada “como outras categorias culturais pertinentes”.

Apesar da escolha do trecho da música que abre essa seção, é preciso denunciar que muitas mulheres gostariam de *deixar o Cariri no primeiro pau-de-arara*. Pois tão incrível como a Chapada do Araripe são os índices de violência contra as mulheres. De acordo com dados da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS), em cinco anos (2018 e 2023) foram registrados 157 feminicídios no Ceará, dos quais 27 aconteceram em cidades caririenses. Das

10 cidades cearenses que mais matam mulheres, o Cariri tem três cidades nesse ranking: Juazeiro do Norte, Crato e Brejo Santo (Alves, 2023).

Em 2018, uma mulher foi assassinada pelo companheiro, na frente do seu filho, na praça da Sé, no Crato, a missa na Igreja da Sé iniciou como se nada tivesse acontecido, enquanto o corpo ainda estava no chão. Em 2023, a presidente da Câmara Municipal de Juazeiro do Norte foi assassinada pelo companheiro que não aceitava o fim do relacionamento, cometendo suicídio logo em seguida. O Cariri também pode ser narrado a partir da beatificação da menina Benigna²⁸, de Santana do Cariri, que ao resistir a um estupro teve sua imagem construída a partir do signo de Santa, por sua *temência a Deus, morrendo para manter sua castidade*.

Enquanto escrevo essas linhas, o projeto de lei 1904/2024 é votado na Câmara dos Deputados que equipara aborto (acima de 22 semanas) à homicídio em qualquer caso, mesmo nos casos de estupro, conforme anteriormente garantido por lei. Mas tudo isso acontece não sem resistência, como também por causa dela, quanto mais os homens perdem poder, mais fatais são suas tentativas de algum controle.

4.2.1 A invenção da medicina no Cariri

*“Aprendi a cantar sem professor,
com a graça de Deus eu sou completo
Você vem me chamar de analfabeto,
exibindo diploma de doutor
No congresso que eu for competidor,
vou ganhar de você de 10 a 0
Bastião eu vou ser muito sincero,
se eu deixar de cantar não sou feliz
Ser poeta eu sou porque Deus quis,
ser doutor eu não sou porque não quero”.*

Poema incidental - Aprendi a cantar sem professor - Santanna O cantador

Nas minhas pesquisas sobre o Cariri, e mais precisamente, sobre o início da medicina na região, me deparei com um livro, escrito pelo médico José Flávio Vieira (2018) intitulado *Dormindo à borda do abismo: a medicina no Cariri Cearense (1800*

²⁸ Benigna Cardoso da Silva – a beata Menina Benigna - “Santanense aclamada como “Heroína da Castidade”, a jovem de Inhumas nasceu em 15 de outubro de 1928, vindo a falecer aos 13 anos de idade, em 24 de outubro de 1941, vítima de assassinato cometido por Raul Alves, ao tentar violentá-la”

<https://www.ceara.gov.br/2024/02/20/monumento-da-beata-menina-benigna-com-26-metros-de-altura-comeca-a-ser-montado-em-santana-do-cariri/>

- 1900) em que ele retrata como o próprio subtítulo sinaliza, a trajetória da invenção e consolidação da medicina na região citada. O autor abre a obra fazendo uma linha do tempo com os principais acontecimentos na história da medicina. Gostaria de destacar aqui alguns desses momentos.

1500 - Primeira cesariana com gestante viva, na Suíça. Realizada pelo marido da parturiente que era um castrador de porcos.

1522 - Um ginecologista é condenado à fogueira por se vestir de mulher para assistir um parto, já que a lei proibía homens de assistir parto.

1550 - Um homem francês inventa um fórceps.

1822 - Primeira cesariana no Brasil foi realizada numa mulher escravizada pelo médico José Correia Picanço em Pernambuco.

1859 - Autorização para que mulheres possam ingressar nos cursos de medicina do Brasil.

A primeira cesariana com gestante viva não foi realizada por um médico; como saímos da proibição e condenação de morte na fogueira para uma expressão tão significativa de homens obstetras? (pergunta retórica, pois bem vimos essa construção histórica no capítulo 1); um homem inventou um fórceps, um instrumento horrível tanto para a parturiente como para o bebê; primeira cesariana no Brasil usou como cobaia uma escrava, essa cena que poderia ser datada se repete na assistência à mulher negra ainda hoje no Brasil²⁹; As mulheres que já eram “médicas sem diplomas” foram proibidas de ter acesso ao estudo formal e depois de séculos podem começar a se qualificar, mas não sem muita determinação para se manter no curso diante de “perseguições e agressões” (Vieira, 2018, p. 197).

Vieira (2018) dedica 10 páginas do seu livro de 417 páginas para falar sobre o Cariri e as suas medicinas populares, no tópico sobre a parteira repete vários erros, infelizmente, comuns por alguns autores que abordam a temática: o primeiro é equiparar Parteira como Aparadeira, como se o ofício daquela se resumisse a aparar o bebê, logo em seguida afirma que “no século XIX, os partos eram domésticos, sob a assistência de uma parteira” (p. 125) mais um autor que acaba relegando a parteira ao lugar de museu, de que antigamente era assim, como se hoje não houvesse mais espaço para tal ofício. Depois refere-se às parteiras como doulas, como se fossem termos equivalentes, não irei retomar esse ponto porque essa diferença já foi marcada no primeiro capítulo da dissertação.

²⁹ A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil

O único ponto que ele acerta é reconhecer que a falta de higiene, que causava infecções e morte materno-infantil não se resumia apenas as parteiras, mas sim a sociedade em geral. Porém, logo no parágrafo seguinte reafirma a mortalidade materno-infantil agora por conta das superstições das parteiras.

Vieira (2018) cita outro médico e autor do livro intitulado *O Cariri: seu descobrimento, povoamento e costumes*, utilizado inclusive no presente trabalho falando sobre o povoamento indígena e a colonização nessa região, porém indo à procura do trecho citado por Vieira (2018) é absurdo o que foi escrito por Pinheiro (2009) relegando às Parteiras como mulheres ignorantes e sem noção de higiene básica. Levando em consideração que ele nasceu em 1881, Irineu provavelmente foi recebido neste mundo pelas mãos de uma Parteira, assim como sua mãe, seu pai e todos os antecedentes.

A institucionalização do parto no Cariri se iniciou a partir da criação do primeiro Hospital-Maternidade do Cariri que foi inaugurado em 1955, o São Lucas, construído em Juazeiro do Norte em funcionamento até hoje, a única instituição municipal e totalmente pública da região. Já existia o Hospital São Francisco de Assis desde 1936, no município de Crato, porém a ampliação para atender maternidade veio depois, sem data confirmada, e desde 2004 passou a ser administrado pela rede São Camilo e atende público e privado (esse foi o hospital que nasci e que meu filho nasceu). O terceiro foi o Hospital Manuel de Abreu, inaugurado em 1970 (IBGE, 2024) e fechado em 2014, hoje o prédio recebeu um dos espaços culturais mais importantes da região, o Centro Cultural do Cariri. Em quarto lugar o Hospital Santo Inácio, inaugurado em 1973 e tendo suas atividades encerradas em 2011. E, por último, foi inaugurado o Hospital Santo Antônio, no município de Barbalha, em 1981.

Pesquisando sobre a inauguração dos Hospitais-Maternidades da região é comum aparecer a informação de que a vinda da instituição significa avanço, progresso, desenvolvimento, diante do panorama apresentado no capítulo 1 da presente pesquisa sabemos que acesso à saúde não é sinônimo de desenvolvimento, quando a humanidade das pessoas, e da natureza em geral, não são respeitadas. Albuquerque Júnior (2021, posição 4039) aborda alguns mitos a partir desse “[...] saber que oferece certezas, que se apoia no mito da ciência e do progresso técnico: o mito da necessidade histórica”.

São Lucas, São Francisco de Assis, São Camilo, Manuel de Abreu, Santo Inácio e Santo Antônio todas as maternidades com nomes de homens, lugares esses em que majoritariamente mulheres vão parir, e que acabam sendo construídos sobre a ideia de desenvolvimento, relegam à Parteira como serviço de assistência materno-infantil de áreas pobres, em especial, áreas rurais com poucos recursos em saúde, principalmente nos países periféricos.

Uma busca que realizei no site da Universidade Regional do Cariri (URCA) sobre a recente criação do curso de medicina (2021), eles definem que o perfil do egresso visa formar médicos “[...] com formação generalista, humanística, crítica e reflexiva, sensível aos aspectos culturais, ambientais, da religiosidade e das questões epidemiológicas prevalentes no âmbito regional”. Outra busca que fiz foi no Doctoralia, site que reúne e divulga profissionais de saúde, principalmente médicos, encontrei um consolidado intitulado *Os 20 ginecologistas mais recomendados em Crato e região*³⁰, dos quais 13 são homens, a grande maioria brancos com seus jalecos brancos e fico pensando quais deles trabalhariam numa parceria horizontal com uma parteira.

Talvez, caras (os) leitores, você possa estar pensando que essas informações são datadas e que hoje em dia não é mais assim, vou trazer algumas informações que me fazem poder afirmar que a exclusão das parteiras por parte da medicina permanece. Por exemplo, o projeto intitulado *A arte de Partejar* do curso de medicina da Universidade Federal do Cariri (UFCA) que lançou em 2021 a cartilha *Conhecendo o partejar: orientações e dicas sobre o processo de parir* além de não fazer nenhuma menção às parteiras, mesmo se apropriando dos seus elementos narrativos como *partejar*. Pode ser argumentado que só há uma menção à palavra médico, porém o tópico *O que devo levar para a maternidade?* deixa bem claro qual a posição tomada, e ainda reforça informações datadas, como colocar cesariana prévia como indicação absoluta de uma nova cesariana, mesmo com as pesquisas sobre Vaginal Birth After Cesarean Delivery (VBAC).

4.2.2 Universidade Regional do Cariri - URCA

A Universidade Regional do Cariri (URCA) foi criada em 1986 e autorizada a funcionar e instalada em 1987. Foi originada a partir da Faculdade de Filosofia do

³⁰ <https://www.doctoralia.com.br/ginecologista/crato>

Crato, onde eram ministrados os cursos de Pedagogia, Letras, História, Geografia e Biologia. Foram incorporados à Universidade, os cursos de Ciências Econômicas, Direito, Formação de Tecnólogo, nas modalidades Construção Civil – Edifícios, Topografia e Estradas e Ciências, integrantes da rede da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Boa parte da minha família estudou na URCA, minha mãe se graduou em geografia, meu irmão e minha irmã em Direito. Como o curso de Psicologia até hoje, na região, só tem em instituição privada, me graduei na UNILEÃO³¹, até então só tinha estudado em ensino privado, fui a partir disso criando uma fantasia de que não era capaz de passar em um processo seletivo numa instituição pública.

Já sabia do mestrado em educação da URCA, alguns colegas cursaram, já tinha visto o edital algumas vezes, mas não conseguia me ver em nenhuma linha de pesquisa, até que quando estava atuando na docência e o desejo pelo mestrado estava ainda mais forte, comecei a organizar uma pesquisa sobre a feminização da pobreza, já queria que a Professora Francisca Laudeci Martins Souza fosse minha orientadora e, na época, ela estava no Programa do Mestrado da UFCA em Desenvolvimento sustentável, um banho de água fria quando o edital saiu e a professora tinha saído do programa, mas quase que imediatamente ela abriu a linha de pesquisa em educação popular, no mestrado em educação da URCA. Refiz meus planos, recalculei rota, marquei de conversar com Samara Simões, de quem já era amiga, no mesmo dia que fui pegar meu certificado do curso de Doula, e conversamos sobre a possibilidade de uma pesquisa sobre os saberes populares das parteiras tradicionais.

Samara deu todo o apoio e me convidou para ir ao próximo evento do Saberes da Caatinga, ao qual vou apresentar posteriormente, que acontece anualmente em Exú-PE, cidade ao lado do Crato onde a URCA tem sua sede original. Organizei o projeto e submeti, logo em seguida comecei a estudar para a prova escrita, apesar do foco que estava, sabia da possibilidade de não passar, já que era minha primeira tentativa, mas para minha grata surpresa, não só passei, como logrei primeiro lugar nessa seleção, o que fez cair por terra minha insegurança *de garota de faculdade privada não entra na pública*.

³¹ O Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (Unileão) foi fundado há quase 23 anos na Região do Cariri cearense, mais especificamente no município de Juazeiro do Norte.

Fazer o mestrado é um sonho antigo que comecei a nutrir ainda na graduação, mas que fui escanteando em prol do trabalho, e depois da maternidade achei que tivesse ficado ainda mais distante, mas a maternidade o que ela limita em alguns aspectos, ela amplia em outros, o foco e a determinação que tive para desenvolver essa pesquisa nasceu junto da *minha alegria, meu cansaço* que atende pelo nome de Otto.

O Mestrado Profissional em Educação tem como objetivo possibilitar a continuidade formativa de docentes atuantes no ensino básico, médio e superior. Conta com duas linhas de pesquisa: Práticas educativas, culturas e diversidade e Formação de Professores, Currículo e Ensino. A primeira linha abriga quatro sublinhas de pesquisa: Gênero, sexualidades e diferenças nos processos educativos; Educação para o patrimônio, currículo e relações étnico-raciais; Educação, inclusão, diferenças e deficiência; Educação popular e suas práticas: subjetividades e culturas.

A sublinha IV - Educação popular e suas práticas: subjetividades e culturas a que a presente pesquisa está vinculada tem como objetivo estabelecer uma relação entre as práticas educativas, institucionalizadas ou não e as questões subjetivas no campo da psicologia. Promover diálogos em torno da educação popular como prática de saberes ancestrais em espaços tradicionais e suas pedagogias populares. A intenção é problematizar as práticas educativas e suas possibilidades de afecção dos sujeitos presentes no mundo da Educação. Dialoga com as abordagens decoloniais e emancipatórias.

Abaixo uma foto da disciplina mais marcante do mestrado, a de Etnoconhecimento e currículo escolar, ministrada pelas professoras Francisca Laudeci Martins Souza e Adriana de Alencar Gomes Pinheiro, nesse dia foi a oficina que facilitei junto com meu amigo e colega Marcelo Cavalieri, a partir do livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, do Krenak, no ponto de Cultura Instituto Aldeia da Luz, que nos rendeu além das memórias e aprendizados, um artigo³².

³² SEDRIM, Rebecca Pinheiro.; TEIXEIRA, Marcelo Cavalieri.; SOUZA, Francisca Laudeci Martins. Bem viver no Cariri: o Instituto Aldeia da Luz e as ideias para adiar o fim do mundo. Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC, v. 7, n. 2, p. 473-489, 2024. Disponível em: SEDRIM, Rebecca Pinheiro.; TEIXEIRA, Marcelo Cavalieri.; SOUZA, Francisca Laudeci Martins. Bem viver no Cariri: o Instituto Aldeia da Luz e as ideias para adiar o fim do mundo. Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC, v. 7, n. 2, p. 473-489, 2024.

Figura 5 - Disciplina de Etnoconhecimento e Currículo escolar no Mestrado em Educação da URCA



Fonte: Acervo pessoal

4.2.3 Equipe Luz de Candeia do Roda Semear

O Roda Semear nasceu em 2014 a partir da união de sonhos e de trabalho de Paulo Gutemberg e Samara Simões Alves Pinto, pais de Aurora e Aruanda e guardiões desse espaço que conta com capoeira angola, yoga, parto natural (Luz de Candeia), restaurante vegano (Cidreira Bistrô), feira de produtos de agroecologia e escola de educação infantil com base na pedagogia Waldorf (Jardim Lírio do Vento). Entrar no Roda Semear é entrar num templo, num lugar sagrado, que tem placentas plantadas em seu chão, doadas por comadres, que pariram assistidas pela parteira. O bairro da Lagoa Seca em Juazeiro do Norte/CE é marcado por casarões antigos e pela nova verticalização da cidade, o Roda Semear é um ponto fora da curva nesse metro quadrado tão capitalizado. Comecei a frequentar esse espaço, em 2019, para fazer yoga, tendo Samara como instrutora. Começamos a cultivar uma amizade e numa dessas trocas contei pra ela minha experiência de parto (narrativa que deliberadamente introduz o presente trabalho, pois foi ali que tudo nasceu).

Em 2020, pandemia da COVID-19, uma parturiente que Samara estava acompanhando, depois de três dias de trabalho de parto domiciliar precisou de

transferência para o hospital (São Lucas), na chegada, o pai é impedido de entrar (descumprimento da Lei do acompanhante³³), mesmo com toda a informação da gestante e apesar da sua recusa, a episiotomia foi realizada, cortando mais do que só a carne daquela mulher, e é diante desse cenário que Samara decide criar um coletivo para lutar contra a violência obstétrica no Cariri e me convida para integrar a equipe como Psicóloga, pulei de cabeça nesse projeto e senti que dei mais um passo em direção da minha cura das violências obstétricas sofridas.

No Parir em Paz Cariri desenvolvemos cartilhas, produções artísticas, nos reunimos com a direção do hospital em que as violências citadas acima aconteceram e levamos informações para a população caririense. Apesar de hoje estar desativado, o instagram ainda recebe mensagens com denúncias e pedidos de socorro, Samara faz os encaminhamentos possíveis por ora, e ainda vamos reativar esse projeto o quanto antes.

Figura 6 - Capa da matéria jornalística do site Badalo sobre a atuação do Coletivo Parir em Paz Cariri

³³ LEI Nº 11.108, DE 7 DE ABRIL DE 2005

Coletivo de mulheres denuncia violência obstétrica no Cariri durante pandemia



Por **Lícia Maia** — 20 de setembro de 2020 13:17



Fonte: Post do instagram do Parir em paz Cariri - Na foto Samara e Aurora no atendimento pré-natal

Logo após o meu parto eu já tinha decidido que faria uma formação de doula com Samara, essa oportunidade aconteceu logo em janeiro de 2022, ainda sob circunstâncias da pandemia, mas conseguimos passar uma semana entre discussões técnicas e vivências sensíveis sobre a doulagem a partir da parteria tradicional.

Figura 7 - Imersão da Formação de Doulas - Janeiro de 2022



Fonte: Acervo pessoal - Da esquerda para a direita Carol, Hermana, Helayne, Jessica, Samara, Tainara, Simone e Rebecca.

Fiz a formação de Doulas em 2022, mas me abri para integrar a equipe de parto Luz de candeia apenas no segundo semestre de 2023, pois precisei me dedicar a outros projetos, como o próprio mestrado.

A Luz de Candeia é uma equipe de parto domiciliar composta pela parteira tradicional, dançarina, capoeirista, instrutora de yoga e mãe de Aurora e Aruanda Samara Simões e pelas doulas: Simone Rodrigues (doula mais antiga da equipe, servidora pública e mãe de Heloísa, Heitor e Henrique), Camyla Lavor (segunda doula mais antiga da equipe, enfermeira e mãe de Carolina), Sabrina Simões (irmã de Samara, psicóloga e acompanhante da roda de gestantes desde o início), Helayne Cândido (Doula aprendiz, Professora, dançarina, oraculista e mais um monte de coisa), Luzia Gomide (Doula aprendiz, Artista, Terapeuta e mãe de Luna) e Rebecca Sedrim (que já está bem inserida nessas linhas). Entre os serviços oferecidos pela equipe estão os atendimentos individuais, as rodas de gestantes, a

assistência ao parto domiciliar e hospitalar (com as Doulas), pós parto e curso para formação de doulas. Abaixo o ensaio fotográfico que fizemos da equipe.

Figura 8 - Ensaio fotográfico da Equipe de parto domiciliar Luz de Candeia



Fonte: Fotógrafa e Doula Malu Barletta. Na ordem da esquerda para a direita Helayne, Luzia, Simone, Samara, Sabrina, Rebecca e Camyla.

Para 2024 decidimos realizar algumas mudanças na Roda de Famílias Grávidas que é uma roda de conversa, conduzida pela equipe Luz de Candeia, com informação e acolhimento, em que são abordados temas sobre gestação, parto, puerpério, maternidade/paternidade, e, sobre a vida. As rodas são gratuitas, acontecem uma vez por mês e trazemos temáticas novas a cada encontro.

Figura 9 - Roda de famílias grávidas com o tema Cura com a mãe no Roda Semear



Fonte: Fotógrafa e Doula Malu Barletta

Acima um lindo registro feito pela fotógrafa e Doula Malu Barletta na roda de maio de 2024 com o tema de *Cura com a mãe* onde em volta da fogueira nos conectamos com um cordão umbilical e rompemos com essa ligação, entendendo que cada fase requer do vínculo materno diferentes presenças.

4.2.4 Saberes da Caatinga: Encontro de Raizeiras(os), Meizinheiras, Rezadeiras(dores), Parteiras, Benzedeiros(os), Mestras(es) da Cultura e Práticas de Cura da Chapada do Araripe

*“Oxum lava meus olhos
Oxum, minha emoção
Oxum lava meus olhos
Oxum, minha emoção
Oxum flor das águas
Lava meu coração
Oxum flor das águas
Lava o meu coração”*

Oxum lava meus olhos - Pasaje universo

O Saberes da Caatinga - Encontro de Raizeiras(os), Meizinheiras, Rezadeiras(dores), Parteiras, Benzedeiros(os), Mestras(es) da Cultura e Práticas de Cura da Chapada do Araripe é um evento que acontece anualmente na cidade de

Exú-PE, envolvendo três estados circunvizinhos - PE, CE e PI e está na sua VIII edição (2024).

Esse encontro é uma oportunidade para compartilhar conhecimentos ancestrais, técnicas de cura tradicionais, ervas medicinais e saberes populares que são passados de geração em geração. Além disso, é um momento importante para preservar e valorizar a cultura e os conhecimentos das comunidades locais, que desempenham um papel fundamental na promoção da saúde e bem-estar das pessoas que vivem na região da Caatinga.

A primeira vez que fui para esse evento foi em julho de 2022, a convite de Samara, estava na construção do projeto de pesquisa para a seleção do mestrado, considero que ali comecei a minha pesquisa e que portanto, meu mestrado durou dois anos e meio. Fui com Samara na roda de parteiras, porém por conta da pandemia, não houve a roda porque só tinham duas parteiras presentes, e vale ressaltar que no ato do credenciamento Samara não foi validada como tal, mas a parteira indígena foi, o que na edição de 2024 descobrimos que essa parteira indígena, na verdade, relata que recebeu o chamado para tal, mas ainda não tinha acompanhado nenhum parto.

Figura 10 - VI Saberes da Caatinga - julho de 2022



Fonte: Acervo pessoal - Rebecca e Samara grávida de Aruanda (mas ainda sem saber que era Aruanda, pois decidiu que a descoberta fosse junto com o nascimento)

A edição de 2023 aconteceu em julho e ocorreu no IFCE - campus Crato, no *ladim* da minha casa, consegui participar mais desse edição por conta disso, fui na abertura para uma das rodas de parteria tradicional mais lindas que já vivi (Figura

11) e fui num segundo dia para a roda das protagonistas, onde ocorreu a exposição de fotos de partos domiciliares assistidos por parteiras jovens do Brasil.

Figura 11 - VII Saberes da Caatinga - Parteira do século XXI com Samara Simões - Janeiro de 2023



Fonte: Foto de Naiah Reis

A última edição aconteceu de 21 de janeiro a 28 de janeiro de 2024, onde estive presente no sábado (27), na Roda das Protagonistas que contou com a presença de onze Parteiras. Nós doulas da equipe Luz de candeia facilitamos uma oficina sobre a doulagem na parteria tradicional, em que discutimos a origem da função da doula e da própria palavra, o atual cenário no contexto do partejar, e as

perspectivas para construção de uma doulagem consciente no seu papel na luta pelo fortalecimento das parteiras tradicionais.

Figura 12 - VIII Saberes da Caatinga - Equipe Luz de Candeia - Janeiro de 2024



Fonte: Acervo pessoal - Da esquerda para a direita Simone com seu caçula Henrique no sling, Samara, Helayne, Camyla e Rebecca.

Revisitar todos esses lugares me faz perceber a pluralidade de experiências no Cariri cearense, do Nordeste inventado, do Ceará que se destaca por inteligência, humor e violência contra as mulheres, do Kariri indígena que é embraquecido e onde coexiste duas medicinas, a medicina popular e a medicina científica, esse entre lugar em que tantas vezes me senti perdida, muito cética para ser cirandeira e muito cirandeira para ser cética, pois aqui me assumo como uma cética-cirandeira, ou melhor, cirandeira-cética, já que a ciranda veio antes da ciência na minha vida, e foi essa inquietação que me trouxe até aqui e que ela possa me levar para lugares inimagináveis.

Com a assimilação de como acontece o nascimento do hospital enquanto uma instituição terapêutica, e da maneira que paralelamente a medicina utiliza da

obstetrícia para expulsar as Parteiras e seus saberes ancestrais da assistência ao parto. Como também da apresentação de em qual contexto a pesquisa se ancora, pode-se então, por fim, inferir as formas de resistência das guardiãs desse ofício para a garantia de direitos de um parto e de um nascimento respeitosos. Partindo de todas essas paisagens que se misturam e vão sendo modificadas e reconstruídas, convido você leitora e leitor, a avançarem para o último capítulo dessa pesquisa em que narro cartograficamente a produção de dados junto com Samara Simões.

CAPÍTULO 5 - CARTOGRAFANDO A CONTINUIDADE DE UMA PARTEIRA TRADICIONAL

*No parto em casa, em cada canto tem um cheiro. Em cada cheiro
uma história, uma lembrança, um sentimento.
No parto em casa, o som da vida cotidiana se mistura com a
sonoridade da alma, e o compasso do coração no ventre, rege a
sinfonia da chegada.
No parto em casa tem cuscuz, tapioca, bolo e cafuné. Tem abraço
apertado, crianças brincando, colo de mãe, de pai e em cada conta
de prece, a presença de vó.
No parto em casa tem Parteira! Uma guardiã da vida, trazendo em
suas mãos a força e a guiança de tantas outras, onde sua presença
e suas palavras levam à mulher/mãe para dentro de si e ao mesmo
tempo para fora de si.
No parto em casa tem o olhar atento da Doula, seu toque firme e
amoroso, que entrelaça confiança e cuidado, sua voz em cantos
entoados, celebra esse momento sagrado.
No parto em casa tem luz do sol, brilho das estrelas, clarão do luar,
brisa faceira e um céu todinho para escrever memórias.
No parto em casa tem dor? Claro! A DOR traduzida como Desejo
Oculto de Renascer, então... Respira! Respira fundo, e vai com ela
ao encontro da benção da vida que vem rompendo mundos.
No parto em casa tem boas vindas ao pé do ouvido anunciando o
reberto nascido. Tem colo quentinho no aconchego do lar, onde o
tempo faz morada e esquece de passar.
No parto em casa, a CASA é onde tudo acontece, é no abrigo do
coração.*

Parto em casa - Poesia de Ingrid Lidiiane³⁴

Lembro de uma vivência, durante a imersão de encerramento do curso de formação de doula, em que estávamos em roda, ao redor da fogueira e Samara pediu para que falássemos nosso nome, o nome dos nossos pais, dos nossos filhos e filhas, e para bater o pé no chão ao final da fala, firmando ali nossa presença e a presentificação dos nossos.

Aqui retomo esse momento de inteireza para a escrita do último capítulo da dissertação do mestrado.

Meu nome é Rebecca Pinheiro Sedrim, sou filha de Lígia e Geraldo, mãe de Otto e produzi junto, com Samara Simões Alves Pinto, filha de Conceição e José, mãe de um bebê que já fez a passagem, Aurora e Aruanda, essas reminiscências.

Firmada minha segurança por iniciar, posso falar das minhas fragilidades anteriores. Estou iniciando essa escrita numa terça (02/07/2024), ontem a noite tive

³⁴ Atuou como Doula da equipe de parto Luz de Candeia do Roda Semear

reunião com minha orientadora e hoje de manhã tive terapia, falei nessas duas oportunidades sobre a aflição que sinto sempre ao começar um novo capítulo, vou passando cada vez menos tempo em crise, mas a paralisação frente ao novo desafio permanece. Não saber por onde começar ou a necessidade de querer saber como vai terminar? Ontem perguntei para a orientadora se era para começar a escrever a *análise de dados a partir da categorização dos dados*, mesmo sabendo que é uma cartografia, e portanto, uma coprodução de dados. A professora já experiente com a minha *afobação*, assim como de outros orientandos que passaram por ela, me lembra a música *A ponte*³⁵ de Lenine *A ponte não é para ir nem pra voltar. A ponte é somente pra atravessar. Caminhar sobre as águas desse momento.*

Cheguei para entrevistar Samara com a segurança de quem já conhece a entrevistada, mas com a insegurança de quem se experimenta pesquisadora e cartógrafa pela primeira vez, com receio de dar algum erro no gravador do celular, que quase nunca uso, preocupada com a entrega do biscoito de especiarias que tinha encomendado para acompanhar o chá de hortelã que tinha levado, pensando que tinha esquecido a caixa de lenço de papel, questionando se iria dar tempo passear por tantas narrativas e perguntas, e diante de todos esses questionamentos sentia que estava *aguardo o bom do amor*³⁶ pois não estava presente.

Depois da entrevista fui almoçar, e logo em seguida fui para o consultório. Na primeira oportunidade comecei a fazer várias cópias dos áudios, baixei no icloud, no computador e no drive. Depois de alguns dias, percebi que o medo de perder esses áudios poderia ser porque sentia que *tudo estava ali*, como se, caso perdesse os arquivos, não ficaria nada gravado no corpo, talvez pela sensação de não inteireza. Após transcrever, fui lendo as transcrições e ouvindo os arquivos, o que me acalmou, pois rememorei emoções minhas e da entrevistada. Estávamos ali. Fui aterrando ainda mais quando relembrei a frase que intitula o capítulo de Barros e Kastrup (2015) “cartografar é acompanhar processos” e também que o objetivo não é busca de informações, mas sim se abrir para o encontro, e apesar de a princípio me sentir desconectada, acredito que houve encontro e as linhas que foram escritas em mim e através de mim, compartilho aqui para quem desejar testemunhar essa cartografia.

³⁵ A ponte. Lenine. Álbum: O dia em que faremos contato. 1997.

³⁶ Codinome Beija-flor. Cazuza. Álbum: Exagerado. 1985.

5.1 Entre o sonho de ser artista e o desejo de construir uma patrulha salvadora

Quando Samara começa a narrar sua autobiografia, inicia dizendo: *desde criança meu sonho é ser artista* e emenda com uma pergunta retórica: *o que é que tem a ver, né?*. Pensando em uma artista como quem tem um fazer artesanal, a Parteira é também uma artista. Lembrei da música *Lisbela: Eu quero a sina do artista de cinema. Eu quero a cena onde eu possa brilhar*. Penso que talvez o ser artista tenha alguma relação com um lugar de destaque, pode ser por admiração ou por incompreensão, mas o artista é alguém que não passa despercebido.

Samara relata que quando tinha entre sete e dez anos decidiu, inspirada na novela Carrossel, organizar uma patrulha salvadora para auxiliar colegas da escola que tivessem precisando de ajuda. *Eu pegava uns remédios em casa, remédios alopáticos mesmo, merthiolate, essas coisas, e fazia uma bolsinha e levava pra escola. Porque sempre que alguém se acidentasse eu ia cuidar dessa pessoa*. Mais do que a quantidade de vezes que isso tenha sido posto em prática, fala do desejo de ajudar, *de fazer acontecer*.

Quando Samara fala da sua organização para que houvesse uma patrulha salvadora como a da novela Carrossel, entendo que está elaborando que, apesar de sua mais tenra negativa de ser profissional de saúde, tem algo do cuidado e da doação que já se mostra em sua vida, desde muito nova. Ela não recorda ao certo se ficou só, como única patrulheira, ou se outros colegas fizeram parte. Hoje, como a equipe de parto domiciliar Luz de Candeia, apesar de ocupar um lugar solitário como a única parteira, construiu uma equipe que atua conjuntamente.

5.2 A profecia de Tio Marcos anunciando que vinha chegando Samarica Parteira

Na mesma escola da patrulha salvadora, depois que Samara começou a comprar lanche na cantina da escola, o Tio Marcos que era o responsável pelo local, assim que a avistava na fila, dizia: *Samarica Parteira! E o tio Marcos era um homem grande, barrigudão e com voz bem grave, bem grave. Ele lá com o cigarrão dele, fumando, e me via, baixava o óculos, me via e fazia essa festa falando isso*. Sobre o

ser vista, em algumas tribos na África do Sul não existe a expressão eu te amo, mas sim, eu vejo você.

Samara rememora a música de Luiz Gonzaga, *Samarica Parteira*³⁷ e acrescenta que seu pai sempre gostou muito de ouvi-lo. *Lula! Pronto, patrão. Monte na bestinha melada e risque. Vá ligeiro buscar Samarica parteira. Que Juvita já tá com dor de menino. Ah, menino!* A música narra a instituição de Lula como responsável por buscar a parteira, a iminência de um parto na comunidade, o espaço temporal estabelecido a partir do tempo que o cuspe leva para secar no chão, como também o tempo do parto que é a qualquer momento. A mesma termina com a chegada de Samarica, quando toda a ligeireza e afobação das onomatopeias do cavalo e da égua cessam. Agora é o tempo do parto, sob assistência da parteira, com sua inteireza, paciência e segurança. Ainda sobre o tempo do parto e a disponibilidade das parteiras, insiro aqui o registro feito após a entrevista com Samara. Tem escrito no quadro “Atenção aqui Parteira dia e noite”.

Figura 13 - Parteira Samara Simões na frente da sua sala de atendimento no Roda Semear



Fonte: recorte imagético de Rebecca Sedrim

³⁷ Samarica parteira. Luiz Gonzaga. 1973.

Samara lembrou da fala constante do Tio Marcos quando iniciou a formação de parteiras com Sueli Carvalho, responsável pelo Cais do Parto em Olinda/PE. Essa imersão, que acontece de forma itinerante, estava em Caruaru/PE e Samara relata que: *E ela falou pra mim: esse tio Marcos ele não tava falando ali por acaso, né? Ele tava profetizando. Era uma profecia que ele tava fazendo na sua vida. E fazia muito sentido tudo. E eu entendi que além da profecia ele tava também, a sensação que eu tinha, que tinha uma energia de proteção minha ali nele influenciando que ele falasse aquilo pra que eu lembrasse, pra que eu firmasse, pra que eu acreditasse. Talvez se eu não tivesse esse sinal na infância eu ia achar que era tudo loucura, assim, sabe? Coisa da minha imaginação.* A decisão de assumir o ofício de parteira ancorada em memórias da infância, resgatadas a partir da imersão junto com outras parteiras, foram cruciais para Samara.

5.3 Nascer com o dom de ser parteira: nascendo e se assumindo Parteira

Logo após seu casamento, Samara engravidou e teve um aborto espontâneo, nesse período começou a querer saber qual a história de nascimento dos seus pais, falou com suas avós, descobriu que a avó materna teve partos muito difíceis, por ter bebês muito grandes, alguns pesando 5kg e por conta disso, tinha tido partos hospitalares, descobriu que seu pai nasceu em casa com a parteira Santô de Aurora/CE. Pensando nas possibilidades de parto diante de uma possível futura gravidez, decidiu que queria parir em casa.

Estava cursando uma pós-graduação em dança, a primeira em Recife/PE, relata que bailarinos e bailarinas muito experientes faziam parte da turma e que ela se sentia muito pequena diante deles, quase não fazia perguntas. Porém, um dia anunciaram uma palestra com uma parteira tradicional e nesse dia quem mais fez perguntas foi ela. A palestrante se chama Sueli Carvalho e *ali eu senti que tinha uma ligação forte com ela, senti, mas na minha cabeça a ligação forte é que um dia ela seria minha parteira, e não, nunca tinha passado pela minha cabeça que eu era parteira. É, fiquei sabendo da função da doula, né, que existia o trabalho da doula, que eu não sabia nem o que era, descobri, assim, um portal se abriu naquele momento pra mim, e aí eu busquei saber mais sobre o trabalho dela, que ela criou uma ONG chamada Cais do Parto, que era uma ONG que fazia, né, esse resgate da parteira, parteria tradicional, encontros de parteiras, formação de doulas.*

Naquele momento decidiu que faria a formação de Doula, ainda na ideia de que queria saber mais sobre parto para o seu parto, não conseguiu participar da formação do Cais, mas fez uma outra formação com a profissionais do movimento de humanização do parto, médicas acadêmicas, diz ter gostado muito da formação, que aprendeu muito, mas que não sentiu o que sentiu com Sueli.

Após concluir essa primeira formação, como parte da condição para receber o certificado, precisava passar um dia no hospital com uma supervisora, foi quando aconteceu o parto do bebê que faleceu. E, posteriormente, precisava acompanhar três gestantes, Samara disse que divulgou num grupo do facebook que estava oferecendo esse serviço de forma gratuita e sete gestantes entraram em contato com ela, diante da dificuldade de encontrar um critério para filtrar apenas três, atendeu todas as sete.

Depois de cerca de um ano atuando como Doula em partos hospitalares, Samara relembrou da palestra com Sueli e procurou novamente o Cais, para fazer o curso de Doulas na tradição. *Foi quando eu conheci Marcelle. Então, Marcelle, ela é parteira tradicional, né? Filha de Sueli. E foi, é minha grande mestre, assim, enquanto parteira. Então, foi um encontro, assim, muito bonito. E o curso todo fazia muito sentido pra mim. Assim, foi um encontro de alma mesmo, assim, e de missão, né?*

Samara relata que ao final desse curso aconteceu mais um chamado para o seu nascimento como parteira. *Ela [Marcele] parou assim, virou pra mim e falou, Samara, vem aqui atrás. Eu fiz, hum, ela: Você não pensou em ser parteira? Aí o que é que ficou encucado em mim foi que eu fiquei calada, porque um lado do meu cérebro estava dizendo, não, não, claro que não, não, não. Poxa, você nunca pensou em trabalhar. Por que que você ia ser parteira? É aquela confusão. Só que eu fiquei calada. Eu fiquei gaguejando, não respondi nada. Ela fez: Eu sinto que você nasceu parteira, que você tem o dom de ser parteira. Aí eu, calada estava, calada fiquei.*

Nascer com o dom de ser parteira e ser reconhecida por outra parteira, ali iniciou o amadrinhamento de Samara enquanto parteira. É muito comum que parteiras tradicionais aprendam o ofício com mães, avós, tias ou com outras mulheres da família ou da comunidade, e a forma que essa benção chegou primeiramente foi através de Marcelle e depois, quando Samara finalizou a primeira parte da imersão de parteiras ofertada pelo Cais, Sueli também abençoou que ela

iniciasse o ofício como Parteira. *Eu costumo dizer que Sueli e Marcele foram as pessoas que me ajudaram a acender o meu candinheiro pra eu enxergar o meu caminho. O meu caminho já tava traçado, já existia. Mas talvez sem elas eu não conseguisse me fortalecer pra seguir esse caminho.*

Falando sobre a imersão como parteira, Samara diz que é uma formação muito difícil, mesmo fazendo terapia desde criança e participando de outros cursos e no contato com grupos diversos, nada foi tão transformador quanto o encontro com as parteiras. *Ela faz com que você de fato se vire do avesso. Foi muito forte, foi muito, muito, muito, assim, foi divisor de águas, assim. Eu acho que a coisa mais importante que aconteceu na minha vida foi esse encontro, assim. Sem nenhuma dúvida, assim, foi aterrar, foi renascer. Foi renascer.*

Quando Samara fala sobre esse renascimento lembro do que ela expressou ao narrar sua vida quando estava atuando com dança e como arte educadora, ela se sentia feliz, mas dizia sentir um vazio, que não sabia o que era, o encontro com as parteiras (Sueli e Marcele) foi preencher esse algo que faltava na sua vida.

5.4 Tu foi a Parteira que recebeu: a revelação do Oráculo e o sonho confirmatório

Samara recebia de forma afetiva a profecia de Tio Marcos, por entender que a fala dele tinha relação com a semelhança do nome Samara e Samarica, mas não entendendo que já tinha um chamado. Relata outra situação quando tinha por volta de 13 anos que a sua receptividade foi diferente. Pediu para um amigo, cujo tio jogava búzios, que jogasse pra ela e algumas informações a marcaram, a primeira foi que ela seria profissional da saúde, algo que ela não queria, por ter pais médicos, ela não queria seguir por essa área.

Duas outras informações que apareceram no oráculo foi que em breve ela mudaria para uma cidade praiana e que moraria fora do país, Samara disse que aos 15 anos foi morar em Recife/PE e que alguns anos depois morou no Canadá. Relata que não conseguiu perguntar na hora, mas posteriormente pediu para o amigo perguntar para o seu tio *se não dá certo ser artista, e ele perguntou, realmente, e o tio dele respondeu, diga a ela que o que ela fizer vai dar certo.* Samara foi para Recife, fez cursos em dança, se formou em teatro, atuou como arte educadora,

como professora de dança, mas sentia que faltava algo que ainda não sabia o que era.

Anos depois, após a formação de Doula em Recife/PE, teve um sonho que considera muito importante para confirmar seu chamado como Parteira. *Eu sonhei que [...] eu chegava numa casa, eu estava indo para um parto, mas eu achava que eu estava, que eu era a Doula, nessa casa aqui ó, uma casa quadrada uma divisão no meio aqui de um lado era um quarto com uma cama de casal somente, pelo menos que eu lembro, e do lado de cá era um vão com uma pia no cantinho, eu entrava por aqui [gesto com as mãos] e aqui [gesto com as mãos] estava o vão com a pia e tinha uma porta aqui [gesto com as mãos] e aqui [gesto com as mãos] era o quarto, eu me lembro detalhadamente assim, quando eu entrei tinha uma senhora aqui [gesto com as mãos] fazendo muita fumaça, então eu entrei e disse na minha cabeça essa é a parteira e fui para o quarto, não falei com ela porque ela estava muito concentrada, muita fumaça, muita erva, cheiro de erva, uma delícia, energia linda, aí eu entrava, quando eu entro [...] no quarto tinha uma amiga minha [...] lá de Recife ela estava parindo, aí nascia o primeiro bebê, nasceu o primeiro bebê, eu recebi, o bebê nasceu sem vida, [...] recebi, não numa alegria porque o bebê não estava vivo, mas numa naturalidade, recebi, acolhi, dei a benção ao meu afilhado de parto, entreguei para a mãe e a gente estava vivendo ali aquele nascimento e luto ao mesmo tempo, daqui a pouco nasceu outro bebê, a gente não sabia que vinha outro bebê e aí nasceu um outro bebê vivo, da mesma forma recebi e fui falar com os dois bebês.*

Samara continua o relato dizendo que foi contar para a amiga que estava parindo no sonho, acreditando que o sonho dizia muito mais da amiga do que de si, e a amiga responde: *Fada, [apelido de Samara, Fada ou Fadyinha] tu foi a parteira que recebeu, ela falou isso assim de um jeito profundo assim, que a lembrança que eu tenho é de parar e a lágrima já cair assim.* Nos seus relatos seguintes falou do primeiro parto que acompanhou como Doula e do primeiro bebê que recebeu em suas mãos, em que o primeiro morreu e o segundo nasceu vivo, de alguma forma parece ser a concretização desse sonho.

Já como Aprendiz de Parteira, Samara voltou para Juazeiro para aguardar sua sobrinha nascer, o parto ocorreu no hospital e relata ter sido o primeiro bebê que ela segurou, e foi um presente dado pelo médico que estava acompanhando sua irmã. *E aí isso é legal pra minha biografia, assim, porque eu tenho esse lugar de ter*

família de médicos, ser parteira tradicional, então ali também começa ou recomeça uma história de compreender o meu lugar, assim, de respeito nessas duas ciências, né? Então [...] o primeiro parto que eu vi foi no hospital, o bebê morreu. Mas o primeiro bebê que eu recebi foi no hospital e foi um mestre médico muito acolhedor, muito amoroso que me deu essa oportunidade, que não foi combinado, ele nem perguntou se eu queria, ele simplesmente disse que era eu. E recebi. Então, aí, né, essas duas coisas aí pra mim.

O respeito com as duas ciências e com a profissão dos pais fez com que Samara tenha tatuado o nome do pai (José) e da mãe (Conceição) nos pulsos para honrá-los no momento de receber os bebês. Como bem coloca Nêgo Bispo (2023, p. 33) “O mundo é grande e tem lugar para todo mundo. O mundo é redondo exatamente para as pessoas não se atropelarem”. O objetivo das Parteiras não é exclusividade, monocultura, é espaço para parceria, troca de saberes e encaminhamento quando necessário se estabelecer.

Percebam em outro ângulo, a tatuagem da parteira, com o cachimbo, o bebê, a placenta, o cordão umbilical e a lua. Samara tem uma história marcada pela originalidade, e em consequência bancando algumas contradições, pais médicos e ser parteira tradicional e trabalho social estando sediado no bairro mais caro da cidade.

Figura 14 - As mãos da Parteira



Fonte: recorte imagético de Rebecca Sedrim

5.5 O trabalho da parteira é a gente celebrar a vida com consciência: os partos da parteira

Nas suas experiências de parto, Samara relata dois desfechos bem diferentes e atribui essa diferença mais a presença/ausência de parteira do que a via de parto, no primeiro parto depois de mais trinta horas de trabalho de parto em casa, acompanhada pela Parteira Kelly Carvalho de Fortaleza/CE (que esteve com ela naquele primeiro parto que ela acompanhou no hospital e que teve como desfecho a morte do bebê) decidiram ir para o Hospital pois Aurora não descia, foi realizada a cesariana e *Aurora nasceu, e ele [o médico] falou, seja bem-vinda à terra do meu padim Padre Cícero. Eu não sabia se era Aurora ou se era um menino. Foi uma, foi uma celebração. Mesmo dentro de uma cesárea, porque o trabalho da parteira, claro*

que vai priorizar e vai atender o parto em casa, mas o trabalho da parteira é a gente celebrar a vida, com consciência [...] fazendo escolhas conscientes, sabendo que a gente tem que sair da nossa zona de conforto e se transformar.

No segundo parto, Samara decidiu não chamar uma parteira, chamou duas doulas do coletivo, sua prima que é obstetra para acompanhar e depois de vinte e oito horas de trabalho de parto, decidiram que também seria preciso de assistência hospitalar, diz que estava com a mente mais aberta do que no momento do primeiro parto e quis utilizar de algumas intervenções para ter o parto vaginal, o que acabou acontecendo, sem necessidade da cesariana, porém Samara relata que o pós parto foi muito diferente, *eu senti falta da parteira, eu senti que eu passei por uns processos desafiadores emocionais que a medicina não compreende, não abraça, não acolhe, não compreende, porque era minha prima, que eu amo, que veio na minha casa, tentar me dar uma assistência, mas que não consegue alcançar a dimensão, a dimensão transcendental, integrada mesmo, e aí foi bem difícil para mim, e também eu compreendi que você estar com a parteira não é só o trabalho da parteira, é principalmente o seu trabalho, você enquanto grávida, porque se eu estou com a parteira, eu sei que eu preciso me trabalhar, eu sei que eu sou responsável pela minha vida e pelo meu parto e pelo meu pós-parto, e por tudo, e quando a gente vai para uma assistência médica, normalmente a gente entrega isso, e eu sinto que de uma forma ou de outra, eu fiz isso, e foi consciente, porque eu estava muito cansada, eu precisava entregar para alguém eu precisava dividir ali, e aí foi muito bonito também perceber a importância da parteira ali, me arrependo de algum dos dois? Não, de nenhum, mas para mim enquanto parteira foi muito interessante perceber que o desfecho ele pode, o desfecho assim, a via de parto não necessariamente é o produto de entrega da parteira, o que a parteira tem para oferecer para a humanidade é muito além disso, é muito mais profundo que isso e isso também, porque isso é muito importante, mas ele é muito além.*

Quando pedi para que narrasse o parto mais marcante, explica que responde com partos diferentes, a depender da época e que gostaria de contar dois. O primeiro disse que estava se organizando para passar um tempo em Petrolina/PE estudando, mas que só quem sabia disso era sua família, e recebeu o chamado para atender um parto na mesma cidade, acho importante trazer aqui o recorte do que vai consolidando seu ofício de parteira. *Então a simbologia disso [...] Nossa foi muito emocionante, porque eu pensei: Cara, eu posso ser parteira onde eu for*

porque eu sou parteira, então onde eu estiver eu serei parteira. Então, antes mesmo de estar lá eu já tinha sido convidada. Isso foi um grande abraço, uma grande boa vinda pra mim. Lembrei novamente da música Lisbela, “Pra me danar por essa estrada, mundo afora, ir embora, sem sair do meu lugar”, poder ir para qualquer lugar do mundo e levando-se consigo.

Uma das perguntas que fiz para a entrevistada foi: quem pode se nomear parteira? Ela inicia a resposta pela negativa de quem não pode se nomear: quem se formou como médico obstetra, enfermeira obstétrica, obstetriz, *não pode se nomear parteira porque acha bonito, porque tá trazendo um modelo dos Estados Unidos que midwife lá é parteira, mas não é parteira tradicional, é outra lógica.* Como por exemplo, a tradição oral ancestral das parteiras, o conhecimento repassado de uma parteira mais velha, repassar para as mais jovens.

Então, quem pode se nomear parteira? *Parteira é parteira, então quem é parteira de novo, nasce parteira, se reconhece em algum momento como, [...] as características das parteiras tradicionais: têm uma característica forte que é da fé, da confiança, isso não é religioso, mas toda parteira tradicional compreende que tem um mistério no universo do parto, compreende que parto não é só uma mulher expulsando um feto, toda parteira ela vai utilizar recursos naturais ali no seu trabalho, toda parteira ela vai se descobrir parteira, a partir de sinais sutis [...] também a característica de sonho porque é um sinal sutil, um dos sinais sutis, ela é muito forte em muitas parteiras, muitas sonham assim.*

Outra característica importante para se nomear parteira é ser reconhecida como tal, que *faz parte de tradição de cultura popular, que estamos inseridas, que é o reconhecimento da continuidade, não adianta eu bater o pé e dizer que sou parteira, se minha comunidade não me reconhece, então isso é um fator fortíssimo, então e é um processo, hoje dentro da minha comunidade eu sou reconhecida enquanto parteira, fui pro evento de capoeira, na sexta-feira passada, entrei num espaço lá, e aí o cara me reconheceu, olhou pra mim, e falou: ah você não é Samara parteira, eu: ah sim, eu sou, aí ele falou: porque ia ter um evento aqui e a gente tava procurando a parteira pra [participar de um evento], várias pessoas só falavam no seu nome, só recomendavam você, então o reconhecimento da comunidade, que é da comunidade que pariu comigo, e da comunidade como um todo.*

5.6 *Eu já me senti perseguida várias vezes, a ponto de querer desistir mesmo: a caça às parteiras*

Samara narrou logo no início da entrevista, ainda na narrativa autobiográfica que ao assinar os documentos referente a pesquisa, sentiu *medo das pessoas descobrirem que eu sou parteira, embora todo mundo já saiba. E aí eu entendo que isso é um medo ancestral mesmo. De ter que se esconder por ser perseguida o tempo todo. E até hoje, inclusive, né? [...] De a sociedade em algum momento, em todos os momentos, na verdade, tentarem nos fazer acreditar que a gente tá fazendo coisa errada*. O medo de ser descoberta, que aparece na entrevistada, não é à toa, é um efeito de séculos de perseguição contra as bruxas, as parteiras, as mulheres. Os recortes abaixo são exemplos concretos das atualizações da caça às bruxas.

Iniciando pela saúde pública, a entrevistada relata ter ido à vigilância sanitária antes da entrevista, e que já tinha ido há uns sete ou oito anos atrás para realizar seu cadastro como parteira tradicional e ter acesso aos documentos, por exemplo, a DNV (Declaração de nascido vivo) e *é claro que eu nunca consegui nem conhecer essa secretária de saúde, então a sociedade, as pessoas, é tanto, que incomodamos automaticamente muitos profissionais de saúde, muitas pessoas da sociedade, inclusive, as pessoas sabem que a gente sabe o que tá fazendo, as pessoas sabem da nossa entrega, as pessoas sabem do nosso amor e da nossa capacidade técnica [...] eles sabem o poder que a gente tem, e aí eles não vão dar brecha porque eles se sentem ameaçados, porque quando eu cheguei aqui, eu lembro de médicas me descascando [...] mas por que essa mulher se incomoda tanto comigo, então, ela se sentia ameaçada, mas eu não tô ameaçando, eu quero só trabalhar [...] eu já me senti perseguida várias vezes, várias vezes, né, a ponto de querer desistir mesmo e de sempre chegar um casal me mostrando que não era pra eu desistir*. Importante ressaltar esse movimento de pensar em desistir, mas aparece um casal mostrando que tem sim gente querendo parir e gente querendo nascer em casa nas mãos de uma parteira, isso é resistir!

Relembra que na noite anterior a entrevista, a equipe de parto Luz de Candeia recebeu um retorno de um casal que estava desejando o parto em casa, tiveram uma primeira reunião com uma Doula da equipe para saber um pouco sobre o trabalho e os valores, e depois enviaram uma mensagem dizendo que por conta

do posicionamento político e religioso do espaço decidiram seguir por outro caminho, além de dizerem que: *o trabalho de vocês por ser algo recente traz uma certa insegurança, é melhor ir para o hospital, [...] não é um trabalho recente que já tem dez anos que acontece aqui no Cariri comigo, e é um trabalho muito mais antigo que o dos médicos, então porque que as pessoas não têm esse pensamento, se é algo mais recente de que o trabalho das parteiras de que ele é inseguro [...] pra se conseguir um poder, porque a disputa é dois né, disputa quer dizer que duas pessoas estão lutando por poder e nós não estamos lutando por poder a gente quer fazer o nosso, cumprir nossa missão e trabalhar, sempre foi assim”.*

Em paralelo a narrativa da entrevistada, as crianças da escola Lírio do Vento começaram a sair e os barulhos dão uma vida para a entrevista, afinal, estava entrevistando uma parteira que celebra não só o parto, como também o nascimento dessas novas vidas. Pouco tempo depois Samara escuta a voz de uma comadre que veio pegar os filhos na escola e diz: *quer entrevistar uma comadre minha? Ela pariu duas comigo.* Ter uma escola, além de ser parteira, é dar continuidade à sementeira de novos mundos, se o amor é como um grão, morre, nasce trigo, vive, morre pão³⁸.

Rememora ainda outra perseguição, dessa vez, da academia, uma estudante de mestrado entrou em contato com ela solicitando uma entrevista, passado um período, informou que não poderia mais entrevistá-la porque o orientador dela não a entendia como Parteira tradicional. A mestranda, na tentativa de manter Samara no escopo da pesquisa, solicitou uma reunião dela junto com o orientador, que foram recebidos no Roda Semeiar, e *aí ele, aquele discurso bem colonial e palavras bonitas que você nem entende, ainda bem que eu sou pelo menos alfabetizada pra ter entendido alguma coisa dele, e ainda que eu não fosse alfabetizada, ainda bem que eu sou parteira e tenho uma sensibilidade grande pra perceber a intenção dele no fim das contas.*

Invalidou todos os contra argumentos que Samara utilizou, que tinha sim apreendido com outra parteira, que tinham sim aprendido na sua comunidade, que era sim parteira tradicional, porém uma parteira jovem, branca, *ah, Samara, mas por que, tão especial assim para usar com você, porque com as parteiras mais antigas, que já nem estão partejando mais, isso não é uma ameaça para eles, porque*

³⁸ Drão. Gilberto Gil. 1981

falando de forma fria, porque eu sei que é comum eles pensarem assim, já já elas vão morrer.

Com essa cena de caça às bruxas, Samara já antecipa para a pesquisa uma forma de resistência das parteiras tradicionais, especialmente das jovens, no seu pacto de continuidade, ela continua dizendo: *eu sei que todo mundo pode morrer a qualquer momento, mas eu tinha vinte e poucos anos quando isso aconteceu, com a energia da bexiga, eu tinha informação suficiente para saber que ele estava querendo me calar, e ele não ia me calar, e eu estava apenas começando meu trabalho aqui, então era uma ameaça muito grande para ele, e é isso, é uma ameaça para eles de poder. E até, às vezes, eu acho que não é nem só de mercado de trabalho, assim, sabe, é de poder, é de desdizer o que ele está falando, sem falar nem dele.*

Quando passamos para as perguntas, questionei sobre o que ela achava do porquê as parteiras terem sido (e continuarem sendo) perseguidas, ao que Samara respondeu: *historicamente, as parteiras sempre foram grandes líderes comunitárias, e aí, na época em que não existia medicina, em que não havia perseguição contra as parteiras, as parteiras eram essa referência de cuidado, e existia sim, uma liderança, mas as pessoas que criaram a medicina ocidental alopática, e tal, elas viam a oportunidade de poder, se tirassem esse lugar, dessa liderança das parteiras, porque viam o quanto as parteiras eram realmente referência em todos os sentidos, na comunidade, então iniciou esse processo de fazer acontecer a medicina [...] os homens que iniciaram a medicina, os homens brancos, e tal, eles adquirissem poder dentro da comunidade, eles tinham que destruir os líderes, né e os líderes eram as curandeiras, as parteiras, as rezadeiras, as benzedadeiras, tô falando no feminino, mas também tinha no masculino.*

A pedagoga equatoriana Catherine Walsh (2019, posição 9023) [tradução da autora]³⁹ salienta que “A violência epistêmica tem permeado fortemente os espaços políticos coletivos e os espaços de construção de saber que têm uma clara pretensão anti-hegemônica e até decolonial”, ser uma agente de decolonialidade, como uma Parteira tradicional, é estar suscetível para ataques de profissionais de saúde, acadêmicos, como também da comunidade.

³⁹ “la violencia epistémica ha permeado fuertemente espacios políticos colectivos y espacios de construcción del saber que tienen una clara pretensión contra hegemónica e incluso descolonial (Walsh, 2019, posición 9023)

5.7 *Resistir é continuar: resistindo no Cariri*

Após o parto de sua irmã, a vontade de acompanhar o crescimento da sobrinha, e motivada pelo desejo de voltar para o Cariri e assumir como parteira tradicional aqui nesse território, Samara e seu companheiro Paulo passaram a residir em Juazeiro do Norte/CE, local onde o Roda Semear foi sediado. Samara relata que o desejo de ter esse espaço já a acompanha desde a infância, e quando conheceu Paulo, que também tinha essa vontade, o sonho foi fortalecido e concretizado em 2014 com o início das atividades, e em 2016 com o espaço como está hoje, tendo sido um ano bem importante por marcar a desvinculação com a escola que se formou e a segunda gravidez de Samara.

Aqui é importante demarcar o território em que o Roda Semear se estabeleceu, o bairro da Lagoa Seca é um espaço com grandes casarões que aos poucos vêm sendo verticalizados, apesar da mudança urbanística, quem ocupa essas residências é a classe média alta, incluindo muitos médicos. Ter uma parteira atuante, em um lugar acessível a todos, já é por si uma grande resistência.

A palavra Roda faz alusão às três principais atividades: capoeira, atividade que acontece em roda, yoga em que os chackras são círculos energéticos e a roda de gestantes que é uma atividade conduzida pela Parteira e pelas Doulas para acolher as famílias e fortalecer o desejo do parto domiciliar. E a palavra Semear vem da ideia de semear um novo mundo, *Plantar nalgum lugar, ressuscitar no chão nossa sementeira*⁴⁰.

Falando do retorno para o Cariri, Samara relata que começou *todo um processo, esse lugar de voltar a parir em casa, porque historicamente sempre parimos em casa. Tem um determinado momento ali da institucionalização do parto, em que migram, em sua grande maioria, para o hospital, com fortes apelos e fortes ameaças, tanto às parteiras, quanto a quem ia parir. Então as pessoas foram há pouquíssimo tempo, na realidade, parir no hospital, e a gente está vivendo, devagar ainda, uma retomada desses partos em casa. Então, nesse processo, as pessoas que vieram para as primeiras rodas tinham muita dificuldade em compreender esse processo.*

Quando Samara voltou com a missão de retomar o parto domiciliar com parteira na região do Cariri, foi se deparar com uma realidade ainda mais

⁴⁰ Drão. Gilberto Gil. 1981

desafiadora do que tem hoje *não tinha nenhuma doula, não tinha nenhum médico obstetra, ou médica obstetra atendendo um parto respeitoso, ninguém. Então eu chego realmente sozinha para desbravar esse trabalho, que enquanto parteira tradicional estava adormecida na cidade, porque tem outras parteiras tradicionais aqui no Cariri? Tem. E sempre tiveram muitas parteiras tradicionais aqui da geração anterior à minha. Continuam? Existem parteiras tradicionais aqui atuando? Aí já é outra história, né? Não. Mas por quê? Umas já estão mais velhas mesmo, não conseguem atuar pela idade, por algumas coisas, e outras porque não são chamadas, não estão sendo chamadas, não existe estímulo nenhum, existe ameaça na realidade, né? Então aí voltar e desbravar esse lugar aqui não foi, nem tem sido, assim, fácil.*

O primeiro parto que Samara recebeu no Cariri, em casa, foi da comadre L. em maio de 2015, ainda não tinham Doulas atuando com ela, nesse parto estava a parteira, a parturiente e o pai do bebê e aconteceu no Crato/CE, *foi o momento de reabertura desse portal da parteria tradicional no Cariri, [...] esse dia assim, essa energia foi confirmatória para processos pessoais meus, que eu estava vivendo de decisão, e foi de uma alegria, de uma potência, eu acho que hoje eu falei várias vezes inexplicável, a palavra assim, quando eu estou falando das minhas palavras, das minhas emoções, porque foi incrível [...] então foi assim um trabalho guiado por uma divindade maior, assim, não tenho dúvida de que era um encontro que tinha que acontecer, J. [o afilhado] toda vez que me encontra assim é um amor, é um, é muito especial, [...] muito, muito simbólico para mim.*

Também em 2015 aconteceu o primeiro curso de Doulas, ainda em parceria com sua escola de formação. Essa configuração de atuação da parteira com as doulas afirma que *é um trabalho muito profundo e que não é fácil de acessar, de compreender. Então, algumas pessoas passaram, mas que não conseguiram se entregar e compreender, o que as pessoas veem é uma oportunidade de uma nova profissão. Não é essa a lógica do nosso trabalho, né. [...] Então, para que se firme um coletivo como hoje, depois de 10 anos, é preciso maturidade, minha inclusive, dentro disso tudo.*

Falando sobre o trabalho de resistência da parteira, as rodas de gestantes se configuram como *um trabalho de educação, em saúde, em cultura. É um trabalho de resistência, de, nossa, a gente senta no chão, em círculo, a cada roda para falar sobre a vida, para falar sobre o que é parir, sobre o que é gestar, sobre o que é*

amamentar, sobre o que é viver, sobre o que é se transformar em família, sobre o que é tanta coisa. Então, é poético também, ao mesmo tempo que é tão terra, tão real. E a gente segue nesse trabalho de educação mesmo, de informação, de acolhimento.

Nesses dez anos de história, Samara a partir do Roda Semear construiu um legado na região do Cariri, comparado ao cenário que ela encontrou quando chegou, *hoje temos doulas, inclusive doulas que nem estão mais no coletivo, mas que seguem atuando. Então, já foi um trabalho revolucionário, tanto para o campo domiciliar como para o campo hospitalar. As pessoas começaram a falar em parto respeitoso pouco depois da minha chegada. Então, começaram a, alguns obstetras começaram a se mexer um pouquinho, uns chateados, porque foram sendo descobertos ali nas suas violências obstétricas, já que agora a cidade tinha informação de qualidade, porque foi muito falada a roda quando eu cheguei. Teve muita reportagem de jornal, de rádio, de revista, uma revista bem conhecida daqui, divulgou, falou sobre o meu trabalho. Então, deu uma remexida. E aí, a cidade hoje pode, né? Começa a falar mais sobre isso. Hoje, eu falo já há um tempo.*

Esse recorte falando sobre o impacto de Samara na cidade me lembrou Chico Sciense, na música *A cidade*, cantando *Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu. Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu. Pra gente sair da lama e enfrentar os urubu*. O trabalho da parteira é bom para todos, para quem vai parir, para quem vai nascer e também para o sistema público de saúde que pode se concentrar em atender partos de alto risco.

Durante a entrevista perguntei quantos partos haviam sido atendidos, porque é uma forma de mostrar o impacto da vinda de Samara, da resistência dessa parteira no Cariri, ela não sabe precisar, pois alguns períodos não foram contabilizados, mas afirma que na sua última contagem, estava perto de cem partos, entre Pernambuco e Ceará, contando apenas os partos domiciliares, fora os partos hospitalares com acompanhamento das Doulas.

Quando intitulei o projeto de pesquisa lá em 2022, ainda na seleção para o mestrado, coloquei a palavra resistência pois o objetivo era pesquisar sobre todas as parteiras que estivessem ou não atuando, entendia na época que mostrar um conjunto de parteiras iria significar ter um movimento de resistência. Hoje a palavra resistência continua como ponto central na pesquisa, mas passei a entender que se tem uma pessoa fazendo já é uma forma de resistir, por isso também que decidi

manter apenas uma parteira entrevistada, pois se há uma parteira jovem em atuação, há resistência. E além da atuação que continua, já há um legado de dez anos no Cariri, o impacto da parteira Samara Simões no Cariri permanecerá para além da atuação dela, com todas as Doulas formadas pela tradição, com as inúmeras entrevistas e matérias jornalísticas sobre ela, e agora com essa pesquisa de mestrado. Ao que a própria Samara me responde quando pergunto para ela como é resistir no Cariri. *É difícil para caramba, mas quando a gente continua, a gente está resistindo, porque tem pessoas que estão nos procurando para parir com a gente. Então a gente está resistindo ali, respirando fundo e, ó, por essa família eu vou. Aí depois chega outra, hum, essa família eu vou, vale a pena. E aí a gente também vai receber uns presentes lindos, né? Que são as famílias que vão renascendo ali. Nas nossas mãos, né? As crianças que vão chegando, as pessoas que vão reencarnando neste planeta, confiando na gente, porque quando, por exemplo, o J. nasceu comigo, não só a mãe dele confiou em mim, né? Ele confiou em mim, ele guiou a mãe dele porque ele queria chegar comigo, então, isso é muito simbólico, isso é muito bonito. E aí, por essas pessoas que nos confiam, né? A chegada no mundo aqui, sejam as suas mães e principalmente os bebês, para mim vale a pena. Tem um bocado de desgosto, mas, mas resistir é continuar mesmo. É acreditar nesse mundo. E acredito que nas próximas gerações isso vai mudar, vai melhorar. Espero. Porque não tem dinheiro no mundo que pague o que a gente faz. Não tem. Não tem. O que paga é uma criança vir pedir a bênção, a gente receber um abraço verdadeiro da comadre. Pronto, paga.*

5.8 Parto em casa é bonança de lindas alegrias emanadas

É Fogueira queimando rasante
Com mulher em torno a bailar
O sagrado que encontra seu lar.
Entre corpo e alma vibrante
Cada prece, um verso Cantante
Compõe-se novo destino
No parir um ato divino
De um futuro de esperança
Mãe e cria, nova aliança
Como a luz do sol matutino

É cuscuz cheirando cedinho
Alecrim incensando a casa
Em um novo bater de asa
É poder que move moinho

É colo de mãe e carinho
 Recebendo a flor nutrida
 Que gestada e parida
 Em explosão que reluz
 Parto em casa em si, é luz
 É vida que nasce acolhida

É uma alegria inebriante
 Feito banho de mangueira
 Num quintal, numa biqueira
 Em dias de sol escaldante
 Que clareia estonteante
 Cada gota cristalina
 Da água que desce a colina
 De um corpo que é morada
 É suor, respiro e alvorada
 A certeza que a hora destina

Parto em casa é abraço
 É carinho e cheiro de vó
 É o entrelace de vidas em nó
 Dos mistérios de tempo e espaço
 Força infinda e cansaço
 É Verdade e natureza
 Peso que habita a leveza
 É o choro que invade sorriso
 É o justo olhar preciso
 Que ampara toda incerteza

É abraço dado com carinho
 A grandeza da celebração
 O luzir de uma nova canção
 Calor de pássaro no ninho
 No encontro entre pés e caminho
 Um reencontro de vidas atadas
 A melhor das histórias contadas
 Entre choro e riso, confiança
 Pois parto em casa é bonança
 De lindas alegrias emanadas

Parto em casa - Flauberto Gomes⁴¹

Pergunto para a entrevistada quais os rituais que acontecem no parto domiciliar acompanhado por parteira, fala de como aprendeu na sua formação com Sueli e do que se perpetua, bem como do que foi deixando de fazer, pois passou a compreender que precisava respeitar também o ritual da família e, *embora eu tenha o meu ritual enquanto parteira, mas eu preciso compreender como é que vai acontecer dentro daquela família, o que é que faz sentido ali, por exemplo, com Sueli, todo parto tinha que ter fogueira. Pra mim, é muito potente um parto ter fogueira, mas nem todo parto tem energia de fogueira.* Continua dizendo o que

⁴¹ Poesia de Flauberto Gomes inspirada a partir das falas da Parteira e das Doulas da equipe de parto Luz de Candeia do Roda Semear, a partir do parto domiciliar de Carol Ferraz e nascimento de Matteo.

significa energia de fogueira. *Energia da fogueira é energia de transformação. É uma energia, é algo que a gente tem que entender, tem que ativar ali. Tem gente que vai, tem família que vai precisar realmente materializar aquela fogueira. Tem família que não vai. Tem família que vai precisar inclusive baixar o fogo um pouquinho.* Para além da energia de fogueira mencionada por Samara, penso na possibilidade de ressignificação que as Parteiras atuais fazem com o elemento fogo, das fogueiras em que suas ancestrais foram queimadas há de se fazer chama para transformação nos partos em que continuam testemunhando.

Eu, também, cachimbava em todos os partos. Hoje em dia, nem todo parto eu sinto necessidade de cachimbar, de fazer limpeza energética. Às vezes, uma conversa muda e, às vezes, não tem cachimbo que dê conta. Precisa ir para o hospital porque ali não vai ser legal. Mas de uma forma geral utiliza os seguintes rituais, quando sente que faz sentido: uso da fogueira, uso de banho com ervas, uso do cachimbo, uso da defumação, com incenso ou com defumador mesmo. [No] momento do nascimento em si, algumas vezes a gente faz círculos de oração, trazendo palavras de poder, chamando toda a ancestralidade ali da casa e também a minha ancestralidade enquanto parteira. É, se for uma família católica, uma Ave Maria é muito bem vinda, né, para honrar essa grande mãe, assim, a mãe de um grande mestre, essa grande mestra também. E por aí vai, já teve gente parindo que a mãe cantou louvor porque eram evangélicos, é, adoro cantar quando o bebê tá nascendo, adoro cantar. Às vezes, a música vem na hora, muitas das vezes a música vem na hora. Então, eu amo receber bebês cantando, aprendi com Marcele isso. Dar as boas-vindas ao pé do ouvido do bebê, eu sempre faço isso, pra depois entregar pra mãe, sabe? Então tem, é, tem alguns rituais das famílias, né, eu me lembro de J. que quando ele nascesse, L. pediu pra que eu o recebesse com um determinado pano, determinada fralda. E aí, assim, a gente vai, isso é a diversidade, né, de cultura popular, assim, que a gente vai criando essa narrativa do nascimento único de cada pessoa.

Samara lembrou de um parto específico em que a placenta não nascia, no seu entendimento, e fazia sentido para a parturiente, que a placenta retida simbolizava a dificuldade de comunicação dela com a mãe, e o recurso utilizado foi chamar a mãe, elas conversaram, foi preciso transferência para o hospital, mas a relação com a mãe foi um recurso natural utilizado. *Existem coisas naturais que a gente vai utilizar, mas uma das coisas naturais são as relações, por exemplo.*

Outro recurso possível *numa situação de hemorragia, por exemplo, ingerir a placenta, a placetofagia, você comer pedaço de placenta ou fazer um shake da placenta, é algo da medicina tradicional, eu falo da parteira, da nossa medicina, um recurso que a gente usa de medicina. Às vezes mudar a posição de quem está parindo, o bebê não está bem encaixado, então a gente faz a posição da vela do yoga com quem vai parir, depois levanta ela rápido, o bebê pode se encaixar na bacia e nascer, já aconteceu isso. Então, se mover, o próprio acendimento da fogueira pode ser um recurso, sabe, uma limpeza espiritual, um chá de camomila para dar uma acalmada.*

Na visita pós parto Samara fala de um ritual que costuma realizar de fechamento de corpo com quem pariu *nesse ritual, a gente traz muito acolhimento, né? [...] não vou dizer sempre fazemos, mas, mais firmado assim, no pós é esse. Eu entendo também que, assim, falando de novo de tradição cultural e popular, isso vai se reinventando, assim.*

Uma pergunta que não estava no roteiro pré entrevista, mas que senti necessidade de perguntar foi sobre o sincretismo religioso das parteiras, ao que Samara responde a partir *das linhagens de parteira, né, dentro dessa diversidade, cada um vai ter a sua linhagem. A minha linhagem vem de Sueli, não tem como, e de Marcele, porque com elas eu aprendi, mas eu tenho a minha linhagem própria, eu tenho uma linhagem espiritual cigana, que vai trazer a fogueira com mais potência no meu coração, sabe? Esse lugar da celebração festiva comunitária, o próprio oráculo, o baralho cigano vai estar junto, né, então, vão ter características minhas enquanto parteira também, que vai diferenciar aquele parto, não só da família, mas vão ter coisas minhas que vão, o próprio canto, que pode ser utilizado, sim.*

Quando perguntei sobre o parto mais marcante, Samara respondeu que queria falar dois, o primeiro já foi citado que aconteceu em Petrolina/PE e o outro, na verdade, os outros foram os partos de C.⁴² *comadre. Ela pariu dois meninos com a gente, o primeiro parto ela pariu segurando ali num punhado de rede e isso foi muito bonito porque foi bem bem regional, né, o companheiro dela ele é metido a vaqueiro, ele gosta desse lugar aí da fazenda, bem caririense assim.*

⁴² Escolhi manter apenas a inicial por se tratar de uma informação de terceiros relatada pela Parteira entrevistada.

Ainda nesse primeiro parto Samara contou um recorte que achei muito forte e bonito, quando a bolsa rompeu veio um pouco de mecônio clarinho, ao que a parteira indicou que seria bom o encaminhamento para o hospital, porém o casal conversou e decidiu não ir. *A gente sente que tá tudo bem, que ele não vai precisar de assistência, e aí eu olhei assim, eles falaram: a gente sente, tem certeza que tá tudo bem, a gente confia que vai ficar tudo bem, que ele vai nascer aqui, e aí eu tinha ali nas minhas mãos a decisão de concordar ou não. Tecnicamente eu tinha sinais de que poderia ser que ele precisasse de assistência, mas energeticamente eu tinha 99% de certeza de que ele não precisaria, porque eu senti, na energia ali do pai e da mãe que ele nasceria bem em casa, e eu topei ficar em casa com eles, pra falar um pouco dessa cumplicidade ali da gente. Eu falei pra eles, olha, o risco é isso, isso e isso, expliquei o que tá acontecendo, é isso, é isso e isso, mas ele já tá muito pertinho de nascer, eu vou respeitar o que vocês estão pedindo, porque eu me sinto confiante disso, a gente tá numa relação de confiança muito forte, mas eu quero que vocês já deixem a bolsinha do bebê pronta, dentro do carro porque se precisar, assim que nascer a gente vai rápido. E aí nasceu, não precisou, quem precisou foi ela, na verdade. Ele nasceu mais do que bem, tem a nota do bebê, dez, ele ganhou um vinte, um trinta, um cinquenta, porque foi um dos melhores bebês que eu vi nascer, com muita vitalidade. M. nasceu no dia do meu aniversário, foi o presente de aniversário⁴³.*

Figura 15 - Parto de Carol⁴⁴ e nascimento de Matteo com a equipe de parto domiciliar Luz de candeia

⁴³ As duas poesias que estão presentes neste capítulo foram produzidas inspiradas nos partos de Carol.

⁴⁴ Carol autorizou a publicação da imagem.



Fonte: recorte imagético de Sâmia (ex integrante do Coletivo)

Finalizo esse tópico trazendo o significado do parto domiciliar com parteira tradicional para Samara, *a gente tá na casa, tudo é sinal divino. É muito bonito. Assim, não tem explicação, não tem coisa mais bonita do que um parto domiciliar, assim, com parteira, porque é isso, é uma história toda sendo vivida ali que precisa, tá chegando uma pessoa com toda história que já carrega de outras vidas, na minha compreensão, né? Para uma família que foi escolhida, que se escolheram, enfim, cada família vai ter a sua história. E aí, celebrar a chegada dessa pessoa dentro de um contexto consciente, harmonioso, poderoso, ritualístico. Não tem como transformar nada se não for nesse, nesse lugar sensível, né? Assim, nesse lugar poderoso para dentro. O parto domiciliar com parteira tradicional é dentro. Acontece dentro. E a gente só vê o encanto do que está acontecendo dentro de todo mundo que está ali, inclusive da gente, né? Então, é transformação profunda.*

Percebo a partir do contato com Samara que independente do desfecho do parto, a escolha de parir em casa acompanhado de Parteira e Doulas já diz da disponibilidade de transformação das famílias, isso diz muito da entrega, confiança e fé dessas pessoas. A imagem do parto de Carol (figura 15) reúne todos os elementos que guiaram essa pesquisa: parto em casa, com participação do pai e do irmão mais velho, com a Parteira, as Doulas, e com a filha da Parteira. Crianças são bem vindas em nascimentos de bebês, pois a casa é o lugar em que tudo acontece.

Como sabiamente afirma Nêgo Bispo (2023, p. 38) “[...] a moradia é o lugar onde vamos passar a maior parte das nossas vidas. A casa tem que ser uma parte dos nossos corpos, temos que suar naquele material, temos que sentir nosso cheiro em nossa casa”, pois é na casa também que podemos nascer, dando início a narrativa das vidas que chegam. Em outro trecho, o autor afirma que antes do telefone, uma boa distância para se construir uma casa era a “um pedido de socorro, um chamado de festa... ou para que quando nascesse uma criança, o som dos foguetes chegasse ao maior número possível de vizinhos” (Nêgo Bispo, 2023, p. 42).

Pensando e produzindo textualmente sobre esse elemento casa, revisei uma cena pessoal, onde comemorando o aniversário de uma tia, estávamos ao redor da mesa, cantando os parabéns, feliz por aquele momento, me lembrei que poucos anos atrás estávamos naquela mesma sala velando o corpo da minha avó, na parede do entorno tem um relógio antigo que marcou a hora do nascimento da minha avó, e todas essas memórias afetivas são de uma potência inimaginável, e no momento do parto, todos esses elementos estão ali dando contorno para a vida que está parindo e para quem vai chegando.

5.9 Nascimento da placenta

A última fase do parto não é o nascimento do bebê, mas sim, a saída da placenta, portanto, vamos à dequitação.

Abaixo elenco os principais pontos de conexão entre o referencial teórico utilizado e a pesquisa de campo com a parteira entrevistada, mas antes ratifico que a minha pesquisa não é necessária para validar cientificamente o que as Parteiras já fazem há milênios, aqui me coloco como uma aprendiz curiosa que precisou responder para si e compartilha essa resposta com outros, sobre a mudança drástica nas cenas de parto a partir da caça às bruxas. Alinhada com Nêgo Bispo (2023) a partir da trajetória que se desenha, e não de uma teorização em que se baseia.

Autoras como Federici (2017), Ehrenreich e English (1973), Segato (2021) escrevem sobre a sociabilidade feminina, característica importante no sistema feudal em que as mulheres conviviam nas terras comunais e como o capitalismo precisou acabar com esses espaços, substituindo por espaços privados, o que fragiliza os laços da comunidade, principalmente entre o público feminino, portanto, entendo

junto com essas autoras que para reencantar o mundo e resistir ao avanço do capitalismo precisamos voltar a ter espaços de trocas entre mulheres.

Catherine Walsh (2019, posição 9264) [tradução da autora]⁴⁵ aborda sobre as iniciativas que a partir das suas pesquisas foram sendo identificadas como propostas de pedagogias feministas decoloniais, destaca “[...] os fazeres destas iniciativas, coletivas e comunitárias, como respostas transformadoras de uma realidade ou contexto que demanda mudanças urgentes a necessidades concretas que se configuram como “práticas políticas desenhadas a partir das lutas”. Na entrevista com Samara percebemos que sua trajetória de formação no Cais com Sueli e Marcele, a equipe que vai criando no Cariri com as Doulas, as Rodas de gestantes são espaços importantes de trocas e de fortalecimento entre as mulheres.

Um ponto de discordância entre as autoras utilizadas como Federici (2017) e Del Priore (2004) e a fala da entrevista se refere ao conhecimento reprodutivo das mulheres, principalmente no que se refere ao aborto, como fator determinante para o movimento de caça às bruxas. As primeiras entendem que a partir da percepção de que o capitalismo precisava de mão de obra para o trabalho e que as mulheres, com ajuda das parteiras e demais mulheres nas cenas de parto, praticavam aborto e infanticídio, condenaram tais práticas e inseriram homens médicos nesse contexto. Já a entrevista compreende a caça às bruxas como uma forma de eliminar a liderança que as parteiras exerciam na comunidade, e reservar o poder apenas para os homens médicos. Não acredito que essas perspectivas sejam contraditórias, defendendo que elas podem coexistir a partir da visão que se tenha do fenômeno, mas para as parteiras tradicionais essa perspectiva teórica é ofensiva, pois o compromisso de trabalho delas é com a vida. Concluo em partes que a parteria tradicional é inventada a partir da perseguição de que os saberes e práticas populares ameaçavam a ordem.

É muito presente na narrativa da entrevistada sobre os rituais que acontecem durante a gestação, o parto e o puerpério. A gravidez já tem suas características a cada fase, as rodas de gestantes acontecem com vários rituais de escaldas pés,

⁴⁵ En la cuarta, y última puntada, deseamos reseñar y entretejer algunas iniciativas que identificamos, en este momento, como propuestas de pedagogías feministas descoloniales en marcha desde nuestras diferentes experiencias vividas. Aquí, resaltamos los “haceres” de esas iniciativas, colectivas y comunitarias, como respuestas transformativas de una realidad o contexto que demanda cambios urgentes frente a necesidades concretas que se configuran como “prácticas políticas pensadas desde las luchas” (Walsh, 2019, posición 9264).

defumação, fogueira, entre outros; o parto também tem possibilidades de rituais, de chás, água quente, fogueira, cachimbar, diálogos, e o pós parto com o ritual de fechamento de corpo, pois como bem diz o IPHAN (2021) a parteria tradicional é um ofício ritualístico acerca do parto e nascimento.

De acordo com Del Priore (2009) e Maciel e Pinheiro (2021), no Brasil, as mulheres adquiriram a prática da medicina tradicional a partir dos povos indígenas, dos negros africanos e também do mundo medieval, que remetem aos rituais das bruxas, tendo relação com o sincretismo cultural e religioso. A entrevistada fala de rezar uma Ave Maria e de acender uma fogueira e de usar oráculo, além dos rituais da própria parteira, as famílias também vão estabelecendo os seus, de qual pano segurar o bebê, de qual música escutar no momento do nascimento, as culturas populares constroem afetos e os afetos inventam novas expressões culturais.

Preciso nesse momento costurar as cinco características do Bem Viver trazidas pelo Solón (2019) com as formas de resistência da parteira tradicional do Cariri cearense.

A visão do todo ou da Pacha, ou seja, a compreensão de que tudo está interconectado, que não há como separar o espaço e tempo, pensando a dinâmica temporal de uma forma não linear, em que o passado, o presente e, o futuro se relacionam de maneira dinâmica. Solón (2019) ainda afirma que nesse primeiro elemento central se faz necessário aprender a “[...] comer bem, dançar bem, dormir bem, beber bem [...]” (p. 26). Já defendia desde o referencial teórico que também é preciso parir/nascer bem, e isso pouco envolve as formas mais difundidas na *modernidade*, como a cesariana agendada, sem os sinais de que o bebê está pronto para nascer e impossibilitando que o corpo grávido passe pela experiência de parir. Interpelei a partir de Nêgo Bispo (2023, p. 38) que a cesariana eletiva, assim como as casas construídas de forma sintética “elimina a arte, pois é um saber mecanizado, não é artesanal, não tem vida”.

A convivência na multipolaridade, “[...] indivíduo e comunidade são pólos de uma mesma unidade” (Solón, 2019, p. 26), pois, o humano não existe independente, há na verdade, interconexão, intersubjetividade. Quando nasce uma criança, todos celebram essa perspectiva em comunidade, o que pode estar relacionado com a forma como as Parteiras se assumem comadres das mulheres que auxiliam no parto. Em um dado momento, a entrevistada fala que estava acompanhando uma gestante que precisaria de um parto hospitalar, por algumas complicações durante a

gravidez, e mesmo não parindo em casa com ela, essa mulher se torna sua comadre, pois ela foi instituída como parteira, e o que promove esse laço é o afeto, não a fisiologia do parto.

A busca por equilíbrio, compreendendo que é um processo dinâmico, cíclico e que vai contra a noção de desenvolvimento que existe atrelada ao consumo, primeiro porque busca um equilíbrio em oposição ao crescimento e segundo, como afirma Acosta (2016), porque questiona a própria noção de desenvolvimento, diferente do modelo convencional que compreende através do crescimento econômico e com progresso linear, o Bem Viver pensa a partir da interação entre os seres humanos e destes com a Natureza. A linearidade prevê um fim, e como bem coloca Nêgo Bispo (2023, p. 66) “somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não tem fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo”.

A complementaridade da diversidade, ou seja, “O equilíbrio entre contrários que habitam um todo só é possível através da complementaridade, sem anular o outro” (Solón, 2019, p. 30). O que vai contra a lógica capitalista da competitividade, pois almeja a combinação de forças, o trabalho coletivo, como por exemplo, um possível encaminhamento para o Hospital diante de uma necessidade percebida pela Parteira que está atendendo a parturiente em domicílio.

E, por último, a descolonização, encerrar com os conceitos falsos e estrangeiros e voltar os olhos para o início, as origens, as raízes, como é advertido por Solón (2019). Isto pode incluir olhar para o parto e o nascimento como continuidade desses ciclos, fazendo parte desse todo integrado, na busca constante por equilíbrio. De acordo com Solón (2019), assim como o patriarcado objetifica a mulher, o antropocentrismo considera que a natureza pode ser explorada e transformada em benefício humano, que se coloca numa posição de superioridade. Tal ideia também é ratificada pela feminista boliviana Beltrán (2019, p. 115), explicando que apesar das diferenças, as várias vertentes do ecofeminismo se ancoram na ideia basilar de que “[...] a opressão das mulheres - e dos homens - e a superexploração da natureza são parte de um mesmo fenômeno”.

Sobre o colonialismo do poder, do saber e do ser, Quijano (2005) expõe que a colonização se deu em três passos: expropriação das populações colonizadas, repressão do universo simbólico dos colonizados e, por fim, imposição das crenças dos colonizadores, e que portanto, o giro decolonial proposto por Ballestrin (2013)

precisa ser epistêmico, teórico e político. Por isso, o trabalho desenvolvido pela parteira entrevistada se configura como uma atuação decolonial, por ter como base uma epistemologia e um saber popular, como uma atuação política de informação para a população.

De acordo com Vergès (2020), o feminismo decolonial é o ato de estudar como todas as relações de dominação são permeadas pelo capitalismo, racismo, sexismo e etnicismo. Ainda mais, quando, atrelado ao Bem Viver, é reconhecer o caráter intercultural, sem hierarquia de saberes e que respeita as diferenças culturais. O que o saber médico, comumente voltado para uma lógica capitalista, não possui como premissa, mas a parteria tradicional sim, pois é um evento domiciliar e familiar. Retomando a citação da autora Brenes (2005, p. 72) da “[...] transformação da arte em ciência” para que possamos inverter a lógica e inventar uma amálgama, uma ciência artística ou uma arte científica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo de realizar o mestrado se misturou à inquietação de pesquisar sobre parto e nascimento. Um dos objetivos era dar mais um passo na minha qualificação profissional, voltando para o tema da perinatalidade e parentalidade, que me atravessa desde 2018.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender como acontece o processo de resistência da parteria tradicional no Cariri cearense diante das atualizações do movimento de caça às bruxas, tendo como perspectiva a seguinte pergunta norteadora: *Como acontece o processo de resistência das Parteiras Tradicionais do Cariri cearense diante das atualizações do movimento de caça às bruxas?* Confirmando a hipótese inicial de que as parteiras tradicionais resistem às atualizações da caça às bruxas através de aspectos do Bem Viver e da decolonialidade. Abaixo indico as principais contribuições do percurso teórico trilhado.

O conceito de Bem Viver, originado das culturas andinas, reflete uma visão de mundo em que tudo está interconectado, com uma dinâmica não linear do tempo e de uma busca por equilíbrio em harmonia com a natureza, em contraste com os modelos de desenvolvimento linear e consumista. Além disso, o Bem Viver se baseia na complementaridade da diversidade, na convivência de diferentes visões e na descolonização do pensamento, buscando reverter as noções impostas pelo patriarcado e pelo antropocentrismo. No contexto do parto e da parteria tradicional, a pesquisa destaca a importância de considerar o nascimento como um evento social, cultural e fisiológico, que deve ser vivido de forma integrada à comunidade e à natureza, rompendo com a medicalização e a colonialidade do sistema de saúde. O trabalho da parteira tradicional, imerso nesse sincretismo cultural, reflete a resistência e a continuidade dos saberes para um *futuro ancestral*.

Os Estudos decoloniais auxiliaram na compreensão de como a colonialidade afetou a divisão racial do trabalho e a desvalorização dos saberes populares, como os das parteiras tradicionais, que, devido à sua origem popular, são frequentemente desconsiderados e mal remunerados, em contraste com os saberes médicos ocidentais. Impondo uma visão eurocêntrica do conhecimento e da modernidade, associando a ciência médica ao capitalismo e à colonialidade, enquanto os saberes tradicionais e as práticas de resistência, como as das parteiras, são fundamentais

para um movimento decolonial. A caça às bruxas e a perseguição aos saberes femininos ajudaram a consolidar a expropriação do conhecimento popular, um processo que continua a ser central na luta pelo giro decolonial. Em suma, para uma transformação decolonial, é necessário recuperar e valorizar os saberes populares e tradicionais, especialmente no campo da saúde.

Mas os Estudos Decoloniais não dão conta, foi preciso buscar no feminismo decolonial para compreender o sistema a partir da interligação com o gênero, para uma reflexão crítica sobre como o feminismo decolonial denuncia as opressões interligadas de capitalismo, racismo e sexismo, propondo um feminismo mais inclusivo e intercultural. Apontando para a alta taxa de cesarianas na América Latina e a necessidade de desconstruir as narrativas que marginalizam o parto domiciliar, reconhecendo a importância de descolonizar as práticas de parto e restaurar os saberes ancestrais, muitas vezes desconsiderados pela medicina oficial.

Com a ascensão do capitalismo, a privatização das terras e o cercamento das áreas comuns, as mulheres perderam autonomia e acesso aos conhecimentos comunitários sobre saúde e parto, enquanto a maternidade foi idealizada como um dever sagrado e essencial para a construção da sociedade. A violência de gênero e a caça às bruxas, especialmente na Idade Moderna, foram analisadas como uma tentativa de controlar e suprimir saberes femininos, com um foco particular na perseguição de mulheres idosas e camponesas, associadas à bruxaria. Reforçando o paralelo de que com a marginalização das parteiras tradicionais, mulheres que, como as bruxas, foram alvo de perseguições devido aos seus conhecimentos sobre o corpo e o cuidado reprodutivo. Assim, a história das mulheres está imbricada em lutas contínuas contra formas de controle e expropriação de seus saberes e corpos.

A trajetória histórica das mulheres como curandeiras e parteiras, suas práticas e saberes sobre saúde reprodutiva, e a perseguição que sofreram com a ascensão da medicina formal, pois a partir da criminalização do controle de natalidade houve a expulsão das parteiras do cenário do parto, abrindo caminho para os médicos homens, uma mudança que foi parte de um processo de controle social sobre o corpo feminino. Essa transformação foi apoiada pelo Estado, pela Igreja e pela Ciência, que, ao rotular as mulheres como bruxas, na tentativa de eliminar suas práticas autônomas de cuidado e reprodutivas.

As parteiras eram figuras respeitadas, mas, com o avanço das ideias iluministas e a ascensão da ciência médica, o papel delas foi gradualmente

desvalorizado e subordinado ao modelo médico. Essa medicalização do parto é associada à violência obstétrica, um termo utilizado para descrever práticas abusivas no cuidado de mulheres durante a gravidez, parto e pós-parto, como procedimentos invasivos, desumanização e negligência. Em resumo, o parto foi medicalizado e institucionalizado, resultando na diminuição do protagonismo das mulheres e no aumento da violência obstétrica, enquanto destaca a resistência ao modelo tradicional por meio da valorização dos saberes ancestrais.

Antes de inserir a pesquisa de campo foi necessário pensar sobre a região que contorna as experiências. Portanto, pensar sobre a invenção do Nordeste e da invenção da figura da parteira tradicional nordestina, situando-os dentro de uma narrativa política e social. A figura da parteira, assim como o nordestino, também é associada à precariedade e à ausência de acesso à medicina, especialmente nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, como mostra o discurso oficial que limita sua atuação às áreas carentes. A parteira, ao longo do tempo, foi estigmatizada e excluída do debate oficial sobre assistência ao parto, com a medicina moderna absorvendo o papel tradicional da parteira, mas sem reconhecê-la como uma profissional qualificada para o presente e o futuro. Além disso, a figura da parteira foi moldada por narrativas externas, e não como uma prática valorizada no contexto local, propondo uma reflexão crítica sobre a consolidação da parteira tradicional como um símbolo de resistência e tradição.

Finalizando a pesquisa, amplio minha compreensão a partir da fala da parteira entrevistada, que o parto domiciliar é importante para o binômio mãe-bebê, como também para a família e para a sociedade em geral, é uma comemoração de um nascimento, de uma vida, uma história, e essa comemoração é feita com banho de mangueira, cuscuz, fogueira, sensibilidade, técnica e música. Tenho interesse em continuar essa pesquisa em duas ramificações: ouvindo relatos diretos de pessoas que pariram em casa, as mulheres, os pais e as crianças que nasceram (e as que assistiram nascimentos) dessa forma gentil e o que elas narram sobre esse evento; uma segunda pesquisa é aprofundar sobre as leis de aborto nos países da América Latina e como as proibições ou legalizações foram sendo inventadas a partir de cada cultura.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo : Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Companhia das letras, 2019.
- ALVES, I. B. A. **Nova Olinda, Ceará**: Nossa terra, nossa gente. Curitiba: CRV, 2023.
- ALVES, N. **Feminicídio**: o ciclo da violência contra a mulher no Cariri. Disponível em:
<https://jornaldocariri.com.br/feminicidio-o-ciclo-da-violencia-contr-a-mulher-no-cariri/#:~:text=Juazeiro%20do%20Norte%20registrou%20feminic%C3%ADdios,15.400%20ocorr%C3%AAs%20registradas%20no%20Cear%C3%A1>. Acesso em: 14 de junho de 2024.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2021.
- AMARO, R. R. Desenvolvimento: um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. **Cadernos de Estudos Africanos**. Lisboa: 2016.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BALLESTRIN, L. **América latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11. Brasília, 2013, p. 89-117.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BATISTA, C. A. A.; BATISTA, H. G. B. **Breve história dos municípios do Cariri cearense**: fatos e dados. Fortaleza: INESP, 2020.
- BELCHIOR. **Conheço o meu lugar**. Álbum: 2 é demais. 1978. Spotify (3 min)
- BELTRÁN, E. P. Ecofeminismo. In: SOLÓN, P. (org.). **Alternativas sistêmicas**: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. Tradução de João Peres. São Paulo: Elefante, 2019.
- BIROLI, F. **Divisão sexual do trabalho e democracia**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, 2016, p. 719 a 681. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/dados/a/kw4kSNvYvMYL6fGJ8KkLcQs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 de abril de 2024.

BISPO DOS SANTOS, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu editora. 2023.

BISPO DOS SANTOS, A. **Colonização, Quilombos, modos e significados**. Brasília, 2015, p. 45.

BOERMA, T.; RONSMANS, C.; MELESSE, D. Y.; BARROS, A. J. D.; BARROS, F. C.; JUAN, L. et al. **Global epidemiology of use of and disparities in caesarean sections**. Published: October 13, 2018.

DOI:[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(18\)31928-7](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(18)31928-7). Disponível em:

[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(18\)31928-7/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(18)31928-7/fulltext).

Acesso em: 07 de fevereiro de 2024.

BRASIL. Lei de Doulas para o Brasil - PL 8363/2017. **As Doulas e o cenário obstétrico no Brasil**. Documento elaborado pelo GT de conteúdo do grupo lei das Doulas BR. Disponível em:

<https://doulasrj.com.br/wp-content/uploads/2020/09/Cartilha-de-Doulas-PL-83632017.pdf>. Acesso em: 02 de junho de 2024.

BRASIL. Ministério da saúde. **Portaria nº 116, 11 de fevereiro de 2009**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/svs/2009/prt0116_11_02_2009.html. Acesso em: 02 de junho de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. **Diretrizes nacionais de assistência ao parto normal: versão resumida** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal.pdf. Acesso em: 02 de junho de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais** [recurso eletrônico] : o Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2010.

BRENES, A. C. **Bruxas, comadres ou parteiras**: a obscura história das mulheres e da ciência: dos contornos do conflito parteiras e parteiros franceses. Belo Horizonte: COOPMED, 2005.

BRILHANTE, A. V. M. Da instrumentalização do ventre à biopolítica da maternidade. In: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. **Coleção Psicanálise e Parentalidade**: corpo. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CASTRO, S. de. **O que é feminismo decolonial?** Revista Cult: São Paulo, ano 23, n. 262, outubro de 2020.

CAZUZA. **Codino Beija-flor**. Exagerado: 1985. Spotify (2 min. 31 seg.)

CUSTÓDIO, G. **Parteiras tradicionais e sistema de saúde**: desafios e diferenças entre elas e outros profissionais. Diário do Nordeste. 2024. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/parteiras-tradicionais-e-sistema-de-saude-desafios-e-diferencas-entre-elas-e-outros-profissionais-1.3517898>. Acesso em: 7 de junho de 2024.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DEMARIA, F.; LATOUCHE, S. **Decrescimento**. In: KOTHARI, A. et al. Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento. Tradução Isabella Victoria Eleonora. São Paulo: Elefante, 2021.

DÍAZ, M. Q. **Economia popular, social e solidária**. In: KOTHARI, A. et al. Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento. Tradução Isabella Victoria Eleonora. São Paulo: Elefante, 2021.

DINIZ, S. et al. **Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil**: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna, e propostas para sua prevenção. Journal of Human Growth and Development, n. 25, v. 3, p. 377-376, 2015.

EDNARDO, AMELINHA E BELCHIOR. **Terral**. Álbum: Pessoal do Ceará. 2002. Spotify (4 min. e 24 seg.)

EHRENREICH, B.; ENGLISH, D. **Bruxas, Parteiras e Enfermeiras**: uma história das curandeiras. Tradução: Bruxaria Distro, Coletiva Feminista Nós soltas. Subta: 1973.

EMICIDA, part. Majur e Pabllo Vittar. **AmarElo**. São Paulo: Laboratório Fantasma: Amarelo: 2019. Spotify (5 min. e 23 seg)

FADYNHA. **A doula no parto**: o papel da acompanhante de parto especialmente treinada para oferecer apoio contínuo físico e emocional à parturiente. 3 ed. São Paulo: Ground, 2011.

FAGNER. **Último Pau-de-Arara**. Álbum: Manera Fru Fru, Manera: O Último Pau de Arara. 1973. Spotify (2 min. e 52 seg.)

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, S. **Conferência Calibã e a Bruxa 20 anos**. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C0UKM8OOMWZ/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=YzZhZTZiNWI3Nw==. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, S. **Reencantando o mundo**: feminismo e a política dos comuns. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2022.

FIOCRUZ. **Nascer no Brasil**: pesquisa revela número excessivo de cesarianas. 2014. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/nascer-no-brasil-pesquisa-revela-numero-excessivo-de-cesarianas#:~:text=O%20estudo%2C%20o%20maior%20j%C3%A1,por%20meio%20desse%20procedimento%20cir%C3%BAArgico>. Acesso em: 31 de janeiro de 2024.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 9ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GALEANO, E. H. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GIL, G. **Drão**. Álbum: Um banda um. 1981.

GOMES, S. C., BRITO, N. S., SILVA, N. E. F. et al. **Cuidados domiciliares de parteiras na assistência ao parto**. Rev enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2021; 29:e53642. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2021.53642>. Acesso em: 23 de abril de 2023.

GONZAGA, L. **Samarica parteira**. Samarica parteira: 1973. Spotify (5 min. e 51 seg).

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. **Mapa Político do Ceará**. Disponível em: <https://www.brasil-turismo.com/ceara/mapas/mapa-politico.htm>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

IACONELLI, V. **Mal-estar na maternidade**: do infanticídio à função materna. São Paulo: Annablume, 2015.

IACONELLI, V. **Manifesto antimaternalista**: psicanálise e políticas de reprodução. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=435139>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

IPHAN. **Dossiê Parteiras tradicionais do Brasil**. Recife: UFPE, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/aberta-consulta-publica-sobre-os-saberes-e-praticas-das-parteiras-tradicionais-do-brasil/Dossi_ParteirasTradicionaisdoBrasil_diagramadoparadivulgao_compressed.pdf. Acesso em: 24 de julho de 2023.

JESSIER QUIRINO. **Matuto no cinema**. Álbum: Paisagem de interior 1. 2004. Spotify (8 min e 1 seg.).

JULIANA LINHARES. **Nordeste ficção**. Álbum: Nordeste ficção. 2021. Spotify (4 min e 58 seg.)

KÄMPF, Cristiane; DIAS, Rafael de Brito. **A episiotomia na visão da obstetrícia humanizada: reflexões a partir dos estudos sociais da ciência e tecnologia**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.25, n.4, out.-dez. 2018, p.1155-1160.

KATZ, L.; AMORIM, M. M.; GIORDANO, J. C.; et al. **Quem tem medo da Violência obstétrica?** Rev. Bras. Saúde Mater. Infant., Recife, 20 (2): 627-631 abr-jun., 2020.
KASTRUP, V.; PASSOS, E. **Cartografar é traçar um plano comum**. Fractal, Rev. Psicol., v. 25, n. 2, p. 263-280, Maio/Ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/nBpkNsJc6DrmsTtMxfRCZWK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 de dezembro de 2023.

KILOMBA, G. **Memórias de plantação**: episódios do racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2022.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2019.

LENINE. **A ponte**. O dia em que faremos contato: 1997. Spotify (4 min. e 3 seg.).

LEE, R. **Pagu**. Álbum: 3001. 2000.

LINHARES, J. **Nordeste ficção**. Álbum: Nordeste ficção. 2021.

LUGONES, M. **Colonialidade e gênero**. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, M. **Rumo a um feminismo decolonial**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, 2014.

MACIEL, R. T.; PINHEIRO, V. **Doenças, Lutas Sociais, Medicina Tradicional e a Caça às Bruxas**. Rev História Debates e Tendências. Passo Fundo, v. 21, n. 1, p. 29-43, 2021. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/12116>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

MAIA, M. A. G.; VIEIRA, M. J.; BARBOSA, S. M. B. et al. **Conhecendo o Partear**: Orientações e dicas sobre o processo de parir. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil 2021. Disponível em: <https://sites.ufca.edu.br/ebooks/wp-content/uploads/sites/22/2021/03/Cartilha-Conhecendo-o-partear.pdf>. Acesso em: 02 de junho de 2024.

MALDONADO-TORRES, N. **Sobre la colonialidad del ser**: contribuciones al

desarrollo de un concepto. 2003. Disponível em:
<https://ram-wan.net/restrepo/decolonial/17-maldonado-colonialidad%20del%20ser.pdf>
 f. Acesso em: 19 de dezembro de 2024.

MANOELA, D. **Minha prece**. Retrato falado: 2018. Spotify (4 min. e 12 seg).

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. n-1 edições, 2018.

MEDEIROS, A. da S. **A dinâmica hospitalar da Maternidade Dr. João Moreira, em Fortaleza, nas primeiras décadas do século XX**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 20, n. 3, 2013, p. 963-981.

MIGNOLO, W. **Colonialidade**: o lado mais escuro da modernidade. RBCS, v. 32, n 94, 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Ministério da Cultura e UFCA lançam projeto para valorização dos saberes tradicionais do Cariri Cearense**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-cultura-e-ufca-lancam-projeto-para-valorizacao-dos-saberes-tradicionais-do-cariri-cearense#:~:text=O%20Ciclo%20de%20Saberes%20trata,nos%20espa%C3%A7os%20pr%C3%B3prios%20dos%20mestres>. Acesso em: 08 de junho de 2024.

NUNES, S. **Povoada**. Travessia: 2021. Spotify (1 min. e 33 seg)

OSAWA, R. H.; RIESCO, M. L. G.; TSUNECHIRO, M. A. **Parteiras-enfermeiras e Enfermeiras-parteiras**: a interface de profissões afins, porém distintas. Rev Bras Enferm, 2006, 59(5): 699-702. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/cB4nYSYHZwv8snXvRgbMW3z/>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

PASAJE UNIVERSO. **Oxum lava meus olhos**. Álbum: Circular. 2014.

PINHEIRO, I. **O Cariri; seu descobrimento, povoamento, costumes**. Coleção Biblioteca Básica Cearense. Fortaleza: FWA, 2009.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

RAIMONDI, G. A.; MOREIRA, C.; BRILHANTE, A. V.; BARROS, N. F. **A autoetnografia performática e a pesquisa qualitativa na Saúde Coletiva**:

(des)encontros metodológicos. Cad. Saúde Pública 2020; 36(12):e00095320. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/QpHzDBkR6cLpWjttVfxm7LP/>. Acesso em: 17 de março de 2024.

REPÚBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA. **Ley orgánica sobre el derecho de las mujeres a una vida libre de violencia.** Caracas: UNFPA; 2007. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos.** Brasília (DF): MS; 2012. Brasil.

Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.** Brasília (DF): MS; 2016. Brasil.

SANTANNA, O cantador. **Aprendi a cantar sem professor (poema incidental)/Xote Universitário.** Álbum: Forró Popular Brasileiro. 2002.

SANTOS, J. B. F. et al. **Parteiras cearenses:** história e memória do ofício de fazer o parto. Observatório de Recursos Humanos em Saúde Estação CETREDE / UFC / UECE. Fortaleza, 2007.

SCIENCE, C. **A cidade.** Álbum: Da lama ao caos. 1994.

SEGATO, R. L. **Crítica da colonialidade em oito ensaios:** e uma antropologia por demanda. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

SEGATO, R. L. **La guerra contra las mujeres.** 1. ed. Madrid: Traficantes de sueños, 2016.

SIFE - UFCA. **Região Metropolitana do Cariri no Sul do Ceará.** Disponível em: https://sifeufccariri.blogspot.com/p/o-cariri_12.html. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

SOLÓN, P. (org.). **Alternativas sistêmicas:** Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. Tradução de João Peres. São Paulo: Elefante, 2019.

SOUZA, K. R. F. de; DIAS, M. D. **História oral:** a experiência das doulas no cuidado à mulher. Acta Paul Enferm, n. 23, v. 4, p. 493 - 499, 2010.

STRÖMQUIST, L. **A origem do mundo:** uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado. 1. ed. São Paulo: Quadrinhos na cia, 2018.

TERREBLANCHE, C. **Ecofeminismo.** In: KOTHARI, A. et al. Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento. Tradução Isabella Victoria Eleonora. São Paulo: Elefante, 2021.

UNESP. **Tipos de revisão de literatura.** Botucatu, 2015. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

URCA. **Mestrado Profissional em Educação**. Disponível em: <http://www.urca.br/mpe/apresentacao/>. Acesso em: 22 de maio de 2024.

URCA. **Medicina**. Disponível em: <http://www.urca.br/portal2/medicina/>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

VALENTE, W. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1955.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. Traduzido por Jamile Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu editora, 2020.

VIEIRA, E. M. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

VIEIRA, J. F. **Dormindo à beira do abismo: a medicina no Cariri cearense 1800-1900**. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2018.

WALSH, C. **Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. TOMO II. Série Pensamento Decolonial, 1 ed. Editora Abya-Yala, 2019.

WERLHOF, C. von. **Novos matriarcados**. In: KOTHARI, A. et al. Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento. Tradução Isabella Victoria Eleonora. São Paulo: Elefante, 2021.

ZORDAN, P. B. M. B. G. **Bruxas: figuras de poder**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2): 256, 2005. Acesso em: 01 de maio de 2023.

APÊNDICE A – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Ordem	Título	Ano de publicação	Autores	Objetivos
	Bem Viver	11 artigos selecionados		
1	Bem-viver: nova perspectiva para se relacionar com o tempo	Motoricidade s: Rev. SPQMH, v. 5, n. 1, p. 42-54, jan.-abr. 2021 ISSN 2594-6463 DOI: http://dx.doi.org/10.29181/2594-6463-2021-v5-n1-p42-54	MARCOS JOSÉ DE AQUINO PEREIRA	Este ensaio debate o tempo como algo que foi fetichizado pela Modernidade, assumindo um papel determinante na vida das pessoas, consequência da dicotomização entre tempo de trabalho e tempo de ócio, com a valorização do primeiro sobre o segundo, e a sua associação com a busca pela qualidade de vida em detrimento a se usufruir de uma vida de qualidade, diante do que apresentamos como possibilidade de superar essa realidade a perspectiva do Bem-Viver, que parte de outra relação com o tempo, a natureza e os/as outro/as, fruto das vivências e conhecimentos dos povos originários da América Latina.
2	Saberes, Bem Viver e resistência dos povos indígenas: a realidade do povo Puruborá da aldeia Aperi – RO, Brasil ¹	Caderno de Geografia, v.31, n.65, 2021	Anatália Daiane de Oliveira Ramos Edson Caetano	O objetivo do presente artigo é analisar os povos indígenas, seus saberes tradicionais, o Bem Viver e sua resistência ao sistema capitalista.

3	A necessária decolonização de mentes para o bem viver	Revista Presença Geográfica Fundação Universidad e Federal de Rondônia, Brasil ISSN-e: 2446-6646 Periodicidad e: Frecuencia continua vol. 07, núm. Esp.02, 2020	Klondy Lucia de Oliveira Agra	O objetivo principal de analisar as propostas atuais que se exibem na academia sobre o Desenvolvimento e o Bem Viver, procura-se discutir a definição desenvolvimento, com auxílio de teóricos das ciências sociais, verificando as diferenças trazidas por esse termo entre os chamados países centrais (desenvolvidos) e periféricos (não desenvolvidos) para então analisar a possibilidade do Bem Viver e a necessária decolonização de mentes para a desconstrução de conceitos e fazeres que lembram a colonização europeia na América Latina e, a partir daí, sugerir caminhos a um novo conceito de vida.
4	Indicadores de Bem Viver: pela valorização de identidades culturais	Vol. 53, p. 78-101, jan./jun. 2020. DOI: 10.5380/dm a.v53i0.629 63. e-ISSN 2176-9109 Desenvolv.	Liliane Cristine Schlemer ALCÂNTARA, Carlos Alberto Cioce SAMPAIO	O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta, no âmbito teórico-metodológico, de um sistema de indicadores de Bem Viver relacionado ao bem-estar subjetivo, superando os limites da mera quantificação econômica.
5	BEM VIVER E GÊNERO: APROXIMAÇÕES E REFLEXÕES DECOLONIAIS	Revista Videre, Dourados, v. 13, n. 26, jan./abr., 2021 – ISSN: 2177-7837	Cláudia Cinara Locateli Thaís Janaina Wenczenovicz	O estudo investiga o bem viver como paradigma da sustentabilidade social em igualdade de gênero pela episteme do feminismo decolonial.

6	BEM VIVER, DECOLONIALIDADE E BIOÉTICA DISCUSSÕES, CONTRIBUIÇÕES E ARTICULAÇÕES	Revista X, v. 16, n. 1, p. 194-205, 2021.	Leandro SALAMANCA LÓPEZ	A presente reflexão pretende mostrar como o projeto de decolonialidade, a proposta do Bem Viver e a Bioética contribuem de maneira significativa para a resolução de problemas atuais advindos do projeto da Modernidade, como por exemplo, as relações de poder, a pobreza, a deterioração ambiental, o consumo, o sentido de comunidade, a luta pela sobrevivência e outros aspectos de igual ou maior relevância.
7	Educação Popular e decolonialidade: resistências, reexistências e potências para um cuidado inclusivo na saúde e projetos coletivos para o “Bem viver”	https://doi.org/10.1590/Interface.200537	Carla Pontes de Albuquerque	Ensaio
8	Contra o Racismo, Sexismo e pelo Bem-Viver!1 Mulheres contra hegemônicas pensando uma nova forma de ser e existir	albuquerque: revista de história, vol. 13, n. 26, jul. - dez. de 2021 e-issn: 2526-7280	Dayane Nayara Conceição de Assis	O presente trabalho objetiva apresentar algumas notas introdutórias sobre o conceito de Bem Viver, bem como estabelecer as possíveis conexões existentes com aquilo que tem sido produzido pelas mulheres negras e indígenas no Brasil.
9	O Bem Viver como Modo de Vida Ecocêntrico, Intercultural E Plurinacional	Rev. Bras. Prev. Curitiba (PR) v.12.n.1 e-5378 p.01-18 Janeiro-Junho 2021.	Pedro Coelho Marques	Estuda-se no presente trabalho o Bem Viver enquanto conjunto de valores oriundos da cosmovisão utópica traduzida em um modo de vida a ser implementado e buscado por um Estado.
10	Alternativas à lógica desenvolvimentista: ideais pré-coloniais, acivilizatórios e/ou descoloniais a partir de cosmovisões afro-ameríndias	Aedos, Porto Alegre, v. 14, n. 31, p. 151-171, jul.–dez., 2022	Livia Maria Nascimento Silva1 Antônio Manoel Elíbio Júnior	o presente trabalho se propõe a tecer uma crítica a lógica desenvolvimentista fundada na colonialidade racializada e, em contraponto, apresentar outras cosmovisões, de raízes afrodiaspóricas e afro-ameríndias, como a Maat, o Ubuntu, a Carta

				Mandinga, o quilombismo e o Bem Viver, abrindo caminhos para pensar a centralidade e valorização da vida, em suas múltiplas dimensões, para o mundo como um todo.
11	Feminismo decolonial	Princípios: Revista de Filosofia, Natal, v. 27, n. 52, jan.-abr. 2020, Natal. ISSN1983-2109	Susana de Castro	O objetivo do artigo é mostrar que a matriz eurocêntrica do vocabulário de luta feminista atrapalha a elaboração de um modelo de feminismo que abarque o racismo estrutural dos países que foram colonizados.
	Caça às bruxas	8 artigos selecionados		
12	AS BRUXAS DA AMÉRICA LATINA: MEMÓRIAS DAS CICATRIZES	REVELL – ISSN: 2179-4456 - 2018 – v.3, nº.20 – dezembro de 2018.	Lara Luiza Oliveira Amaral Gilmei Francisco Fleck	Analisamos neste texto como o corpo feminino e as suas cicatrizes estão atados à memória de um episódio tão longínquo e, ao mesmo tempo, tão presente.
13	Bruxas: figuras de poder	Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2): 256, maio-agosto /2005	Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan	Este artigo percorre textos de historiadores, em especial o de Jules Michelet, que no século XIX construiu a imagem romântica e martirizada da bruxa, e o manual de inquisidores do século XIV, o Malleus Maleficarum, que descreve os poderes da bruxa, sua aliança com o demônio e sua ameaça para o cristianismo. Os discursos instaurados por tais textos constroem tanto a imagem que glorifica a bruxa quanto aquela que a execra, mostrando ambas o potencial

				transformador de suas práticas e de sua ligação com a sexualidade.
14	Feitiçaria na vila de Curitiba: direito e misoginia	Rev. Direito Práx., Rio de Janeiro, Vol. 10, N. 1, 2019, p. 222-249.	Danielle Regina Wobeto de Araujo	Traçaremos a relação feitiçaria e mulheres no período colonial brasileiro por meio de um processo criminal secular que apurou o delito de feitiçaria na Vila de Curitiba, da segunda metade do Século XVIII
15	“As bruxas do patriarcado”: ressignificando a história das mulheres nos tempos da caça às bruxas	Dossiê: Diálogos e Intersecções entre História e Educação Volume 21 Número 2 Ano/período : Maio/Agosto 2022	Aline Rodrigues Maroneze	Busca-se compreender sobre o patriarcado e a sua (ir)relevância no controle e na disciplina das mulheres e de seus corpos.
16	Uma “caça às bruxas” centro-africana: os juramentos do bulungo em Massangano (Angola) em 1717	Rev. Hist. UEG - Morrinhos, v.11, n.1, e-112206, jan./jun. 2022	Alexandre Almeida Marcussi	Este artigo analisa uma denúncia enviada no ano de 1717 da vila de Massangano, em Angola, ao tribunal da Inquisição de Lisboa, na qual numerosos africanos foram acusados de feitiçaria por seus vizinhos e parentes.
17	Doenças, Lutas Sociais, Medicina Tradicional e a Caça às Bruxas	PASSO FUNDO, V. 21, N. 1, P. 29-43, JAN/ABR 2021	Roseli Tristão Macieli Veralúcia Pinheiroii	O objetivo deste estudo é discutir a medicina rústica em relação às lutas sociais ao longo da história no Ocidente.
18	Silenciamentos sobre gênero na historiografia brasileira: Inquisição e feitiçaria na América portuguesa	Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 21, n. 44, p. 331-349, maio/ago. 2020	Marcus Vinicius Reis Camila Marchesan Cargnelutti	Este artigo pretende, assim, problematizar a produção historiográfica brasileira acerca da feitiçaria e da religiosidade, destacando as principais vertentes, teorias e metodologias utilizadas pelos

				historiadores.
19	Mulheres e gênese do capitalismo: de Foucault a Federici	Princípios: Revista de Filosofia, Natal, v. 27, n. 52, jan.-abr. 2020, Natal. ISSN1983-2109	Silvana de Souza Ramos	Meu objetivo é realizar uma apresentação destes três eixos, dando ênfase ao diálogo de Federici com Foucault. Trata-se, por um lado, de apresentar a posição da autora com relação à genealogia da mulher no interior da ordem capitalista, a qual se constrói principalmente em torno de uma discussão com o livro História da Sexualidade I, e, por outro, de mostrar que as questões levantadas por ela ganham maior envergadura se tomamos Vigiar e Punir enquanto obra responsável pelo diálogo entre os dois autores.
	Parteiras tradicionais	13 artigos selecionados		
20	O DIREITO À ARTE DE PARTEJAR	http://dx.doi.org/10.5380/rfdufpr.v43i0.7031	Maria Juracy Aires	O trabalho tem o objetivo de provocar uma discussão e reflexão sobre os saberes informais construídos por atores sociais, que não estão inseridos no contexto da sociedade científica e tecnológica, onde o conhecimento é hegemônico e institucionalizado.
21	MEU CORPO, DE QUEM SÃO AS REGRAS? PARTEIRAS TRADICIONAIS E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO PARTO NO BRASIL: UMA QUESTÃO DE GÊNERO E EDUCAÇÃO	Revista de Estudos em Educação e Diversidade . v. 3, n. 9, p. 1-20, jul./set. 2022. Disponível em: http://periodi	Zoraide Santos Vieira Rita Maria Radl-Philipp	O presente estudo traz uma discussão teórica sobre a importância dos conhecimentos das parteiras tradicionais como necessárias ao resgate do protagonismo feminino no momento da parturição.

		cos2.uesb.br/index.php/reed		
22	A ARTE DE PARTEJAR: EXPERIÊNCIA DE CUIDADO DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS DE ENVIRA/AM	Esc Anna Nery Rev Enferm 2009 abr-jun; 13 (2): 319-27	Keyla Cristiane do Nascimento Evanguelia Kotzias Atherino dos Santos Alacoque Lorenzini Erdmann Hélio José do Nascimento Júnior Jacira Nunes Carvalho	Objetiva caracterizar a experiência de cuidado no partejar dessas parteiras.
23	O dom e a dádiva entre parteiras do Amapá: uma abordagem etnográfica	Saúde Soc. São Paulo, v.28, n.1, p.235-249, 2019	Marcus André de Souza Cardoso Raysa Nascimentob	Este artigo trata das visões de mundo e práticas das parteiras tradicionais que moram em Santana (AP, Brasil).
24	Parteiras-enfermeiras e Enfermeiras-parteiras: a interface de profissões afins, porém distintas	Rev Bras Enferm 2006 set-out; 59(5): 699-702.	Ruth Hitomi Osawa Maria Luiza Gonzales Riesco Maria Alice Tsunechiro	O objetivo do estudo é aprofundar a compreensão do significado da retomada do referido Curso no momento atual da assistência ao parto e nascimento.
25	As parteiras tradicionais e a medicalização do parto na região rural do Amazonas	Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana ISSN 1984-6487 / n. 33 - dic. / dez. / dec. 2019 - pp.79-100	Rônisson de Souza de Oliveira Nelissa Peralta Marília de Jesus Silva e Sousa	Este trabalho discute o papel das parteiras nesse contexto, as práticas e as técnicas tradicionais em uma região do Amazonas.
26	O saber/fazer das parteiras na Maternidade Carmela Dutra de Florianópolis - SC (1967/1994)	Rev Bras Enferm, Brasília 2011 mai-jun; 64(3): 423-30.	Neli Silvia Andreazzi Canassa, Miriam Süsskind Borenstein, Odaléa Maria Brüggemann, Vitória Regina Petters Gregório	Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem sócio-histórica que objetivou historicizar os saberes e fazeres das parteiras na Maternidade Carmela Dutra de Florianópolis-SC, no período de 1967 a 1994.

27	Paradoxos do programa de parteiras tradicionais no contexto das mulheres Krahô	DOI: 10.1590/1413-81232018247.09592017	Christine Ranier Gusman Douglas Antônio Rodrigues Wilza Vieira Villela	Este artigo analisa o impacto do Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais no cotidiano de um grupo de mulheres indígenas Krahô.
28	Associação das Parteiras Tradicionais do Maranhão: relato da assistência ao parto	Saúde Soc. São Paulo, v.25, n.3, p.589-601, 2016	Marina Santos Pereira	Investigou-se o processo de surgimento do trabalho das parteiras a partir dos relatos de 18 parteiras e sua relação com a Secretaria Municipal de Saúde, bem como suas ações.
29	A construção do cuidado das parteiras tradicionais: um saber/fazer edificante	Rev Bras Enferm, Brasília 2007 maio-jun; 60(3):317-22.	Moema da Silva Borges Diana Lúcia Moura Pinho Dirce Guilhen	Este artigo apresenta uma pesquisa realizada no Distrito Federal e região do Entorno do DF com o objetivo de identificar as representações sociais das parteiras tradicionais acerca do cuidado.
30	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS E O SEU MODO DE CUIDAR	Cad. Cedes, Campinas, vol. 29, n. 79, p. 373-385, set./dez. 2009	MOEMA DA SILVA BORGES* DIANA LÚCIA MOURA PINHO** SILVÉRIA MARIA DOS SANTOS***	Busca salientar a necessidade de diálogo entre os diferentes saberes e sinalizar que a educação popular pode contribuir para uma ecologia de saberes e para a prática educativa dos profissionais de saúde.
31	Inclusão de parteiras tradicionais no Sistema Único de Saúde no Brasil: reflexão sobre desafios	Rev Panam Salud Publica 37(4/5), 2015	Christine Ranier Gusman Ana Paula de Andrade Lima Viana Margarida Araújo Barbosa Miranda Mayane Vilela Pedrosa e Wilza Vieira Villela	O projeto objetivou uma articulação entre o parto e o nascimento domiciliares assistidos por parteiras tradicionais e os sistemas locais de saúde.
32	Cuidados domiciliares de parteiras tradicionais na assistência ao parto	Rev enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2021; 29:e53642	Samara Calixto Gomes; Nayara Santana Brito; Natácia Élem Felix Silva; Edilma Gomes Rocha Cavalcante; Antonio Germane Alves Pinto; Glauberto da Silva Q	Descrever os cuidados domiciliares prestados por parteiras tradicionais durante a assistência ao parto.

APÊNDICE B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Da caça às bruxas à resistência das parteiras tradicionais do Cariri cearense: partejando mundos decoloniais

Pesquisador: REBECCA PINHEIRO SEDRIM

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 78936224.4.0000.5056

Instituição Proponente: Universidade Regional do Cariri - URCA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.777.436

Apresentação do Projeto:

O presente estudo versa acerca do movimento de caça às bruxas (Federici, 2017 e Ehrenreich e English, 1973) que destruiu e criminalizou saberes e práticas ancestrais do universo feminino, realizando um genocídio, um feminicídio e um epistemicídio, expropriando às mulheres do conhecimento sobre seus corpos, expulsando as Parteiras da cena de parto e passando-o para as mãos de homens médicos, partindo de uma medicalização e da

institucionalização do parto (Foucault, 2019 e Vieira, 2002). Fazendo coro à afirmação do IPHAN (2021) de que as Parteiras tradicionais são agentes de decolonialidade, defendo que a proposta sulamericana do Bem Viver (Acosta, 2016 e Solón, 2019), os estudos decoloniais (Quijano, 2005; Mignolo, 2017 e Ballestrín, 2013) e mais especificamente o feminismo decolonial (Lugones, 2014/2020; Segato, 2016/2021 e Vergês, 2020), podem ajudar a trilhar um caminho para compreender a continuidade das Parteiras até os dias atuais. Objetiva-se com essa pesquisa: compreender como acontece o processo de resistências das Parteiras tradicionais do Cariri cearense diante das atualizações do movimento de caça às bruxas, para tanto será necessário inicialmente discutir as interligações entre os estudos decoloniais, o movimento de caça às bruxas, a medicalização, a institucionalização do parto e a continuidade da parteria tradicional, posteriormente apresentar o contexto do Cariri cearense e as Parteiras tradicionais que atuam na região delimitada, para, por fim, investigar as formas de resistências das Parteiras tradicionais do Cariri através dos seus

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1086
 Bairro: Pimenta CEP: 63.105-000
 UF: CE Município: CRATO
 Telefone: (88)3102-1212 Fax: (88)3102-1291 E-mail: cep@urca.br

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA



Continuação do Parecer: 6.777.436

saberes; elementos tradicionais próprios; modos de fazer e principais características do ofício de partejar (acompanhar partos). O caminho metodológico partirá de uma revisão de literatura do tipo narrativa, e a pesquisa de campo será uma cartografia (Kastrup e Passos, 2013 e Barros e Kastrup, 2015) construída a partir de três pilares: imersão etnográfica (Mattos, 2011) através do acompanhamento das parteiras, diário de campo

para registro das experiências e entrevista narrativa autobiográfica (Köttig e Vöter (2014). A pesquisa será realizada na Região Metropolitana do Cariri, em que após aprovação da pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), será contactada uma Parteira de acesso da pesquisadora e utilizando da técnica de bola de neve será solicitado que ela nos indique outra Parteira. Como produto educacional será desenvolvido um podcast com cinco episódios discutindo cada um dos aspectos teóricos da pesquisa, e os dois episódios finais com a participação das Parteiras, tendo como objetivo disponibilizar para os sujeitos da educação esse material de áudio registrando o movimento de Parteiras tradicionais da Região Metropolitana do Cariri, tendo sua relevância inscrita na preservação e continuidade do ofício de partejar (acompanhar partos).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Compreender como acontece o processo de resistência das parteiras tradicionais do Cariri cearense diante das atualizações do movimento de caça às bruxas.

Objetivo Secundário: Discutir as interligações entre os estudos decoloniais, o movimento de caça às bruxas, a medicalização e institucionalização do parto e a continuidade da parteria tradicional; Apresentar o contexto da Região Metropolitana do Cariri e as parteiras tradicionais que atuam na região delimitada; Investigar as formas de resistências das Parteiras tradicionais do Cariri, através dos seus saberes, elementos tradicionais próprios, modos de fazer e de transmissão do ofício de partejar (acompanhar partos).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: A pesquisa de base etnográfica pode despertar riscos MODERADOS de constrangimento, sensação de invasão de privacidade e cansaço, para minimizá-los será fomentado um ambiente acolhedor e privativo, pausas durante a entrevista e a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto; quanto aos riscos ELEVADOS de exposição, evocação de memórias, exposição de terceiros e imprecisão na divulgação dos resultados, a pesquisadora irá explicar previamente sobre a possibilidade de recusa para responder a qualquer pergunta, bem como exclusão/edição de alguma informação já fornecida, utilização de nomes fictícios de terceiros e autorização das participantes após a leitura da

Endereço:	Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1086	CEP:	63.105-000
Bairro:	Pimenta		
UF:	CE	Município:	CRATO
Telefone:	(88)3162-1212	Fax:	(88)3162-1291
		E-mail:	cep@urca.br

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA



Continuação do Parecer: 6.777.436

análise dos dados fornecidos por elas e construído pela autora, assinatura do termo de autorização de imagem e áudio antes da entrevista, bem como assinatura do termo de autorização de imagem e áudio antes da produção do produto educacional que será um podcast, e por fim exibição prévia para as participantes para concessão da aprovação final.

Benefícios: Produção de dados acerca do ofício das Parteirosas tradicionais em atuação no Cariri cearense, na observância acerca da preservação e continuidade de saberes ancestrais da prática de acompanhar o processo gestacional, bem como o parto e o pós-parto, observando a produção de um modo de pensar acerca do parto e do nascimento e um posicionamento de resistência ao Movimento de Caça às bruxas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de dissertação relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1) Folha de rosto apresentada e adequada.
- 2) Orçamento apresentado e adequado.
- 3) Cronograma apresentado e adequado.
- 4) TCLE apresentado e adequado.
- 5) Solicitação de dispensa de carta de anuência e termo de fiel depositário apresentada e acatada.
- 6) Projeto apresentado.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa não apresenta pendências. Quando o trabalho for defendido, a pesquisadora deverá enviar o relatório final ao CEP/URCA, conforme artigo 28 da Resolução 510/2016.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PIB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2308978.pdf	08/04/2024 15:50:55		Aceito
Projeto Detalhado	PROJETOCEP.pdf	08/04/2024	REBECCA	Aceito

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1086
Bairro: Pimenta CEP: 63.105-000
UF: CE Município: CRATO
Telefone: (88)3162-1212 Fax: (88)3162-1291 E-mail: cep@urca.br

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO
CARIRI - URCA**



Continuação do Parecer: 6.777.498

/ Brochura Investigador	PROJETOCEP.pdf	15:50:07	PINHEIRO SEDRIM	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	08/04/2024 15:32:07	REBECCA PINHEIRO SEDRIM	Aceito
Declaração de Pesquisadores	cartaquebradeanonimato.pdf	08/04/2024 13:59:25	REBECCA PINHEIRO SEDRIM	Aceito
Brochura Pesquisa	Brochura.pdf	08/04/2024 13:57:58	REBECCA PINHEIRO SEDRIM	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	cartaisencaofolhadepositoario.pdf	08/04/2024 13:54:50	REBECCA PINHEIRO SEDRIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	08/04/2024 13:52:47	REBECCA PINHEIRO SEDRIM	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	08/04/2024 13:50:38	REBECCA PINHEIRO SEDRIM	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	08/04/2024 13:47:52	REBECCA PINHEIRO SEDRIM	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CRATO, 20 de Abril de 2024

Assinado por:
Célida Juliana de Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1086
Bairro: Pimenta CEP: 63.105-000
UF: CE Município: CRATO
Telefone: (88)3162-1212 Fax: (88)3162-1291 E-mail: cep@urca.br

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, REBECCA PINHEIRO SEDRIM - URCA, estou realizando uma pesquisa intitulada DA CAÇA ÀS BRUXAS À RESISTÊNCIA DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS DO CARIRI CEARENSE: PARTEJANDO MUNDOS DECOLONIAIS, que tem como objetivo COMPREENDER COMO ACONTECE O PROCESSO DE RESISTÊNCIA DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS DIANTE DAS ATUALIZAÇÕES DO MOVIMENTO DE CAÇA ÀS BRUXAS. Tendo sua importância inscrita NA NECESSIDADE DE PRODUÇÃO DE DADOS QUANTO AO TRABALHO DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS NO TERRITÓRIO DELIMITADO, NA OBSERVÂNCIA QUANTO À PRESERVAÇÃO E A CONTINUIDADE DE SABERES ANCESTRAIS DA PRÁTICA DE ACOMPANHAR O PROCESSO GESTACIONAL, PARTO E POS-PARTO. Para isso, estou desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: MAPEAMENTO DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA ATRAVÉS DA CONTACTAÇÃO DE UMA PARTEIRA DE ACESSO DA PESQUISADORA E UTILIZANDO DA TÉCNICA DE BOLA DE NEVE SERÁ SOLICITADA A INDICAÇÃO DE OUTRA PARTEIRA TRADICIONAL, EM ATUAÇÃO, NA REGIÃO DELIMITADA; IMERSÃO ETNOGRÁFICA NA ATUAÇÃO DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA; DIÁRIO DE CAMPO; REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA, E POR FIM, A REALIZAÇÃO DE UM PRODUTO EDUCACIONAL A PARTIR DE UM PODCAST COM GRAVAÇÃO DE ÁUDIO E IMAGEM.

Por essa razão, a sra. está sendo convidada a participar dessa pesquisa. Sua participação consistirá na PERMISSÃO PARA QUE A PESQUISADORA ACOMPANHE SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL E CONCEDER UMA ENTREVISTA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA COM GRAVAÇÃO DE ÁUDIO, FICANDO LIVRE PARA ENCERRAR A ENTREVISTA OU NÃO RESPONDER ALGUMAS DAS PERGUNTAS, E POR FIM, A PARTICIPAÇÃO EM UM EPISÓDIO DO PODCAST (PRODUTO EDUCACIONAL).

O procedimento utilizado IMERSÃO ETNOGRÁFICA E DIÁRIO DE CAMPO poderá trazer desconfortos do tipo CONSTRANGIMENTO, INVASÃO DE PRIVACIDADE E CANSAÇO. O tipo de procedimento apresenta um risco MODERADO que será reduzido mediante AMBIENTE ACOLHEDOR E PRIVATIVO, PAUSAS DURANTE A ENTREVISTA E A PESQUISADORA ESTARÁ ATENTA AOS SINAIS VERBAIS E NÃO VERBAIS DE DESCONFORTO.

O procedimento utilizado ENTREVISTA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA poderá trazer algum desconforto do tipo EXPOSIÇÃO, EVOCAÇÃO DE MEMÓRIAS, EXPOSIÇÃO DE TERCEIROS E IMPRECISÃO NA DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS. O tipo de procedimento apresenta um risco ELEVADO que será reduzido mediante A PESQUISADORA IRÁ EXPLICAR PREVIAMENTE SOBRE A POSSIBILIDADE DE RECUSA PARA RESPONDER A QUALQUER PERGUNTA, BEM COMO EXCLUSÃO/EDIÇÃO DE ALGUMA INFORMAÇÃO JÁ FORNECIDA, UTILIZAÇÃO DE NOMES FICTÍCIOS DE TERCEIROS E AUTORIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES APÓS A LEITURA DA ANÁLISE DOS DADOS FORNECIDOS POR ELAS E CONSTRUÍDO PELA AUTORA, BEM COMO ASSINATURA DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E ÁUDIO ANTES DA PRODUÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL QUE SERÁ UM PODCAST, E POR FIM EXIBIÇÃO PRÉVIA PARA AS PARTICIPANTES PARA CONCESSÃO DA APROVAÇÃO FINAL.

Importante explicar que a ENTREVISTA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA será GRAVADA em gravador de voz, mediante assinatura do TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E ÁUDIO.

Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto, mesmo com adotando as medidas indicadas anteriormente para minimização, ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu REBECCA PINHEIRO SEDRIM serei a responsável pelo encaminhamento ao serviço adequado, em casos que ocorram durante ou logo após a pesquisa.

Diferente da maioria das pesquisas, solicitamos junto ao Comitê de Ética em Pesquisas - CEP a quebra de anonimato das participantes por conta da INTENÇÃO DE CONTRIBUIR PARA PRESERVAÇÃO E CONTINUIDADE DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE, E PARA TANTO SE FAZ IMPRESCINDÍVEL A NOMEAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DAS MESMAS. PORÉM, CASO ALGUMA DAS PARTICIPANTES NÃO SE SINTA CONFORTÁVEL COM A DIVULGAÇÃO DESTAS INFORMAÇÕES, MANTEREMOS O ANONIMATO DOS DADOS PESSOAIS, MANTENDO-A NA PESQUISA, MAS NÃO NO PODCAST, PELA EXPOSIÇÃO IMPLÍCITA AO MESMO.

Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de PRODUÇÃO DE DADOS ACERCA DO OFÍCIO DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS EM ATUAÇÃO NO CARIRI CEARENSE, NA OBSERVÂNCIA ACERCA DA PRESERVAÇÃO E CONTINUIDADE DE SABERES ANCESTRAIS DA PRÁTICA DE ACOMPANHAR O PROCESSO GESTACIONAL, BEM COMO O PARTO E O PÓS-PARTO, OBSERVANDO A PRODUÇÃO DE UM MODO DE PENSAR ACERCA DO PARTO E DO NASCIMENTO.

Todas as informações que você nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas/Seus RESPOSTAS e DADOS PESSOAIS, SOMENTE SERÃO EXPOSTOS MEDIANTE SEU CONSENTIMENTO PRÉVIO (TERMO DE CONSENTIMENTO) E POSTERIOR A ANÁLISE DE DADOS (TERMO DE AUTORIZAÇÃO), PARA A GRAVAÇÃO DO PODCAST (TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM) E PARA CONCESSÃO FINAL (APÓS A EXIBIÇÃO PRÉVIA DO PODCAST), considerando o motivo do benefício de preservação e continuidade do ofício da Parteira tradicional.

Sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou desistir após ter iniciado A PESQUISA.

Todos os custos para realização da pesquisa, como deslocamento e alimentação para a participante, e possível acompanhante, serão financiados pela pesquisadora responsável REBECCA PINHEIRO SEDRIM.

Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados, pode procurar REBECCA PINHEIRO SEDRIM, Sítio Almécegas, s/n, Zona Rural, km 1, Estrada de Santa Fé, Crato/CE, rsedrim@gmail.com, (88) 98112 4480, no horário que for necessário.

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1068, Campus Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1291, Crato/CE.

Se você estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o consentimento pós-esclarecido que se segue e receberá uma cópia deste Termo.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, eu SARMA SIMÕES ALVES PUNTO declaro que, após leitura minuciosa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tive oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores.

Ciente dos serviços e procedimentos aos quais serei submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo meu **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** para que participe voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assino o presente termo.

Cidade, 49 de JUNHO de 2019

Sarma A. Ponto

Assinatura do participante

OU



Impressão dactiloscópica

[Handwritten Signature]

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E ÁUDIO PARA ENTREVISTA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E ÁUDIO PARA ENTREVISTA

Eu, SAMARA SIMÕES ALVES PINTO,
 nacionalidade BRASILEIRA, estado civil CASADA, portador da Cédula de
 identidade RG nº 6348005 SSP/PE, inscrito no CPF/MF sob nº
003.098.173-04, residente à Av./Rua
GERALDO DE OLIVEIRA, nº. 340, município de
JOAZEIRO DO NORTE/Ceará AUTORIZO a gravação da minha imagem
 (câmera) e voz (câmera/gravador de voz) em todo e qualquer material entre vídeos, fotos e
 áudios, para ser ANALISADAS COMO DADOS em decorrência da pesquisa de mestrado
 intitulada DA CAÇA ÀS BRUXAS À RESISTÊNCIA DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS DO
 CARIRI CEARENSE: PARTEJANDO MUNDOS DECOLONIAIS, de autoria da mestranda
 REBECCA PINHEIRO SEDRIM.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de
 direitos de utilização das imagens e áudios não recebendo para tanto qualquer tipo de
 remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem
 que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e áudios ou a
 qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

JOAZEIRO DO NORTE-CE, dia 19 de JUNHO de 2024.

S. S. A. Pinto
 (Assinatura)

Nome: SAMARA SIMÕES ALVES PINTO
 Telefone p/ contato: 88 38824369

APÊNDICE E – PONTOS DA ENTREVISTA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

PONTOS DA ENTREVISTA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Data: 19/06/2024

Local da entrevista: Roda Semear

Nome da participante: Samara Simões

Informes para as participantes sobre o objetivo da pesquisa:

Gostaria de lhe pedir que você nos contasse um pouco a respeito de você mesmo e de sua história como Parteira tradicional, tudo que lhe ocorrer e depois irei fazer perguntas pontuais sobre aspectos anteriormente definidos ou para tirar dúvidas sobre alguma fala.

Após essa entrevista irei convidá-la a participar de um podcast com o objetivo de apresentar para o público em geral sua atuação como Parteira tradicional.

Em qualquer momento da pesquisa você poderá escolher não dar continuidade à entrevista, se recusar a responder qualquer uma das perguntas, como também pode, depois de já ter respondido solicitar que seja retirada da pesquisa. Alguma pergunta?

Pontos a serem perguntados na segunda fase da entrevista

1. Como foi o seu nascimento e os seus partos (se tiver tido filhos)?
2. Como se descobriu Parteira? Pode nos contar como foi o primeiro parto que acompanhou?
3. Aprendeu com alguém, fez alguma formação? Atualmente tem alguém acompanhando seu trabalho como Aprendiz de Parteira?
4. Quem pode se nomear parteira?
5. Por que você acha que as Parteiras foram e são perseguidas?

6. Você considera já ter vivido alguma perseguição por ser Parteira?
7. Como você vê o trabalho formal das Parteiras? Atuação junto ao SUS, direitos trabalhistas, fiscalização, etc?
8. Como percebe o espaço da Parteira tradicional hoje na cena de parto? E como era quando começou a atuar? E como deseja que seja no futuro?
9. Como as Parteiras tradicionais resistem na região do Cariri?
10. Qual a importância do parto domiciliar para você?
11. Como percebe o lugar da medicina, do hospital e do movimento do parto humanizado na cena de parto?
12. Faz algum ritual (músicas, fogueiras, uso de ervas, outras) durante o trabalho de parto ou após?
13. Quais cuidados são realizados quando ocorrem complicações?
14. Lembra-se de algum parto que tenha acompanhado e que tenha sido especialmente marcante?
15. Tem algo a mais que gostaria de compartilhar e que não foi contemplado na entrevista?
16. Poderia indicar outra Parteira do Cariri para ser entrevistada?